

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA

CATEQUESE COM ADULTOS: FÉ E RESILIÊNCIA

Eduardo Antonio Calandro

Goiânia/ Novembro de 2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA

CATEQUESE COM ADULTOS: FÉ E RESILIÊNCIA

Eduardo Antonio Calandro

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Prof. Dr. Sebastião Benício da Costa Neto.

Goiânia/Novembro de 2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA
Folha de Avaliação

Eduardo Antonio Calandro

CATEQUESE COM ADULTOS: FÉ E RESILIÊNCIA

BANCA EXAMINADORA

Dr. Sebastião Benício da Costa Neto / PUC GOIÁS (Membro Efetivo –
Presidente da Banca)

Dra. Vannuzia Leal Andrade Peres / PUC GOIÁS (Membro convidado
interno)

Dr. Sérgio Araújo (Membro convidado)

Dr. Fábio Jesus Miranda / PUC GOIÁS (Membro suplente)

*Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se
não tocarmos o coração das pessoas.
Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que
respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor
que promove.
E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja
nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira, pura enquanto durar. Feliz
aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.*

(Cora Coralina)

*Dedico este trabalho à minha mãe **Maria Tereza Carnietto Calandro,***

mulher de fé, esperança e otimismo.

Que, no decurso da vida cheia de adversidades,

sempre me inspirou resiliência.

Transcorridos quase dois anos, mais um ciclo está para se encerrar. O tempo correu tão rápido que chega a parecer surreal. Ora estou prestes a concluir o mestrado em Psicologia, foram mais de 52 mil quilômetros percorridos. Para chegar aqui neste dia, muita estrada andei, mas valeu a vida entregue para estar aqui neste momento.

Concluir o mestrado em Psicologia sempre foi um sonho, um ideal, um projeto de vida. Mas, fazê-lo na PUC Goiás, foi uma dádiva. A concretização desse sonho foi possível somente graças à aceitação da orientação do professor Dr. Sebastião Benício da Costa Neto, a quem devo o mais especial de todos os agradecimentos.

Conhecemo-nos na aula de Psicologia da Saúde, quando me introduziu de um jeito leve e agradável no universo da Psicologia Positiva e da resiliência. Foi preciso pouco tempo para perceber que a escolha do orientador tinha sido a melhor possível. Improvável alguém não se cativar com o seu senso de humor e o seu jeito leve com o qual conduz suas aulas. Sua serenidade e a forma como coteja os assuntos mais complexos tornaram-se objeto de admiração. Não obstante as suas feições, pouco tempo foi preciso também para descobrir que seu papel não se restringia ao de um mentor, mas, também, de um parceiro.

Aos professores, Dra. Vannuzia Leal Andrade Peres e Dr. Sérgio Araújo, pela disponibilidade e contribuições proferidas para com o presente trabalho. Tenham certeza que estas foram de grande valia.

Como não poderia deixar de ser, devo um agradecimento a minha família de comunidade, aos meus paroquianos da cidade de Santa Fé de Goiás, pela compreensão das minhas ausências da paróquia, em especial as catequistas Valma e Graça, Naédes e Luciana e Maria de Fátima. E a Dom Eugenio Rixen, bispo da diocese de Goiás que sempre me acompanhou e incentivou em todos os aspectos da vida.

Da mesma forma, agradeço ao meu amigo e irmão Pe. Jordélio Siles Ledo, CSS, por endossar todo o caminho trilhado, desde o princípio até o término dessa etapa, vencendo todos os revezes da sua vida e, ainda, corroborando com o meu estado de espírito, especialmente nos momentos de fraquejo, nos quais não deixou sucumbir a esperança de concretização desse tão sonhado momento. Você foi parte incontestável dessa realização.

À querida Ir. Mercedes de Budalléz Diez, por fazer da sua casa acolhida para a minha permanência em Goiânia durante os dias de aula, muito obrigado.

Faz jus também o agradecimento aos meus amigos, seminaristas Rafael Gonçalves, Salvador Nascimento e Fernando Carlos da Silva, os frutos rendidos de nossa amizade estão longe de se esgotar.

Agradeço de forma carinhosa às minhas amigas que o mestrado me presenteou: Vania Machado, Solange Gomes e seu esposo Alexandre Lênin.

À minha mãe goiana, Creuza Arrais, que no silêncio da vida sempre se fez presente.

Agradeço ainda aos irmãos e irmãs da minha família da Associação de Fiéis de Formação Permanente – CEFOPE, sendo hoje a razão do meu serviço à Igreja.

Por fim, finalizo meu agradecimento direcionando-o à ADVENIAT que me ajudou no financiamento deste mestrado, retribuirei servindo nos lugares mais pobres e necessitados para a promoção da Evangelização em resgate da dignidade da mulher e do homem do hoje da nossa história.

SIGLAS E ABREVIACÕES

AT	<i>Antigo Testamento</i>
At	<i>Atos dos Apóstolos</i>
AG	<i>Ad Gentes</i>
1 Cor	<i>1a. Carta aos Coríntios</i>
CT	<i>Exortação Apostólica Catechesi Tradendae</i>
CR	<i>Catequese Renovada, orientações e conteúdo</i>
ChL	<i>Christi Fidelis Laici sobre a vocação e missão dos leigos</i>
CELAM	<i>Conferência (Conselho) Episcopal Latino Americano</i>
CIC	<i>Catecismo da Igreja Católica</i>
CNBB	<i>Conferência Nacional dos Bispos do Brasil</i>
ChD	<i>Decreto Christus Dominus</i>
DGAE	<i>Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil</i>
DGC	<i>Diretório Geral para a Catequese</i>
DCG	<i>Diretório Catequético Geral</i>
DP	<i>Documento de Puebla</i>
DAp	<i>Documento de Aparecida</i>
DNC	<i>Diretório Nacional de Catequese</i>
DV	<i>Dei Verbum</i>
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
Ex	<i>Êxodo</i>
Gn	<i>Gênesis</i>
GE	<i>Gravissimum Educationis</i>
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
GF	<i>Grupo Focal</i>
Hb	<i>Hebreus</i>
Hab	<i>Habacuque</i>
1 Jo	<i>1a. Carta de João</i>
Jo	<i>João</i>
Lc	<i>Lucas</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i>
Mc	<i>Marcos</i>
Mt	<i>Mateus</i>

NT	<i>Novo Testamento</i>
Nm	<i>Números</i>
Rm	<i>Romanos</i>
RM	<i>Redemptoris Missio</i>
Sl	<i>Salmos</i>
SBC	Semana Brasileira de Catequese
SRPB	<i>Espiritualidade, Religião e Crenças Pessoais</i>
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i>
SCALA	Sociedade de Catequetas Latino Americana
VD	<i>Verbum Domini</i>

Resumo

A experiência de fé é algo impactante na vida de uma pessoa, como atitude de quem se entrega com total confiança a Deus, vendo nele a razão última da própria existência, e faz desta entrega o eixo central de sua vida, que orienta todo o seu agir, potencializando assim a resiliência frente às adversidades do cotidiano. Pretende-se compreender os aspectos psicológicos da experiência de fé e analisar a sua importância como promotora de resiliência dos adultos que estão no itinerário da catequese. Estudos mostram que pessoas que se consideram mais religiosas, tais como participantes nas atividades religiosas, como frequência a cultos e orações apresentam maior bem estar psicológico. A resiliência é entendida como capacidade para superar situações adversas e a experiência de fé alavancando, como algo a mais que uma pessoa possui para ser resiliente. É uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com orientação analítico-descritiva, mediante a técnica do Grupo Focal com questões em aberto. Os sujeitos são os adultos que participam da catequese na paróquia Nossa Senhora da Guia em Santa Fé de Goiás. A interpretação dos dados coletados seguiu a técnica de análise de Bardin. Seguindo os relatos dos participantes, a experiência de fé lhe dá a capacidade para desenvolver-se bem, para continuar projetando-se no futuro apesar dos acontecimentos desestabilizadores, de condições de vida difíceis. A partir da experiência de fé a pessoa se torna capaz de superar, aprender ou mesmo ser transformada com a adversidade que é inevitável a vida.

Palavras Chave: Psicologia Positiva, Teologia Pastoral, Catequese, Experiência de fé, Resiliência.

ABSTRACT

The faith experience is something striking in a person's life. Attitude of surrender with confidence to God, seeing in Him the reason for the very existence and delivery makes this the central axis of his own life that guides all their actions, thereby boosting the resilience against the adversities of everyday. Objective is to understand the psychological aspects of the faith experience and analyze its importance in facilitating resilience of adults who are on the itinerary of catechesis. Studies show that people who consider themselves religious, such as participating in religious activities, attendance at worship, prayers, have greater psychological well-being. Resilience is understood as the ability to overcome adversity and faith experience leverage as something more than a person has to be resilient. It is a qualitative, exploratory and descriptive-analytic research oriented by the technique of Grupo Focal with open questions. The subjects are adults who participate in catechesis in the Parish of Our Lady of Guidance in Santa Fé de Goiás. The interpretation of the collected data followed the analysis technique of Bardin. Following the reports of the participants, the faith experience gives you the ability to develop and to continue projecting into the future despite the destabilizing events of difficult living conditions. From the faith experience a person becomes able to overcome, learn or even be transformed with the adversity that life is inevitable. From the faith experience a person becomes able to overcome, learn or even be transformed with the adversity that life is inevitable.

Keywords: Positive Psychology, Pastoral Theology, Catechesis, Experience of Faith, Resilience.

Lista de tabelas

Tabela 1 – Perfil Sócio Demográfico dos participantes 72

Tabela 2- Instrumento WHOQOL-SRPB 77

Tabela 3- Descrição em Gráfico do WHOQOL-SRPB 78

Tabela 4- Descrição e frequência das categorias e subcategorias temáticas derivadas da entrevista semiestruturada do Grupo Focal 80

Sumário

APRESENTAÇÃO 1

INTRODUÇÃO 3

CAPÍTULO 1: PSICOLOGIA POSITIVA E TEOLOGIA PASTORAL EM BUSCA DE NOVOS PARADIGMAS 10

INTRODUÇÃO 10

1- PSICOLOGIA POSITIVA VERSUS PSICOPATOLOGIA: UM NOVO JEITO DE PENSAR O SER HUMANO 11

2- CONSIDERAÇÕES SOBRE PSICOLOGIA POSITIVA 14

3- CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA POSITIVA 17

4- TEOLOGIA PASTORAL NA ATUAL CONJUNTURA DA AÇÃO EVANGELIZADORA 21

5- A CATEQUÉTICA COMO PENSADORA DA PRÁXIS EVANGELIZADORA 24

6- PSICOLOGIA POSITIVA E TEOLOGIA PASTORAL APROXIMAÇÕES 25

CONCLUSÃO 27

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 33

CAPÍTULO 2: CONTRIBUIÇÕES DA FÉ NO PROCESSO DE RESILIÊNCIA 36

INTRODUÇÃO 36

1- CONCEITO DE FÉ NA TEOLOGIA CRISTÃ 37

2- A FÉ NO CONTEXTO ATUAL DE MUDANÇA DE ÉPOCA 41

3- RESILIÊNCIA PRESENTE NA VIDA 43

4- RESILIÊNCIA E EXPERIÊNCIA DE FÉ 46

5- FÉ COMO RESILIÊNCIA 53

5.1- O CULTIVO DE UMA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ 55

5.2- UMA VIDA CENTRADA NA SAGRADA ESCRITURA 57

5.3- A PARTICIPAÇÃO NAS CELEBRAÇÕES LITÚRGICAS 60

CONCLUSÃO 62

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 62

CAPÍTULO 3: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DE FÉ DOS ADULTOS NO
ITINERÁRIO DA CATEQUESE 67

INTRODUÇÃO 67

1- MÉTODO 67

1.1- OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS FORAM 69

1.2- PRODEDIMENTO 71

1.3- TÉCNICA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DE LAURENCE BARDIN 73

2- RESULTADOS 74

2.1- PERFIL DOS PARTICIPANTES 74

2.2- RESULTADOS DO WHOQOL SRPB 75

2.3- DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS TEMÁTICAS 81

3- DISCUSSÃO 83

CONCLUSÃO 100

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 101

ANEXOS 104

APRESENTAÇÃO

Iniciei todo o meu caminho formativo no ano de 1997, quando entrei para o Seminário Diocesano de Santo André, em São Paulo. Em 1999, na conclusão do curso de Filosofia, aprofundei sobre o sentido da sexualidade humana em uma perspectiva existencial, e, desde então, meu interesse se voltou para a Psicologia. Assim, decidi entrar na graduação em Psicologia antes de ingressar na Teologia.

No de 2007, fui ordenado Presbítero pela imposição das mãos de Dom Eugênio Rixen, bispo da diocese de Goiás.

O interesse por esta pesquisa nasce a partir da experiência de trabalho que tenho realizado na ação catequética, tanto em nível diocesano, quanto no regional e nacional.

Sou assessor da Comissão Pastoral para Animação Bíblico-Catequética da CNBB Centro-Oeste, faço parte do GREBICAT – Grupo de Reflexão Bíblico Catequético da CNBB nacional, escrevo para a Revista de Catequese, UNISAL, Revista Paróquias, Revista da editora Ave Maria, assessoro a catequese em várias regiões do Brasil. Atualmente sou pároco da Paróquia Nossa Senhora da Guia, em Santa Fé de Goiás.

Desde 2006, juntamente com o Pe. Jordélio Siles Ledo, sistematizamos alguns dos nossos escritos em catequese, escritos realizados a partir de autores da educação e do desenvolvimento, buscando contribuições para a Catequética. Apresentamos nosso trabalho para a editora Paulus e, nos anos de 2010 a 2011, lançamos os livros intitulados Psicopedagogia Catequética. Vol I - Criança, que está quarta na edição, Vol II - Adolescentes e Jovens, na terceira edição, Vol III - Adulto, que está na segunda edição, e o Vol IV - Pessoa Idosa. Em dezembro do corrente ano, lançamos, pela editora Vozes, o livro: Pedagogia Catequética, o Saber e o Saber Fazer a Catequese.

Nos meus trabalhos pastorais, dedico maior parte do tempo para a formação dos catequistas em várias regiões do Brasil.

Quanto procurei a PUC para ingressar no mestrado em Psicologia, muitos me orientaram para que procurasse Ciências da Religião. Resisti, pois desejava fazer uma

pesquisa de cunho qualitativo. Todo o percurso entre Psicologia, Teologia e a Catequética levou-me a questionar os benefícios que a experiência de fé traz para a vida da pessoa, uma vez que a catequese preocupa-se exclusivamente com a educação da fé da pessoa e sua consequência para a vida. O que pretendi na pesquisa foi aprofundar a junção entre Fé e Vida e suas repercussões e os benefícios para a vida cotidiana e a resiliência como construto de personalidade.

INTRODUÇÃO

Nos estudos da Psicologia, durante um longo tempo, tratou-se muito mais das patologias, dos traumas do que as capacidades humanas e a dimensão positiva que a vida tem. Como afirmam Snyder e Lopez (2009, p.17): “A psicologia e a psiquiatria do século XX se concentraram nos defeitos das pessoas... A psicologia aplicada do passado estava mais relacionada à doença mental, e à compreensão e ao auxílio destas pessoas que estavam vivenciando tais tragédias”.

O movimento pela Psicologia Positiva teve início em 1998, quando o psicólogo Martin Seligman assumiu a presidência da *American Psychological Association* (APA). Segundo ele, a ciência psicológica vinha negligenciando o estudo dos aspectos virtuosos da natureza humana. Nas últimas décadas, porém, alguns pesquisadores começaram a observar indivíduos e grupos que, sendo expostos a situações traumáticas, pessoais, familiares e sociais, conseguiam desenvolver-se bem e continuar crescendo, apesar desses acontecimentos adversos.

Por isso, pensar uma ciência que focalize nas potencialidades e qualidades humanas exige reflexão e seriedade conceitual, teórica e metodológica quanto o estudo das patologias. Na esteira destas iniciativas, alguns fenômenos indicativos de “vida saudável” têm sido referidos como sistemas de adaptação ao longo do desenvolvimento (Masten, 2001), dentre os quais se destaca a resiliência.

A vida é marcada por situações que nem sempre são controláveis, existem circunstâncias desfavoráveis para o bom desenvolvimento do ser humano, causam desgastes de toda natureza, razão porque cumpre superar esses eventos e suas consequências e adotar medidas de proteção. Uma das formas para o indivíduo superar as adversidades é ser resiliente, encontrar em si mesmo a capacidade de enfrentar situações de enorme dificuldade e sobreviver a elas mantendo qualidade de vida. É neste sentido que a fé pode ser um fator a mais na experiência cotidiana da vida para aumentar e fortalecer a resiliência.

Segundo Inhauser (2000), é impossível ao ser humano passar por essa vida sem experimentar tragédias, perdas e crises. Ninguém está livre de passar por estas experiências que causam tanto sofrimento e dor. Uma hora ou outra indivíduos ou grupos são submetidos a situações adversas que podem paralisá-los ou fortalecê-los na caminhada.

A experiência de fé é algo universal, a pessoa busca respostas para algo que está além da sociedade, além da ciência, além das regras impostas pelo cotidiano. Neste contexto, percebe-se a fé como algo que está relacionado ao sobrenatural, à busca da pessoa por aquilo que não se vê e que se realiza na concretude da vida.

Com preocupação sobre a vivência e a experiência de fé do homem contemporâneo, o papa emérito Bento XVI abrindo um ano de reflexão para toda a Igreja Católica, afirma em sua carta apostólica *Porta Fidei*.

“Com efeito, a fé cresce quando é vivida como experiência de um amor recebido e é comunicada como experiência de graça e de alegria. A fé torna-nos fecundos, porque alarga o coração com a esperança e permite oferecer um testemunho que é capaz de gerar: de fato, abre o coração e a mente dos ouvintes para acolherem o convite do Senhor a aderir à sua Palavra a fim de se tornarem seus discípulos” (Bento XVI, 2012, p. 12).

A experiência de fé é uma experiência interna forte, marcante, o indivíduo sente a profunda presença de Deus, que pode ser vivida como experiência de autoconhecimento e, ao mesmo tempo, ser experiência de relação com o outro. Por isso pretende-se explorar os aspectos psicológicos da experiência de fé e sua relação com a vida cotidiana dos adultos que estão no itinerário da catequese.

O que se pretende estudar é o fato de que, por meio destas experiências de fé ao longo do percurso da catequese, com suas propostas temáticas, com a participação nas celebrações da comunidade, através dos ritos próprios do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA), estas pessoas podem obter um bem estar de saúde, alcançar seus objetivos, sentirem-se mais felizes e ter benefícios na qualidade de vida.

Sendo assim, esta pesquisa tem a intenção de apresentar a fé cristã e a ação da catequese como elementos importantes na formação de indivíduos resilientes, isto é, “pessoas capazes de extrair do íntimo de seu ser uma reserva extra de forças para superar dificuldades” (Hoch, 2007, p. 72).

Grotberg (1995) apresenta a resiliência como a capacidade universal que permite a uma pessoa, grupo ou comunidade prevenir, minimizar ou dominar os efeitos nocivos da adversidade.

É preciso compreender o que vem a ser o termo resiliência, de onde deriva a palavra resiliente, que tem origem na física dos materiais e é entendido como a propriedade elástica dos materiais de retornar à sua forma original depois de submetidos à forte pressão, segundo Polleto & Koller (2008, p.22):

“Originariamente, o termo resiliência surgiu da física, conforme o dicionário brasileiro Ferreira (1975) e se refere à propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora de deformação elástica. Já o dicionário da língua inglesa traz: a psicologia diz que resiliência é a habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito, depois de passar por doenças e dificuldades”.

A aplicação da palavra resiliência nas ciências sociais e humanas rapidamente ganhou espaço próprio, superando a acepção figurada e restrita da Física que comumente a emprega em disciplinas relativas à resistência de materiais.

Compreende-se então que resiliência está ligada a atributos como elasticidade, flexibilidade, resistência, perseverança, autonomia, autorregulação, entre outros conceitos. A compreensão do conceito de resiliência tem se mostrado relevante para o aprofundamento dos estudos em diferentes áreas do conhecimento sobre o sofrimento e sua superação. Observa-se, portanto que, na Psicologia, resiliência é entendida como a capacidade humana de resistir às adversidades, mantendo o equilíbrio emocional diante dos dramas existenciais. Portanto, refere-se à qualidade de resistência e perseverança do ser humano frente às dificuldades da vida. Rocca confirma:

“Resiliar [resilier] é recuperar-se, ir para frente depois de uma doença, um trauma ou um estresse. É vencer as provas e as crises da vida, isto é, resistir a elas primeiro e superá-las depois, para seguir vivendo o melhor possível. [...] Implica que o indivíduo traumatizado se sobrepõe [rebondit (se desenvolve depois de uma pausa)] e se (re) constitua.” (Rocca, 2007, p.10)

Pode-se entender, então, a resiliência como capacidade de responder de forma mais consciente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante de tais desafios e circunstâncias desfavoráveis, com uma atitude otimista, positiva, perseverante, mantendo/conservando equilíbrio eficaz durante e após os embates.

Na Psicologia Positiva, o fenômeno da resiliência tem sido compreendido como a capacidade de o indivíduo recuperar-se após ter vivenciado circunstâncias adversas e ameaçadoras, tais como: guerra, morte de pessoas queridas, doenças graves, maus-tratos ou abandono na infância e desemprego. E, apesar de toda a dor e sofrimento, conseguir superar o problema e prosseguir numa linha de desenvolvimento e bem-estar consigo mesmo e com os outros.

São muitas as pessoas que buscam na experiência cristã soluções para os seus problemas do cotidiano. Este assunto da experiência de fé tem encontrado espaço no campo da psicologia. Teóricos de diversas correntes abordam o assunto, pois a vivência da fé é algo presente na vida de um número relevante de pessoas.

É neste sentido que se deseja estudar o fenômeno da experiência de fé, como atitude de quem se entrega com total confiança, pois importa para esta pesquisa entender a fé como a crença inabalável que ajuda a suportar as adversidades, quaisquer que sejam, buscando qualidade de vida. É essa força interna que leva o indivíduo adiante na vida e lhe proporciona condições de sair de uma situação psicológica de adversidade em direção à superação.

Compreender a fé cristã é adentrar-se no mundo da interpretação, mundo da hermenêutica, mundo humano. A fé cristã não é apenas uma esperança de que algo bom pode acontecer. Esperar é algo natural do ser humano e a fé passa por isso. A fé é a certeza de uma esperança. É quando aquilo que se espera, passa a ser uma convicção plena baseada no caráter da pessoa que prometeu. “Ora, a fé é a certeza daquilo que esperamos” (Hb 11,1).

A experiência de fé implica em uma disposição da pessoa para confiar, tem a confiança naquilo que é verdadeiro de fato, e, ainda que muitas vezes transcenda a razão, estão intimamente ligadas. A fé é confiança do coração, é íntima, interna e influência no comportamento da pessoa, dirigindo sua vida. A fé é uma atitude.

O papa Francisco afirma que a fé cristã deve ser refletida no comportamento, gestos, escolhas de cada pessoa. “Cristo venceu o mal de forma total e definitiva, mas de nós, os homens de nosso tempo, espera que acolhamos esta vitória em nossa vida na realidade concreta da história e da sociedade”.

Apresentar a fé cristã como portadora de horizontes de sentido existencial e últimos, pode despertar resiliência nas pessoas que estejam passando por sofrimento, promovendo-lhes esperança realista, autoconfiança, equilíbrio emocional e alegria existencial frente aos dramas que as atingem. De acordo com Hoch (2008, p. 73):

“Como cristão, eu acredito que a fé ajuda a despertar essa força muitas vezes adormecida dentro de nós. A fé é capaz de alimentar essa força. Aliás, eu creio que nós, mediante a fé em Deus, podemos nutrir, reforçar, treinar esta força como um músculo que precisamos exercitar para ficar forte. A fé em Deus é como uma força externa que fortalece essa força vital própria com a qual Deus, o criador, já nos presenteou no ato de nascermos”.

Rocca (2007, p. 26) também apresenta considerações singulares sobre a importância da fé cristã nos processos de resiliência:

“A fé, vivida com confiança em um Deus presente, e força, que ajuda a superar o sofrimento, parecem ser uma chave no desenvolvimento das capacidades de resiliência. Daí as implicações para contexto pastoral, lugar privilegiado para acompanhar esse processo, desafiando a comunidade de fé a redimensionar com essa ótica tantos recursos pessoais e comunitários que podem ser oferecidos por meio das celebrações, dos variados serviços e atividades pastorais”.

De acordo com Moreira-Almeida, Lotufo Neto e Koenig (2006, p. 242), os estudos de boa qualidade apontam que os níveis mais elevados no envolvimento religioso associam-se de forma positiva a indicadores de bem estar psicológico “...satisfação com a vida, felicidade, afeto positivo e moral mais elevado e a menos depressão, pensamentos e comportamentos suicidas, e uso/abuso de álcool/drogas”.

Em outro contexto, o autor Dalgarrondo (2006) apresenta que as pessoas que se consideram mais religiosas, tais como participantes nas atividades religiosas, “...como frequência a cultos, orações e leitura de textos religiosos também apresentam maior bem estar psicológico”. Dalgarrondo (2006) ainda associa que vários fatores e vários fenômenos ajam em sinergia:

“O apoio social dos grupos religiosos, a disponibilidade de um sistema de crenças que propicia sentido à vida e ao sofrimento, o incentivo a comportamentos saudáveis e regras referentes a estilos de vida propiciadores da saúde relacionados à alimentação, ao uso de substâncias, ao comportamento sexual, à criação dos filhos, etc” (Dalgarrondo, 2006, p. 23).

A fé não pode se desligada do cotidiano da vida, por isso, na Igreja Católica quando se refere à catequese, fala-se da interação fé e vida. Nos últimos tempos tem-se preocupado com a evangelização e a eficácia da catequese com adultos, pois muitos foram batizados por tradição, outros muitos por superstição, outros ainda por descargo de consciência. Nesta perspectiva os sacramentos são vistos como Ritos, simplesmente. O Documento da Conferência de Aparecida (2007) afirma que temos muitos católicos batizados, mas não evangelizados. Temos aí uma multidão de pessoas que não têm uma prática cristã em suas vidas, assumiram uma identidade católica, mas não são praticantes. Desde o ano 2001 a Igreja Católica do Brasil fez a opção de evangelizar os adultos, ir à busca destes que estão afastados da vida eclesial.

A catequese com adultos deve estar preparada para acolher este homem e esta mulher que, como a samaritana do Evangelho (Jo 4, 4-16), têm sede de Deus. Jesus ajuda esta mulher, responde às suas indagações, Jesus a considera interlocutora da sua mensagem, estabelece diálogo. Por isso a catequese com estes adultos, nestes novos tempos, deve ser uma catequese que parta do encontro, da experiência e do diálogo. Desta forma produzirá muitos frutos contando com adultos convictos de sua fé com consequências saudáveis para a vida cotidiana.

Considerando a dinamicidade dos encontros de catequese onde os adultos, sujeitos desta pesquisa, estão inseridos, optou-se pela técnica do grupo focal. A proposição de utilizá-lo como técnica de coleta e de análise de dados apresenta-se como algo natural, pois é uma característica da ação evangelizadora da catequese a interação grupal dos participantes.

A partir da literatura estudada, percebeu-se que a utilização do grupo focal como um espaço de discussão e de troca de experiências em torno da experiência de fé na vida cotidiana, foi peculiar para os sujeitos desta pesquisa, uma vez que os encontros de catequese acontecem na interação grupal. Além disso, o GF estimula o debate entre os participantes, permitindo que o tema abordado, ou seja, a experiência de fé, seja mais problematizado do que em uma situação de entrevista individual.

Pretende-se aprofundar a pesquisa sobre a fé alavancando a resiliência como fator de superação das pessoas que estão na catequese com adultos, diante deste novo paradigma que estuda a capacidade das pessoas e dos grupos de superarem as situações adversas e traumáticas e que, hoje, é conhecido como “resiliência”. Este paradigma, sem desconhecer a relevância dos estudos anteriores, propõe uma mudança de ótica, centrando a observação nas capacidades dos indivíduos e grupos de resistir e refazer-se após experiências de grandes sofrimentos. Em lugar de focar a observação nas fraquezas, sintomas, doenças, carências, tenta-se descobrir quais são os “fatores de proteção” e os “pilares de resiliência” que propiciam a promoção de forças do ambiente circundante e de capacidades pessoais para reagir e superar as adversidades da vida.

O que se deseja explorar, descrever é que a fé pode ser um fator muito importante para ser resiliente. Existe na literatura pesquisas que indicam a importância da relação entre resiliência e sua conexão com o apoio social da experiência de fé.

Sabe-se, que uma pessoa que não faz uma experiência de fé também pode ser resiliente, no entanto, deseja-se apresentar que o fator fé é algo a mais que uma pessoa possui para ser resiliente, visto que o indivíduo resiliente experimenta, amiúde,

momentos de transcendência alimentados por sua fé. Ser resiliente é encontrar em si mesmo a capacidade de enfrentar situações de enorme dificuldade e sobreviver a elas com qualidade de vida. Enquanto algumas pessoas superaram seus problemas, outras nem mesmo conseguem reagir a eles, mas há também aqueles que saem como que fortalecidas independentemente da gravidade da situação.

A amostra da pesquisa foi constituída por dezessete pessoas que estavam participando do itinerário da catequese na Paróquia Nossa Senhora da Guia, em Santa Fé de Goiás. Foram utilizados um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), um questionário sóciodemográfico e o instrumento Whoqol-SRPB que contempla, de forma ampliada, o construto aspectos espirituais/Religião/Crenças pessoais para avaliar a qualidade de vida e um roteiro semiestruturado para ser utilizado na coleta de dados a partir do Grupo Focal, sendo analisado pela técnica de análise de Bardin (2001).

Desta forma, o objetivo geral deste estudo é identificar, descrever e analisar a percepção e os efeitos que a experiência de fé traz para o processo de resiliência na vida cotidiana dos adultos que estão no itinerário da catequese.

O primeiro capítulo oferece uma revisão de literatura a partir da Psicologia Positiva e a Teologia Pastoral com concentração na reflexão sobre a catequética. Busca-se realizar um diálogo entre as duas ciências, a partir deste novo paradigma de estudo sobre a resiliência, bem como as contribuições da Psicologia Positiva na Teologia Pastoral. O segundo capítulo apresenta a revisão de literatura a partir da variável da pesquisa em questão sobre as contribuições da fé no processo de resiliência, os conceitos de fé e resiliência, contextualizando a fé sob o ponto de vista da atual conjuntura e a fé como resiliência. O terceiro capítulo refere-se à pesquisa de campo realizada junto aos adultos no itinerário da catequese. Por fim, percebeu-se que a experiência de fé faz com que as pessoas se sintam mais fortalecidas diante das situações de adversidades, consigam sair destas situações mais fortalecidas e resilientes.

CAPÍTULO 1: PSICOLOGIA POSITIVA E TEOLOGIA PASTORAL EM BUSCA DE NOVOS PARADIGMAS.

*Há pessoas que são como a cana, embora trituradas,
moídas, reduzidas a bagaço, só sabem dar doçura”
(Dom Hélder Câmara)*

INTRODUÇÃO

A Psicologia Positiva apresenta a resiliência como construto inserida em seu campo de estudo e pesquisa, a partir do ser humano exposto a situações adversas, ressaltando e buscando compreender os aspectos saudáveis ou potencialmente saudáveis das pessoas, em oposição à Psicologia Tradicional que coloca sua ênfase nos aspectos psicopatológicos.

“Neste sentido, a Psicologia Positiva pode ser entendida a partir de uma perspectiva ampla, como o estudo do funcionamento psíquico ótimo tanto de pessoas, como de grupos ou instituições, o que vem a corrigir o desequilíbrio entre investigação psicológica e prática centrada exclusivamente em variáveis psicopatológicas” (Solano, 2010, p. 19).

O desejo de fazer a interação entre Psicologia Positiva e Teologia Pastoral nasce a partir da práxis pastoral, especificamente na ação catequética em que, com frequência, aparecem pessoas tocadas pelo sofrimento que nos procuram em meio a suas dores e angústias diante do enfrentamento de alguma enfermidade, perda de um ente querido, dramas familiares, tragédias, entre outras realidades que causam sofrimento.

Sendo assim, este artigo objetiva apresentar a Psicologia Positiva com seus construtos e a Teologia Pastoral com sua prática na ação evangelizadora, reflexões, bem como elementos importantes na formação de indivíduos e comunidades resilientes, isto é, pessoas capazes de extrair, do íntimo de seu ser, uma reserva extra de forças para superar dificuldades.

O artigo está estruturado em seis tópicos. No primeiro, a novidade da Psicologia Positiva que ressalta o saudável, o positivo na vida, sem desconsiderar o negativo, mas vai contra a onda de patologias que a psicologia tradicional desenvolveu ao longo de sua história. No segundo, apresentam-se considerações preliminares sobre a Psicologia Positiva, seu surgimento, desenvolvimento e expansão. No terceiro, as contribuições da Psicologia Positiva. No quarto momento uma análise teológica da pastoral, na atual conjuntura da Igreja, ressaltando a história percorrida desde o Concílio Vaticano II. No quinto tópico, a prática da pastoral, a partir da ação catequética como necessidade de se

preocupar com o ser humano em todas as dimensões e situações de vida. Por fim, no sexto tópico busca-se refletir as aproximações de unidade que há entre Psicologia Positiva e Teologia Pastoral como recurso para lidar com o ser humano como lugar teológico, espaço onde a vida acontece, o ser humano concreto, a partir das diversas situações inerentes à existência humana, sejam elas adversas ou positivas, mas sempre ressaltando o aspecto bom que a vida pode oferecer em qualquer situação.

1- PSICOLOGIA POSITIVA VERSUS PSICOPATOLOGIA: UM NOVO JEITO DE PENSAR O SER HUMANO

Na década de 1950, a Psicologia tratou de todo o espectro do comportamento humano. Assim o fez por meio de seu conhecimento acadêmico e de sua prática. Em 1955, Erich Fromm explorou a “sociedade sã”, definindo a saúde mental como “a capacidade de amar e criar”. No mesmo período, a psicóloga social Marie Jahoda (1958) caracterizou a saúde mental como sendo a condição positiva movida pelos recursos psicológicos e desejos que a pessoa tem de crescimento pessoal (Snyder & Lopez, 2009, p. 293).

No entanto, no início deste século, está claro que ficou para trás o positivo em vista do negativo. Vê-se tímidas tentativas de busca pelo positivo na vida, mas somente recentemente o trabalho de Fromm foi redescoberto. Martin Seligman afirma que a prática da psicologia se encontra incompleta, pois a psicologia clínica ainda trabalha, essencialmente, no sentido de trazer indivíduos num estado doente, negativo a um estado normal.

“Perterson e Seligman afirmam que, atualmente, temos uma linguagem comum para falar sobre o lado negativo da Psicologia, mas não há uma terminologia equivalente para descrever as qualidades humanas” (Snyder & Lopez, 2009, p. 65).

Para Seligman (2002) este é o momento da Psicologia Positiva, pois a sua principal preocupação é ampliar o campo de estudos, aprofundar sua epistemologia e modificar o foco, ou seja, a Psicologia não pode estar restrita apenas a doença, aos danos, ou para reparar o que está errado ou ruim, mas sim em buscar potencializar e (re) construir qualidades positivas, pois o tratamento psicológico e as pesquisas em psicologia não devem pretender apenas consertar ou descobrir o que está “quebrado” ou não funciona, mas fomentar e nutrir o que existe de melhor nos indivíduos.

O estudo dos fatores traumáticos, chamados hoje de “fatores de risco”, adquiriu relevância e significação considerando a abordagem tanto dos efeitos negativos, como

das possibilidades terapêuticas. Os estudos de Freud e de autores posteriores conseguiram destacar a relevância do tema, significando um grande avanço científico.

Olhando somente a partir deste ponto de vista, poderia inferir-se que os episódios pessoais e sociais traumáticos ocasionam, quase necessariamente, consequências negativas no desenvolvimento normal, pessoal e coletivo. No entanto, esqueceram-se dos esforços das pessoas para vencer as adversidades e situações traumáticas que acompanham a sua história de vida. A Psicologia vem abordando essas questões dentro deste novo movimento científico intitulado Psicologia Positiva, que, nesta nova proposta científica, quer melhorar a qualidade de vida dos indivíduos e prevenir as patologias.

O movimento da Psicologia Positiva tem produzido importantes aplicações e avanços científicos. Segundo Snyder e Lopez (2002), um dos passos mais importantes nessa promoção foi a independência do modelo tradicional patológico. Certamente, essa afirmação demonstra uma preocupação de renomados cientistas com o outro lado – o lado bom dos seres humanos, embora o “lado escuro” ainda atraia atenção de muitos.

Nesse sentido, postular uma ciência que focalize potencialidades e qualidades humanas exige esforço, reflexão e seriedade conceitual, teórica e metodológica maiores do que os estudos de distúrbios e desordens humanas (Dell’Aglia, Koller, Yunes, 2011, p. 13).

Na abordagem da Psicologia Positiva aparece algumas vezes o construto “situações traumáticas” a partir de situações de vulnerabilidade. A questão do trauma e suas implicações certamente são um dos pontos centrais na teoria psicanalítica. Entretanto, diante da realidade atual, das situações diárias com as quais se defronta com violência, negligência, dentre tantas outras possibilidades da dor mostrar sua face, trazer o tema do trauma para discussão para ser absolutamente necessário.

Para tanto, adotamos aqui a definição de Cyrulnik (2005) com o seu lema, conhecido na França: "Uma pessoa nunca deve ser reduzida para o seu trauma". É um autor que trata da questão com a delicadeza necessária, sem perder o comprometimento com a complexidade que se exige quando se aborda pontos delicados como esse, do trauma e suas implicações.

Quando se fala que algo traumatizou alguém, busca-se um lugar para isso dentro da própria pessoa. Busca-se um sentido para algo que circula como um fantasma sem nome, sem casa, sem destino – mas que perturba, que inquieta a pessoa, que assombra.

É sobre isso e nesse tom que Cirulnyk traz a noção de trauma e as possibilidades que cada sujeito acha de lidar com ele.

Cyrulnik (2005, p.47) nos diz que:

“Toda fala pretende iluminar um pedaço do real. Mas, ao fazer isso, transforma o acontecimento porque objetiva tornar claro algo que, sem a palavra, continuaria na ordem do confuso ou da percepção sem representação. Contar o que aconteceu significa interpretar o acontecimento, atribuir um significado a um mundão que foi perturbado, a uma desordem que compreendemos mal e à qual já não podemos reagir. É necessário falar para tornar a pôr as coisas em ordem, mas falando interpretamos o acontecimento, o que pode lhe atribuir mil direções diferentes”.

Martin Seligman afirma que a ciência psicológica vinha negligenciando o estudo dos aspectos virtuosos da natureza humana. Nas últimas décadas, porém, alguns pesquisadores começaram a observar indivíduos e grupos que, sendo expostos a situações traumáticas, pessoais, familiares e sociais, conseguiam desenvolver-se bem e continuar crescendo, apesar desses acontecimentos adversos. Tornam-se indivíduos ou grupos resilientes.

Vale ressaltar o que vem a ser o termo resiliência na Psicologia, de onde deriva a palavra resiliente, que tem origem na física dos materiais e é entendido como a propriedade elástica dos materiais de retornar à sua forma original depois de submetidos à forte pressão. Segundo Polleto e Koller (2008), originariamente, o termo resiliência surgiu da física, conforme o dicionário brasileiro Ferreira (1975) e se refere à propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora de deformação elástica. Já o dicionário da língua inglesa traz: a Psicologia diz que resiliência é a habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito, depois de passar por doenças e dificuldades (Polleto & Koller, 2008, p.22).

Polleto e Koller (2008) apresentam considerações esclarecedoras a respeito da resiliência; com isso, compreende-se que resiliência está ligada a atributos como elasticidade, flexibilidade, resistência, perseverança, autonomia, autorregulação, entre outros conceitos.

A compreensão do conceito de resiliência tem se mostrado relevante para o aprofundamento dos estudos em diferentes áreas do conhecimento sobre o sofrimento e sua superação. Vê-se, portanto, na Psicologia Positiva, que resiliência é entendida como

a capacidade humana de resistir às adversidades, mantendo o equilíbrio emocional diante dos dramas existenciais. Portanto, refere-se à qualidade de resistência e perseverança do ser humano frente às dificuldades da vida. Rocca confirma:

Resiliar [resilier] é recuperar-se, ir para frente depois de uma doença, um trauma ou um estresse. É vencer as provas e as crises da vida, isto é, resistir a elas primeiro e superá-las depois, para seguir vivendo o melhor possível. [...] Implica que o indivíduo traumatizado se sobrepõe [rebondit (se desenvolve depois de uma pausa)] e se (re) constitua (Amandine Theis apud Rocca, 2007, p.10).

A resiliência é um dos principais aportes teóricos que oferece espaço para o estudo das habilidades do ser humano em enfrentar situações adversas. Ryff e Singer (2003) afirmam que o funcionamento positivo humano é mais evidente em contextos de mudanças significativas repletas de situações de risco e de adversidades. A análise da resiliência favorece a compreensão das forças humanas, ou seja, quando ela se expressa, as virtudes e as forças pessoais tornam-se conhecidas e essa possibilidade produz efeitos importantes na vida dos indivíduos, uma vez que favorece suas potencialidades, tornando-os mais fortes e produtivos.

A resiliência surge com um construto que aponta para um novo modelo de se compreender o desenvolvimento humano – pela dimensão da saúde e não da doença. Ser resiliente, contudo, pode significar ajustar-se às diferentes condições de exploração, abuso, negligência, e dominação tão presentes em uma sociedade como a nossa. Aí reside a importância de se pensar uma psicologia que almeje, antes de qualquer coisa, romper com o viés “negativo” e reducionista de algumas tradições epistemológicas que têm adotado o ceticismo diante de expressões salutogênicas de indivíduos, grupos ou comunidades (Dell’Aglia, Koller, Yunes, 2011, p. 13).

Por fim, a Psicologia Positiva olha para o ser humano, não a partir das suas deficiências, mas a partir do potencial que traz em si. Segundo Snyder e Lopez (2002), um dia o bom tratamento da saúde mental irá demandar que se leve em consideração os recursos dos clientes e que se contextualize seus comportamentos ao emitir diagnósticos e aplicar planos de tratamento.

2- CONSIDERAÇÕES SOBRE PSICOLOGIA POSITIVA

Na atual sociedade é comum escutar falar de crise de sentido. Sem dúvida, um dos temas mais abordados e discutidos, principalmente no início deste século, é a pessoa em busca de sentido da própria vida. Onde poderia encontrá-lo? No pleno alvorecer do

século XXI, as inovações tecnológicas continuam num processo de constante atualização; a economia num processo ainda lento, mas crescente, maior em alguns países, menor em outros. Enfim, vive-se numa sociedade em contínua transformação. Não são os objetivos que faltam, mas sim, um sentido para esses objetivos e para a própria vida.

A vida humana é um mistério, tanto do ponto de vista teológico quanto dos pontos de vista existencial, antropológico, psicológico. No entanto, é preciso olhar para a totalidade do ser humano, para o humano integral em suas dimensões biológicas, psicológicas, social e espiritual.

Após a II Guerra Mundial, as consequências das perturbações e distúrbios mentais conduziram os estudos da Psicologia, inequivocamente, em direção à recuperação e remediação de défices e patologias. Na sequência disso, desenvolveu-se uma concepção e abordagem do ser humano baseada e influenciada pela doença mental e pelas disfuncionalidades dos sistemas e organizações (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). Foi-se inadvertidamente construindo um enviesamento em relação ao défice, ao negativo e ao menos bem sucedido da experiência humana, num horizonte que sublinhou a fragilidade e as limitações de pessoas e organizações (Cameron, Dutton, Quinn, 2003; Seligman e Csikszentmihalyi, 2000; Snyder e Lopez, 2002).

Historicamente a Psicologia preocupou-se em investigar patologias, negligenciando os aspectos saudáveis dos seres humanos. Mas, a partir de 1998, assumindo a presidência da American Psychological Association, Martin Seligman iniciou o movimento denominado Psicologia Positiva que visa a oferecer uma nova abordagem às potencialidades e virtudes humanas, estudando as condições e processos que contribuem para a prosperidade dos indivíduos e comunidades (Solano, 2010, p. 18-19).

Quando se trata do assunto da psicologia da saúde, logo nos vem à mente: O que é normal e anormal? Sempre associado com as psicopatologias. No campo da psicologia da saúde, durante um longo tempo, tratou-se muito mais das patologias, dos traumas que das capacidades humanas e da dimensão positiva que a vida tem. “A psicologia e a psiquiatria do século XX se concentraram nos defeitos das pessoas. A Psicologia aplicada do passado estava mais relacionada à doença mental, à compreensão e ao auxílio destas pessoas que estavam vivenciando tais tragédias” (Snyder & Lopez, 2009, p. 17).

Para evidenciar a realidade da produção científica em Psicologia, Seligman e Csikszentmihalyi publicaram uma edição especial da *American Psychologist* em janeiro de 2000, na qual enfatizaram que a psicologia não produzia conhecimento suficiente sobre os aspectos virtuosos e as forças pessoais que todos os seres humanos possuem. Nessa importante publicação, apontaram as lacunas presentes nas investigações psicológicas e destacaram a necessidade de pesquisas sobre os aspectos positivos como, por exemplo, esperança, criatividade, coragem, sabedoria, espiritualidade, felicidade, etc.

A negação aos estudos dos aspectos positivos e virtuosos dos seres humanos pela Ciência Psicológica, de acordo com Seligman (2002), baseou-se historicamente no pensamento dominante na Psicologia direcionado apenas aos aspectos “anormais”. Embora já em 1902, Willian James escrevia sobre a “determinação da mente de ser saudável”, em 1958 Allport manifestava interesse pelos aspectos positivos da constituição do ser humano, bem como os psicólogos humanistas como, Abraham Maslow (1954) e Carl Rogers (1959), comprometidos com uma nova visão e perspectiva sobre o comportamento humano. “Abraham Maslow foi quem realmente cunhou a expressão psicologia positiva quando a usou como título de um capítulo de seu livro de 1954, ‘Motivação e personalidade’ (Snyder & Lopez, 2009, p. 24).

O movimento da Psicologia Positiva não implica em condenar toda uma história percorrida pela Psicologia como negativo; ao contrário, seu objetivo não está em negar o que é ruim, o que vai mal, ou o que é desagradável na vida dos seres humanos, porque reconhece a existência do sofrimento humano, situações de risco e as patologias. Entretanto, pretende investigar a outra face destas questões. Esta mudança de abordagem oferece novas possibilidades de resposta às antigas questões.

A Psicologia Positiva busca uma visão equilibrada e mais completa da realidade do ser humano.

“é muito tentador concentrar-se apenas no bom (ou no mau) do mundo, mas isso não é boa ciência, e não podemos cometer este erro ao promover a Psicologia Positiva. Embora não concordemos com os preceitos dos modelos anteriores baseados nas patologias, seria errado descrever seus defensores como maus estudiosos, maus cientistas, maus profissionais ou más pessoas” (Snyder & Lopez, 2009, p. 22).

A Psicologia Positiva está, pois, em pleno processo de expansão dentro da ciência psicológica, a qual possibilita uma reavaliação das potencialidades e virtudes

humanas por meio do estudo das condições e processos que contribuem para uma vida saudável. No entanto, o foco nos aspectos positivos sobre o ser humano ainda é escasso na literatura, o que é corroborado pela própria história da investigação científica em psicologia.

Portanto, a Psicologia Positiva abre um novo paradigma epistemológico no estudo do campo científico da Psicologia Moderna que aponta o funcionamento saudável e o processo de adaptação do ser humano interessando-se pelo aspecto positivo da vida humana, tais como: otimismo, esperança, felicidade, gratidão, perdão, resiliência, sem deixar de estudar as patologias, a psicologia positiva abre espaço para pensar as habilidades positivas do ser humano, redimensionando o enfoque para a qualidade de vida e bem estar.

3- CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA POSITIVA

A partir do campo de interesse de estudos da Psicologia Positiva, que tem oferecido espaço para a investigação empírica dos aspectos virtuosos com métodos científicos rigorosos, Seligman (2002) reconhece três pilares que compõem o campo da Psicologia Positiva: o estudo das experiências subjetivas; o estudo das características individuais; e o estudo dos grupos e instituições.

A experiência subjetiva refere-se aos estudos sobre o bem-estar subjetivo, experiências ocorridas no passado (Diener, 2000), emoções positivas (Frederickson, 2002b); e, no presente, a atos como felicidade (Myers, 2000; Seligman & Csikszentmihalyi, 2000) e transcendência – flow (Nakamura & Csikszentmihalyi, 2002); assim como, no futuro, as relacionadas à esperança (Snyder, and & Sigmon, 2002) e ao otimismo (Carver & Scheier, 2002).

Em relação às características individuais, são focalizados os estudos relacionados às capacidades para o afeto (Hendrick & Hendrick, 2002), o perdão (McCullough & Witvliet, 2002), a espiritualidade (Pargament & Mahoney, 2002), o talento e a sabedoria (Baltes, Gluck & Kunzmann, 2002).

E, no nível relacionado ao funcionamento dos grupos, é incentivado o estudo sobre as virtudes cívicas e instituições que possibilitam mudanças dos indivíduos como melhores cidadãos, com o foco direcionado para a responsabilidade, o altruísmo, a tolerância (Turner, Barling & Zacharatos, 2002) e a ética no trabalho (Handelsman, Knapp & Gottlieb, 2002).

A Psicologia Positiva visa investigar as qualidades das pessoas e ajudar a promover pensamentos e ações positivas. A ciência e a prática da Psicologia Positiva estão voltadas para a identificação e compreensão das qualidades e virtudes dos seres humanos, bem como para auxiliar no que se refere à construção de vidas mais felizes e produtivas.

Entre as principais contribuições, destacam-se a construção de instrumentos de avaliação, modelos de intervenção e aplicação no curso desenvolvimental (Seligman, 2002). Trata-se de uma proposta teórica que pretende criar métodos preventivos por meio do conhecimento dos fatores protetivos, aprimorar técnicas de avaliação psicológica para identificação das virtudes e dos aspectos positivos e ampliar o escopo de estudo das Ciências Sociais e Humanas. Assim, esforços não têm sido medidos para a criação e aperfeiçoamento de técnicas e instrumentos de medidas a fim de facilitar e promover o desenvolvimento dessa nova área da ciência. A principal missão, no momento, tem sido a operacionalização de instrumentos para a avaliação e classificação das virtudes e das forças pessoais.

Na atual conjuntura da psicologia clínica, se possui uma linguagem comum para falar sobre as doenças, porém, não existe, até então, algo equivalente ao DSM e ao CID para abordar as qualidades humanas. A classificação das qualidades VIA *Classification of Strengths* (Peterson e Seligman, 2004) é uma das primeiras tentativas de desenvolver uma linguagem comum para abordar as forças (qualidades) humanas.

A classificação VIA tem como objetivo proporcionar uma linguagem comum para abordar as qualidades e estimular um diagnóstico e um tratamento baseados também nas qualidades. Peterson e Seligman (2004) identificaram 24 forças (qualidades) que foram organizadas sob seis virtudes gerais, sendo que existe um consenso de que essas estão presentes em diferentes culturas.

Para Seligman (2002), as forças são traços morais e podem ser desenvolvidas, segundo o autor, por meio da prática, persistência, ensinamento e dedicação, as forças podem se enraizar e florescer. Logo, é possível construir e desenvolver as forças (qualidades).

Quando uma pessoa demonstra possuir uma determinada força (qualidade) ou virtude, isso não diminui os que convivem com ela. Ao contrário, a observação de uma ação virtuosa (força) eleva e inspira as pessoas à nossa volta e desperta nelas a vontade de fazer o mesmo. Além disso, a força (qualidade) comumente produz estados emocionais e emoções positivas em quem a exerce como, por exemplo, felicidade,

orgulho, satisfação, alegria, bem estar, harmonia, paz, calma etc. Por esses motivos, forças e virtudes costumam se revelar em momentos em que todos saem ganhando.

Apresentam-se abaixo as Virtudes e Qualidades pesquisadas por Peterson e Seligman (2004), que ilustram as 24 forças humanas (qualidades) as quais se agrupam em seis dimensões que se denominam virtudes (Chávez, 2010, p. 54-58).

Para Seligman (2002), as fortalezas agrupadas em virtudes são as características positivas que abrem o ser humano para as sensações positivas e gratificantes.

a) Sabedoria e Conhecimento

São forças que envolvem a aquisição e utilização do conhecimento. Envolvem: 1) *Criatividade* (Originalidade) – Gostar de ser original e fazer invenções. Gostar de pensar em novas formas de conceituar as coisas. 2) *Curiosidade* - Ter interesse em novas experiências e descobertas. Ser um descobridor, estar sempre em busca do novo. 3) *Ter a mente aberta* – É ter uma visão imparcial e pensamento crítico a respeito das coisas. Para isto, é necessário examinar todos os ângulos e aceitar diferentes pontos de vista sobre os fatos analisados. 4) *Amor pela aprendizagem* – Característica de quem está sempre em busca de novas habilidades, conhecimentos e estudos, seja através do ensino formal ou de maneira pessoal. 5) *Perspectiva e Sabedoria* – Ser capaz de prover amplos conselhos e novas visões aos outros. Ter formas de ver o mundo que faça sentido para si e para os outros.

b) Coragem

Força emocional que permite atingir os objetivos em face de obstáculos e oposições internas e externas. Fazem parte desta virtude: 1) *Bravura* – Não temer desafios, ameaças, dificuldades ou dor. Agir com convicção mesmo que tenha de tomar uma atitude incomum ou impopular. 2) *Persistência ou Perseverança* – Persistir no curso de uma ação ou propósito independente dos obstáculos. 3) *Integridade* (Autenticidade, Honestidade) – Mostrar-se de forma genuína, assumindo a responsabilidade pelos próprios atos e sentimentos. 4) *Vitalidade* (Entusiasmo) – Viver com entusiasmo e alegria, sentindo-se vivo e ativo.

c) Humanidade

Engloba forças pessoais relativas aos relacionamentos humanos. 1) *Amor* - Valorização de relacionamentos próximos, especialmente os que envolvem o cuidar e o afeto recíprocos. 2) *Bondade* (Generosidade) – Realizar favores e boas ações para as outras pessoas. 3) *Inteligência social* (Empatia) – Estar consciente dos motivos e sentimentos de outras pessoas e também aos próprios.

d) Justiça

São as forças e virtudes cívicas que garantem uma vida saudável em comunidade. 1) *Cidadania* (Responsabilidade Social / Lealdade / Trabalho em Equipe) – Trabalhar como membro de um grupo ou equipe, sendo fiel a ele. 2) *Equidade* (Igualdade) – Tratar todas as pessoas com igualdade e justiça, não deixando sentimentos pessoais influenciarem em suas decisões sobre os outros. 3) *Liderança* – Encorajar um grupo do qual se é membro a fazer coisas necessárias, ao mesmo tempo em que mantém boas relações com todos.

e) Temperança

Forças que nos protegem contra o excesso. 1) *Perdão* (Misericórdia)– Não carregar mágoas do que os outros nos fizeram, aceitando as limitações dos outros e as próprias. Dar uma segunda chance às pessoas. Não ser vingativo. 2) *Humildade* (Modéstia) – Deixar que nossas ações falem por nós mesmos, não acreditando e nem agindo como se fôssemos melhor que os outros. 3) *Prudência* – Ser cuidadoso com as escolhas que faz, não assumido riscos desnecessários e nem fazendo coisas das quais possa se arrepender. 4) *Autocontrole* (Autorregulação) – Ser disciplinado, ter o controle sobre o que sente e faz, sobre seus apetites e emoções.

f) Transcendência

São as virtudes pessoais que se conectam com a amplitude do universo, provêm do sentido na vida. 1) *Apreciação da beleza e valorização da excelência gratitude* – Apreciar as belezas da vida, assim como os talentos nos seus vários domínios. 2) *Gratidão* – Estar ciente das boas coisas que acontecem na vida. Ter o hábito de agradecer às pessoas e à própria vida. 3) *Esperança (Otimismo)* – Esperar o melhor, ter expectativas positivas do futuro e agir neste sentido. Acreditar que você influi no que está por vir e que só depende de você. 4) *Humor e diversão* – Gostar de fazer brincadeiras, de rir e se divertir. Fazer as pessoas rirem, perceber o lado engraçado das coisas. 5) *Espiritualidade* (Religiosidade, Fé, Propósito na Vida) – Ter pensamentos e crenças coerentes com um propósito de vida. Encontrar um sentido na vida e no universo.

Até o presente momento de pesquisa na Psicologia Positiva, há evidências que indicam que a presença das fortalezas (qualidades) protege o indivíduo de enfermidades, bem como de emoções negativas. A identificação das fortalezas pode contribuir para o desenvolvimento de intervenções que melhorem a qualidade de vida das pessoas e

facilitem o processo de recuperação de uma enfermidade, favorecendo assim a adaptação do indivíduo ao seu ambiente de convívio (Chávez, 2010, p. 69).

Por fim, tendo claros os valores acima citados, é possível trabalhá-los tanto em nível pessoal como dentro das organizações. À medida que as técnicas da Psicologia Positiva são postas em prática, espera-se que a pessoa modifique alguns pensamentos, atitudes, hábitos e, com isso, seja mais produtiva, equilibrada e feliz.

4-TEOLOGIA PASTORAL NA ATUAL CONJUNTURA DA AÇÃO EVANGELIZADORA

O termo “pastoral”, hoje tão presente, tem sua origem na Sagrada Escritura. Desse modo, qualquer reflexão profunda que se queira fazer sobre Teologia Pastoral, projetos ou planos pastorais, e até mesmo sobre a pessoa do “agente de pastoral”, deve ter a figura bíblica do pastor, com sua ampla gama de significados como referência imprescindível.

O termo “pastoral” derivado do substantivo “pastor” que é bastante presente tanto no primeiro quanto no segundo testamentos. Por isso, o derivado de pastor vem de pastorear o rebanho, que era função exercida pelo proprietário [Ex 34, 15] ou confiada aos filhos [Gn 31, 38-40; 37, 2; 1Sm 16,11] ou filhas [Ex 2,16; Gn 29,9]. Tal dedicação tornou-se imagem clássica da providência divina [Sl 23, 1-4; Jo 10, 11-16]. Para grandes rebanhos tomavam-se empregados [1Cr 27, 29-31] que eram pagos em dinheiro [Zc 1,12] ou com animais do rebanho [Gn 30, 28-43; 1Cor 9,7]. O trabalho do pastor consistia em buscar pastagens e água, o que nem sempre era fácil [Sl 23,2s; Gn 31,40; Ex 2,16], e defender o rebanho contra feras e ladrões [1Sm 17,34s; Jo 10,12]. Para isso o pastor andava munido de cajado, cacetes e funda [Sl 23, 2; Mq 7,14; 1 Sm 17, 40.50]. Animais perdidos deveriam ser restituídos [Gn 31,39; Ex 22,9-12], cujas normas eram semelhantes nas legislações babilônicas e heteias.

A figura do pastor, presente em Israel até hoje, tornou-se referência para a relação Javé-povo [Sl 100] e também da função dos dirigentes do povo: juízes [2Sm 7,7], chefes [Jr 2,8; Is 44,28] e reis [Jr 23,1-2; Ez 34, 1-10]. O Messias esperado também vai receber esse título [Jr 23, 3-8; Mq 5,3]. Os apóstolos vão depois usar abundantemente esse termo referindo-se a Cristo [Jo 10;1Pd 5,4] e à missão dele recebida [Jo 21; 1Pd 5,2]. Em três cartas que Paulo endereça a seus discípulos, Timóteo e Tito, há muito tempo receberam esse adjetivo pelo fato de, nelas, Paulo dar indicações de como deveriam conduzir as comunidades a eles confiadas.

Pode-se entender a Teologia como “discurso” (logia) sobre Deus (Theos). Pastoral, por sua vez, conforme Fuentes (2008, p. 20-21), é definida como “ministério da Igreja, povo de Deus, que, sob o impulso do Espírito Santo, atualiza a práxis evangelizadora de Jesus, voltada para a autoedificação dela mesma e para a expansão do Reino de Deus no mundo”. Logo, juntando os termos, pode-se dizer que Teologia Pastoral é a reflexão sistemática feita sobre esse serviço exercido pela Igreja, povo de Deus. O mesmo autor é categórico ao afirmar que “agente de pastoral” é “todo membro da Igreja (sacerdote, religioso, religiosa, leigo) a quem são designadas tarefas ou funções específicas, voltadas à realização do ministério pastoral da Igreja” (Fuentes, 2008 p. 22).

A Teologia Pastoral, em si, ainda é um campo de poucos especialistas e até poucas publicações. O uso do termo pastoral começou no fim do séc. XVIII. Inicialmente referia-se “basicamente à doutrina de formar pastores (presbíteros) e ao modo de realizar o ofício do cuidado das almas, próprio do pároco. A partir daí, esse conceito foi evoluindo, ganhando grande variedade de significados, alguns reducionistas, outros ambíguos ou mesmo errôneos” (Fuentes, 2008 p. 19). Exemplo disso são as mais diversas atividades, hoje realizadas pela Igreja, tais como pastoral da criança, familiar, da juventude, catequética, etc.

O Concílio Ecumênico Vaticano II foi aberto sob o governo do papa João XXIII, no dia 11 de outubro de 1962 e terminado sob o papado de Paulo VI em 8 de dezembro de 1965. Nestes três anos se discutiram e regulamentaram vários assuntos pertinentes à Igreja Católica. O objetivo do Concílio foi discutir a ação da Igreja nos tempos atuais, ou seja, a sua finalidade é "promover o incremento da fé católica e uma saudável renovação dos costumes do povo cristão, e adaptar a disciplina eclesiástica às condições do nosso tempo" e do mundo moderno.

Segundo Brighenti (2006), o Concílio Vaticano II, sem deixar de ser teológico, quis ser essencialmente um concílio pastoral (SC, n.1). Desde os “novos sinais dos tempos” (GS, n.4), os padres conciliares debruçaram-se sobre a Igreja, buscando uma nova autocompreensão de seu ser e missão. Estabeleceram um diálogo com o mundo moderno, em atitude de solidariedade e cooperação.

A primeira produção do Concílio Vaticano II, a Constituição *Gaudium et Spes*, (Alegrias e Esperanças) , não tem como objeto imediato e direto a doutrina da Igreja, não trata da consciência que a Igreja tem de si mesma, nem da revelação, nem da renovação da vida espiritual e litúrgica, nem da disciplina eclesiástica, nem das normas

canônicas, mas procura estabelecer diálogo da Igreja com o mundo. Este é seu propósito maior, olhar para as alegrias e esperanças do homem e da mulher de hoje com todos os seus problemas, é isto que constitui este documento tão precioso para nós cristãos.

O concílio foi enfático na preocupação antropológica ao afirmar que:

“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração” (GS, n.01).

As mudanças são rápidas demais e nem sempre conseguimos acompanhar. Hoje predominam o individualismo, o prazer imediato, o momentâneo, a estética, a emoção etc. São mudanças psicológicas, morais e religiosas, com isto alguns desequilíbrios do mundo moderno. A *Gaudium et Spes* alerta que nesta sociedade moderna em transformação em que a pessoa tem que ter consciência e preservar como componentes fundamentais a liberdade/autonomia (GS,n. 17), a igualdade (GS,n.29), a fraternidade (GS,n.32), a dignidade e a autoridade invioláveis da intimidade da consciência moral, componentes estes situados no marco da dimensão comunitária da pessoa (GS,n.24-26).

É preciso, como Igreja que dialoga com a sociedade atual, ter o olhar do pastor, daquele Deus que repete e insiste: “*eu vi a miséria, eu ouvi o clamor, eu conheço o sofrimento e eu descí para libertar o povo escravo no Egito e conduzi-lo a uma terra onde correm leite e mel*” [Ex 3,7-10; Dt 26,5-10].

A conclusão da *Gaudium et Spes* constitui um duplo apelo: primeiro, ao diálogo entre todos os homens e mulheres, pois

“sendo Deus Pai, o princípio e o fim de todas as coisas, somos todos chamados a ser irmãos. E, por isso, destinados à única e mesma vocação humana e divina”. Em seguida, através desse diálogo permanente, “podemos e devemos cooperar para a construção do mundo na paz verdadeira” (GS, n. 92).

Na atual sociedade se vive uma mudança de época que traz consigo algumas consequências sérias para a religião. Tem-se um alvorecer de um novo jeito de crer e de lidar com a religião que se manifesta articulado com novas exigências para a transmissão da fé. A Conferência de Aparecida (Celam, 2007), chama a atenção para as dificuldades relativas à transmissão dos valores em geral. Compreende-se que esta dificuldade abrange também a transmissão da fé. É exatamente em virtude desta dificuldade que a Conferência de Aparecida convoca para um salto significativo na ação

evangelizadora, é preciso ultrapassar os limites de uma “pastoral de conservação para uma pastoral decididamente missionária” (Portela, 2010. p. 52).

Em tempos de mudanças e de avanços no seio de uma sociedade em profundas transformações, a Igreja precisa caminhar para frente. No entanto, ao virar páginas “caducas” de sua história, não se pode jogar fora o Concílio Vaticano II e a tradição das Conferências Latino-americanas, de Medellín (1968) a Aparecida (2007), pois, foram eventos resultados de penosos processos que levaram a Igreja a passar da cristandade à modernidade. E como a modernidade, apesar de sua crise, continua vigente em seus valores e conquistas, também a renovação conciliar, em suas intuições básicas e eixos fundamentais, continua relevante para os dias de hoje. O Concílio Vaticano II fez uma ruptura radical com o eclesiocentrismo medieval e com o clericalismo e a romanização do catolicismo tridentino. Elaborou uma nova autocompreensão da Igreja, em diálogo com o mundo moderno e em espírito de serviço, especialmente aos mais pobres.

Por isso, um novo paradigma pastoral acena hoje para estes tempos de mudança, por um lado, para a Igreja descentrar-se de suas questões internas e sintonizar-se com as grandes aspirações da humanidade e a partir de um caminho percorrido vê-se o alvorecer de um novo tempo para Igreja dentro da sua práxis evangelizadora, onde a vida está em alta, onde a preocupação com o ser humano permanece em relevo. Passar-se-á para uma próxima reflexão sobre a práxis da ação evangelizadora da Igreja onde a preocupação é com a vida.

5- A CATEQUÉTICA COMO PENSADORA DA PRÁXIS EVANGELIZADORA

A catequética, dentro do campo de conhecimento da teologia pastoral, estuda a catequese, é a reflexão ou aprofundamento da atividade de educação da fé. Dada a importância da catequese como iniciação à vida de fé, a disciplina que dela trata tem recebido cada vez mais importância, tanto na formação de catequistas, como na formação dos futuros presbíteros, encarregados diretos de orientar e animar tal atividade nas comunidades.

A catequética leva em consideração a catequese, entendida como educação da fé. Reflete no âmbito da práxis pastoral da Igreja. É legítima e está consolidada no campo da reflexão e da prática eclesial. É a reflexão sistemática sobre a catequese com o objetivo de compreender, aprofundar e direcionar essa ação educativa e pastoral. Ela se ocupa da catequese na variedade de suas manifestações: ensino, reflexão comunitária,

iniciação sacramental, itinerário organizado da fé e tudo o que diz respeito à educação da fé pessoal e comunitária.

A Igreja, no decorrer da história, sempre teve a preocupação com o ensino e a vivência da fé. Jesus, junto com os seus discípulos, preocupava-se com a vivência da fé, por isso nos Evangelhos, a todo o momento, Jesus esta ensinando, exortando, o que nos leva a entender a catequese na perspectiva do verbo *catequizar* que, no seu sentido original, significa: “fazer ressoar aos ouvidos”. Daí vem o sentido com que é empregado no Novo Testamento: “informar, instruir, ensinar de viva voz” (Santos, 1979, p.21).

Olhando na história da Igreja e os caminhos percorridos pela evangelização, notam-se variadas formas de anúncio da Boa Nova. Percebe-se, contudo, vários métodos pedagógicos para a transmissão da fé, pois a pedagogia é a teoria crítica da educação, isto é, da ação do homem e da mulher quando transmitem e/ou modificam a herança cultural. A educação não é um fenômeno neutro, mas sofre os efeitos da ideologia, por estar de fato envolvida na política.

A catequese, durante o seu peregrinar pela história, sofreu diversas modificações em seus modelos, quanto à metodologia, pedagogia e mensagem. Vê-se um acompanhar da educação formal quanto à pedagogia catequética, isto enriquece, pois fez com que o homem se evoluísse.

Sob o impulso do Concílio Vaticano II, passando em seguida por Medellín, Puebla e os últimos Sínodos episcopais, chega-se ao hoje catequético. A caminhada prosseguiu com a alternância de passos curtos e rápidos avanços. Quase sempre, porém, em consonância com as correntes teológicas e pedagógicas importadas da Europa.

Só depois do Vaticano II e, mais precisamente, de Medellín, foi que a catequese começou a assumir características mais autóctones, inspirada em uma teologia e numa pedagogia mais encarnada e, por isso mesmo, mais condizente com a realidade. Nos últimos decênios, a catequese na realidade brasileira vem se articulando em formas peculiares que a distinguem também dos outros países latino-americanos, com um dinamismo operativo que é próprio de nossa realidade. Tudo isto é resultado do crescimento interno de uma igreja, muito sensível aos problemas do povo e que procura responder às exigências de um país extenso e populoso, no qual a maioria das pessoas se diz cristã e onde o subdesenvolvimento, bem como o sincretismo religioso em expansão, constitui um constante desafio à Teologia Pastoral a partir da catequética.

Como reflexão sistemática sobre os dados da fé e sobre a práxis da Igreja, a Catequética desempenha uma função de aprofundamento, sistematização e ligação com

a tradição que não pode ser ignorada. Mas como ação catequética, ou catequese, mais do que transmitir sínteses teológicas, ocupa-se com o crescimento da fé de pessoas e grupos concretos, por um caminho de integração da mensagem cristã com suas exigências, problemas e expectativas.

O catequista, agente direto do ato catequético, tem a função de acompanhar o catequizando como interlocutor por um caminho de fé que o leve até seu verdadeiro Mestre, Jesus Cristo, para desaparecer no momento oportuno e deixar que o encontro se realize no terreno da fé. O objeto essencial e primordial da catequese, para empregar uma expressão que São Paulo utiliza que é frequente na teologia contemporânea, é “o Mistério de Cristo”. Catequizar é, de certa maneira, levar alguém a perscrutar este Mistério. “Neste sentido, a finalidade definitiva da catequese é a de fazer que alguém se ponha, não apenas em contato, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo: somente Ele pode levar ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade” (CT, 1977 n. 5).

A Igreja Católica tem-se preocupado com a evangelização e a eficácia da mesma, pois muitos foram batizados por tradição, outros muitos por superstição, outros por desengano de consciência. Nesta perspectiva, os sacramentos são vistos como ritos, simplesmente. O Documento da Conferência de Aparecida (2007) afirma que existem muitos católicos batizados, mas não evangelizados. Tem-se aí uma multidão de pessoas que não têm uma prática cristã em suas vidas, assumiram uma identidade católica, mas não são praticantes.

O Diretório Nacional de Catequese (2006, n.14k) afirma que, diante dos desafios da ação evangelizadora, a Igreja hoje há de “tornar efetiva a prioridade da catequese com adultos como resposta às novas exigências da evangelização e como pedem a os documentos da Catequese Renovada (1983) e a Segunda Semana Brasileira de Catequese (2001).

“É na direção dos adultos que a Evangelização e a Catequese devem orientar seus melhores agentes. São os adultos os que assumem mais diretamente, na sociedade e na Igreja, as instâncias decisórias e mais favorecem ou dificultam a vida comunitária, a justiça e a fraternidade. Urge que os adultos façam uma opção mais decisiva e coerente pelo Senhor e sua causa, ultrapassando a fé individualista, intimista e desencarnada. Os adultos, num processo de aprofundamento e vivência da fé em comunidade, criarão, sem dúvida, fundamentais condições para a educação da fé das crianças e dos jovens, na

família, na escola, nos Meios de Comunicação e na própria comunidade eclesial” (CR, 1983, n.130).

Vê-se a chegada de novos tempos para ação evangelizadora da catequese. A Igreja vem insistindo na urgência da catequese com adultos há um bom tempo e com a Segunda Semana Brasileira de Catequese, em 2001, confirmou e revigorou nesta árdua missão de evangelizar os adultos.

Durante a 2ª- SBC foram apresentados estudos e reflexões que ajudaram na iluminação e motivação para o trabalho catequético com adultos. Esta catequese deve ser pautada no encontro de Jesus com diferentes grupos de pessoas: a acolhida, o olhar misericordioso, convida à conversão, à escuta atenta do sofrimento das pessoas, não impõe e dá total liberdade de escolha, fala das escrituras, explica e mostra como chegar ao Pai, cura os doentes, supera preconceitos, convida ao seguimento e à missão.

Percebe-se que a catequese com adultos é um espaço para partilhar a vida, seus sofrimentos, suas angústias, diante do enfrentamento de alguma enfermidade, perda de um ente querido, dramas familiares, tragédias, entre outras realidades que causam sofrimento existencial e, porque não indicar, também sofrimento espiritual.

Por fim, com isto, se abre a porta para uma nova reflexão numa perspectiva de um novo paradigma na ação catequética que se torna um lugar para a aquisição de enfrentamento diante das adversidades da vida através de partilha da vida, ritos, oração, meditação resgatando a esperança, o otimismo, o perdão, elementos presentes no construto da psicologia positiva.

6- PSICOLOGIA POSITIVA E TEOLOGIA PASTORAL - APROXIMAÇÕES

A esta altura da reflexão se percebe que a Psicologia Positiva, cada vez mais, vem se consolidando como um campo de estudos e atuação profissional voltados para os aspectos positivos do desenvolvimento humano. Este movimento pretende ampliar, difundir, valorizar as potencialidades e virtudes humanas.

Percebe-se claramente a ligação da Psicologia Positiva com outros movimentos, correntes e abordagens.

“Quando o movimento da Psicologia Positiva nasceu há mais de uma década, todos os escritos dos principais representantes dessa corrente faziam alusões sobre a inauguração de um novo paradigma no campo da ciência. Algumas frases como: ‘nova ciência’, ‘ciência do bem estar’, ‘novo paradigma’, enfatizavam a novidade da contribuição desta corrente da psicologia

contemporânea. No entanto, os conceitos mais tratados na psicologia positiva são encontrados em textos clássicos tais como a Bíblia Sagrada, Bhagavad Gita, nas tradições filosóficas orientais, nos textos de Benjamin Franklin e Willian James” (Solano, 2010, p. 21).

Muitos dos conceitos utilizados pela Psicologia Positiva são anteriores à criação do movimento. Entretanto, não são os conceitos tratados pela Psicologia Positiva o novo, mas sim a abordagem que se desenvolveu. O surgimento desta nova área de estudos é necessário para promover e concentrar trabalhos desta natureza, como uma forma de catalisar e divulgar esta postura de atuação. E, desta forma, contribuir para equilibrar o número de estudos sobre as questões humanas positivas na busca do bem estar e questões negativas centradas apenas nas fragilidades humanas.

Durante grande parte do século XX a psicologia e muitos psicólogos desconsideraram e ignoraram as práticas religiosas, ou as trataram como uma forma de patologia. Felizmente está cada vez mais claro que nós, seres humanos, somos mais do que seres biológicos, psicológicos e sociais. O ser humano necessita da busca e do encontro com o sagrado, por isso também somos seres espirituais.

As religiões sempre tentaram dar uma resposta, uma interpretação, e uma ajuda para a transnificação dos limites, um sentido para poder lidar e superar as situações adversas: escassez, catástrofes, carências, as forças ambientais ou as ações violentas, negativas, ou de sofrimento que atingem a pessoa tanto no nível externo, assim como sofrimentos interiores.

Neste sentido, as religiões, sejam cristãs ou não, buscam respostas e sentido sobre o que aconteceu, qual é a origem ou o motivo, assim como a pergunta pelo sentido e por como (re) fazer-se, como (re) construir-se após essa situação adversa e traumática. Diante dos sentimentos de desvalimento, de desproteção e de necessidade de ajuda que o ser humano tem diante do sofrimento, a crença num ser superior, ou em vários, constitui uma força de sustento, recuperação e de proteção, atinge a solidão interior de quem padece a dor, motivando um vínculo com um outro transcendente com quem se pode contar e se sentir seguro; propicia uma compreensão ou interpretação do que está acontecendo, favorecendo a busca de sentido em vistas à superação da situação traumática e do sofrimento.

É por isso que, tantas vezes, até pessoas que não se consideram religiosas, em momentos de dificuldades, crise, doença, ou problemas graves, procuram e encontram, na fé e na religião, consolo, conforto, apoio, e até força e sentido para seguir adiante.

Constata-se que, para muitos, a crença num ser superior, o fato de poder contar com sua presença e ajuda, é um pilar fundamental para a superação, especialmente diante das situações difíceis, violência, acidente, luto, ou doença terminal, entre outras.

A religião, de um modo geral, exerce importante influência na vida das pessoas. No contexto de situações de adversidades essa relação pode se estreitar, uma vez que a pessoa exercita sua fé com mais intensidade, na busca de alívio e solução das dificuldades.

O século XXI, diferentemente do que muitos afirmaram de ser o século do abandono da religião e do sagrado, tem mostrado que as pessoas estão em busca de algo que dê sentido em suas vidas, uma das vias com certeza é a religião, pois

“estudos empíricos estão demonstrando que a espiritualidade muitas vezes é fonte de sentido, esperança e orientação para a vida. Elas também podem sustentar as pessoas em situações traumáticas, pode facilitar transformações profundas e duradouras quando as pessoas atingirem seus limites pessoais” (Snyder e Lopez, 2009, p. 434).

Segundo Salgado (2006) a religião, de um modo geral, pode colaborar no contexto do cuidado à saúde, uma vez que ela permite ao indivíduo vivenciar o transcendente, construir, a partir disso, significados para o seu sofrimento, quiçá estabelecer estratégias, segundo seus recursos íntimos, de conquista da saúde.

Percebe-se que o sofrimento porque passa uma pessoa pode ser sanado apenas por uma conversa amiga, uma escuta atenciosa, um momento de oração e reflexão. No ambiente da catequese essas condições acontecem quando o catequista oferece condições de diálogo e se interessa em ouvir atentamente os seus catequizandos.

Os catequistas devem ser homens e mulheres da escuta, da acolhida, devem estar à disposição para o auxílio fraterno, como missão e vocação que abraçam em suas vidas, levando a pessoa a fortalecer a fé em Deus, o otimismo, a esperança, principalmente nos momentos de adversidades, fazendo-a entrar em contato com o sentido profundo e verdadeiro da vida.

Cerqueira (2003) investigando a religiosidade e a fé identificou na fala da maioria das pessoas, principalmente das classes populares, conforto e o acolhimento que recebem nos espaços religiosos. E esse acolhimento mobiliza a emoção, une as pessoas, transformando-as em “irmãos”.

No espaço do encontro da catequese com adultos a preocupação do catequista deve ser em destinar a todas as pessoas uma escuta atenciosa, uma palavra de carinho e

preocupação com o bem estar de todos. Nos encontros, o catequista por meio de uma oratória fluente e de uma impressão fortemente empática deve envolver e mobilizar a maioria dos presentes a partir do conteúdo e de uma dinâmica que seja envolvente.

A Psicologia Positiva e a Teologia Pastoral percebem na religião, a busca do sentido da vida, do auxílio sem interesse e de como socorrer o outro, considerando-o único, indivisível. Cada pessoa é um complexo universo interior de sentimentos, pensamentos, vontades e valores, interligado com tudo que há no cosmos, especialmente com as pessoas. Segundo Boff (2003) quando se ama o próximo nele mesmo, o pobre, o peregrino, o faminto, amá-lo sem retorno, incondicionalmente, o mais inclusivo possível, o mais humanizador que se possa imaginar, depara-se com o grande sentido da vida, e com Deus.

Um novo paradigma pastoral para estes tempos de mudanças acena para a Igreja pautar-se pela gratuidade e a alteridade. Como vimos, a pastoral tem como missão cuidar do ser humano, possibilitar uma vida melhor. Conseqüentemente, na evangelização, não há destinatários, mas interlocutores. Como Deus não se impõe, mas se propõe, a evangelização só começa quando o outro responde à interpelação do Evangelho e só se dá quando o outro, em sua liberdade e autonomia, acolhe a Mensagem. Aqui vemos a estreita ligação da Psicologia Positiva com seus construtos e com a teologia pastoral, ambas preocupadas com seu interlocutor e querem acenar para os aspectos saudáveis e positivos da vida sem negligenciar os aspectos negativos da realidade.

A Psicologia Positiva foca nas forças motivadoras, o que representa ter emoções positivas e alimentá-las, cultivar relacionamentos sadios, estar engajado fazendo aquilo que lhe é prazeroso, e essencialmente identificar o propósito de vida. Este último item parte de um poderoso autoconhecimento, onde a pessoa pode conhecer sua essência, focar em suas qualidades, pontos fortes e buscar minimizar os pontos de melhoria para ter uma vida melhor.

Com a Psicologia Positiva abrem-se as portas para muitas reflexões, pois é uma abordagem que abraça estudos científicos dos temas relacionados com um viver com mais qualidade e sentido. Estuda as experiências positivas, as instituições positivas, os relacionamentos positivos, as forças e traços positivos.

A Psicologia Positiva responde a algumas das necessidades sentidas hoje como Igreja que quer ser samaritana [Lc 10,29-37], ou seja, repleta de humanidade e que possibilite às pessoas sentido e cuidado. Depara-se na ação pastoral com muitos

“feridos”, “caídos”, machucados pela vida. Muitos são encontrados nos caminhos da vida, outros vêm ao encontro da Igreja, batem à sua porta em busca de alívio. A missão da Igreja, seguindo as palavras do Papa Francisco na primeira missa do seu pontificado, “é cuidar das pessoas que estão na periferia do nosso coração”.

A Psicologia Positiva quer refletir sobre emoções positivas, tais como a alegria, admiração e felicidade, as forças positivas inerentes das pessoas, uma vida com mais qualidade para viver mais e de um jeito saudável, o diálogo interno como caminho para ser bem sucedido, a força do perdão, a gratuidade etc. O imperativo que norteia a vida cristã é o amor ao próximo, “Eu dou a vocês um mandamento novo: amem-se uns aos outros. Assim como eu amei vocês, vocês devem se amar uns aos outros” [Jo, 13, 34], por isso o convite da Igreja, a partir da sua prática pastoral, é para que o ser humano se abra e busque perceber as necessidades e os sofrimentos da pessoa, sendo apoio uns aos outros nas dores e angústias, nas alegrias e esperanças, tendo palavras e ações para confortar os desanimados e oprimidos, seguindo o exemplo de Cristo empenhar-se no serviço as mesmas, sendo testemunha da verdade e da liberdade, da justiça e da paz, para que toda a humanidade se abra à esperança de um mundo novo. A Psicologia Positiva e a teologia prática buscam exaltar o que há de potencial na condição humana.

A proposta cristã é de vida plena [Jo 10,10], todos são convidados a serem pessoas melhores e conviver de maneira solidária e fraterna. Na prática da pastoral é importante considerar a influência de pessoas otimistas, atenciosas, cujos pensamentos, palavras e atitudes instigam a paz, a alegria e a solidariedade, em uma sociedade onde, a todo momento, vivem-se situações de vulnerabilidade de várias naturezas e intensidades.

Portanto, vê-se um novo alvorecer na Psicologia: a Psicologia Positiva que é bem próxima da Teologia Pastoral que reflete a proposta cristã em seu constructo e fundamentação a partir do otimismo, solidariedade, perdão, paz, felicidade, bem estar, espiritualidade, etc. No entanto, é preciso ainda uma ampla e profunda reflexão entre a teologia prática e a Psicologia Positiva, pois ambas buscam compreender e ajudar o ser humano na busca do bem-estar tanto individual como grupal. O estudo sobre resiliência coloca alguns desafios e, ao mesmo tempo, impulsiona como Igreja-comunidade de fé a assumir aquilo que é próprio de sua identidade, como conclamou o Concílio Vaticano II: o ser humano cristão deve ser sinal de esperança nas realidades de tristezas, angústias e dores, superando a visão determinista e pessimista e, muitas vezes, moralista que não contribui em nada para o bem-viver do ser humano.

CONCLUSÃO

A presente revisão ressalta a necessidade de se investigar, cada vez mais, o estudo dos conceitos relacionados à Psicologia Positiva, que traz uma nova visão para lidar com ser humano que passa por adversidades, onde se ressalta o positivo da vida e não apenas as situações negativas presentes também no decurso da vida.

Uma das questões profundas que tocam e desafiam a práxis pastoral, a partir da ação evangelizadora da Igreja na atual conjuntura da sociedade, é buscar respostas sobre como falar de Deus num mundo marcado, muitas vezes, pela dor e o sofrimento.

Não é uma pergunta nova para a Teologia Pastoral e, muito particularmente, para a Catequética, que em todos os tempos e épocas teve que lidar com o sofrimento. Todavia, esse assunto ganha impulso no Brasil e na América Latina uma vez que o Documento de Aparecida aponta ainda a situação de exploração e dominação, bem como descaso dos governantes às classes populares e seus dramas.

A Pastoral é a ação do povo de Deus na realidade cotidiana, em que, na relação tempo e espaço, o ser humano se encontra. Como a sua preocupação básica é a eficácia e a relevância da fé cristã, a pastoral é também responsável pela inserção do povo de Deus no espaço público. Pastoral é ação intencional, sistemática e organizada coletivamente. É fruto do esforço missionário da Igreja que busca mudanças, vislumbrando novos tempos na perspectiva do Reino Messiânico de Deus. Não é, portanto, qualquer tipo de ação. Não é uma ação esvaziada de sentidos. É a ação que instaura o novo. Não é ação isolada, individual e personalizada do pastor ou da pastora, mas a ação da comunidade de fé organizada em pastorais específicas, que atua e colabora na produção de eventos de ação pública (Castro, 2000, p. 105).

Portanto, a teologia prática, com o enfoque nos aspectos positivos a partir da resiliência, vem ao encontro do desafio de achar melhores perspectivas de compreensão e de ação para auxiliar as pessoas que passam por adversidades. O estudo da resiliência contribui na superação das adversidades individuais e comunitárias, e pode ser aplicado no campo pessoal, social, laboral e religioso. Supõe investigar as forças de recuperação de cada pessoa e grupo e ver como melhor desenvolvê-las. O presente artigo procurou apresentar e demonstrar, sem o desejo de esgotar o assunto, a psicologia positiva e sua relação com a teologia pastoral, uma vez que ambas estão preocupadas com o bem estar do ser humano da atual sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alberich, E. (2004). *Catequese evangelizadora: Manual de catequética fundamental*. São Paulo: Salesiana.
- _____, E.; Binz, A. (2001). *Formas e modelos de catequese com adultos: Panorama internacional*. São Paulo: Salesiana.
- Amatuzzi, M. (2005) *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus.
- Ávila, A. (2003). *Para conhecer a Psicologia da Religião*. São Paulo: Loyola.
- Bíblia de Jerusalém. (2006) Tradução de La Bible de Jerusalém. São Paulo: Paulus.
- Bíblia do Peregrino. (2011). (3ª edição). São Paulo: Paulus.
- Boff L. (2003). *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes.
- Brigheti, A. (1988). *Metodologia para um planejamento participativo*. São Paulo, Paulus.
- _____. (2000). *Reconstruindo a esperança: Como planejar a ação da Igreja em tempos de mudança*. São Paulo: Paulus.
- Cerqueira, R. (2003). *Construção do Sentido de Religiosidade no Território da Vida: Compreensão do Sofrimento Psíquico*. Dissertação. Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro.
- Cyrulnik, B. (2005). *O murmúrio dos fantasmas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Carr, A. (2007). *Psicologia Positiva, La ciência de La felicidad*. Barcelona: Paidós Ibérica.
- Castro, C. (2000). *Por uma fé cidadã*. São Paulo: Loyola.
- Celam. *Documento de Aparecida*. (2007). *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus e Paulinas; Brasília: edições CNBB.
- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (2001). *O itinerário da fé na "iniciação cristã dos adultos"*. São Paulo: Paulus.
- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (2001). *Com adultos, catequese adulta*. São Paulo: Paulus.
- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (2006). *Diretório Nacional de Catequese*. São Paulo: Edições CNBB.
- Congregação para o Clero. (1997). *Diretório Geral para a Catequese*. São Paulo: Paulinas.
- Fuentes, V. (2008). *Espiritualidade Pastoral*. São Paulo: Paulinas.

- Hoch, L; Rocca, S. (organizadores). (2007). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal.
- Inhauser, M. (2000). *Opção pela vida: o segredo da vitória sobre as perdas*. Campinas: United Press.
- Koller, S. H. (organizadora). (2011) *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Masten, A. S. (2001). *Ordinary magic: resilience processes in development*. American Psychologist, 56 (3), 227-238.
- Melillo, A; Ojeda, E. (organizadores). (2005) *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. trad. Valério Campos. Porto Alegre: Artmed.
- Paulo, João II. (1985). *A catequese hoje, Exortação Apostólica Catechesi Tradendae*. São Paulo: Paulinas.
- Peterson, C. Seligman. M. (2004) *Strengths and Virtues*, New York: Oxford University Press.
- Salgado M, Freire G. (2008). *Saúde e Espiritualidade: uma nova visão da medicina*. Belo Horizonte: Editora INEDE.
- Santos, L. P. (1979). *Catequese ontem e hoje*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Caxias do Sul: Universidade de Caxias.
- Schultz, D. P. (2011). *História da psicologia moderna*. trad. Suely Sono e Murai Cuccio. São Paulo: Cengage Learning.
- Seligman, M. (2002). *Felicidade Autêntica: usando a Psicologia Positiva para a realização permanente*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Sharp, Timothy. (2009). *The Top Five Factors for Happiness at Work*. *Positive Psychology News* on March.
- _____. (2009). *Building human strenght: Psychology's forgotten mission*. APA Monitor, 29(1) em: SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. *Psicologia Positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. Porto Alegre: Artmed.
- Solano, A. (2010). (compilador). *Fundamentos de Psicología Positiva*. España: Ediciones Paidós Ibérica.
- Torralba, I; Vásquez-Bronfman, A. (2006). *La resiliencia invisible: Infancia, inclusión social y tutores de vida*. España: Editorial Gedisa.
- Vázquez, C; Hervás, G. (2008). *Psicología positiva aplicada*. (2ª edición). España: Biblioteca de psicología, Desclée De Brouwer.

Yunes, M. A. Mattar. (2003). *Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família*. Psicologia em Estudo, vol.8, n.spe, pp. 75-84.

CAPÍTULO 2: CONTRIBUIÇÕES DA FÉ NO PROCESSO DE RESILIÊNCIA

“A fé entra pelos sentidos” (Rm 10,17)

INTRODUÇÃO

Pretende-se apresentar a influência da fé cristã, a partir de um novo paradigma que estuda a capacidade das pessoas e dos grupos de superarem as situações adversas e traumáticas e que, hoje, é conhecido como “resiliência”. Este paradigma, sem desconhecer a relevância dos estudos anteriores, propõe uma mudança de ótica, centrando a observação nas capacidades dos indivíduos e grupos, de resistir e refazer-se após experiências de grandes sofrimentos e dificuldades. Em lugar de focar a observação nas fraquezas, sintomas, doenças, carências, busca-se descobrir quais são os “fatores de proteção” e os “pilares de resiliência” que propiciam a promoção de forças do ambiente circundante e de capacidades pessoais para reagir e superar as adversidades da vida.

Apresenta-se a resiliência como processo, pois não é um adjetivo ou um atributo de uma determinada pessoa ou grupo, bem como não significa apenas como alguns afirmaram uma simples resposta às adversidades, mas é um processo de promoção de fatores resilientes que está ligado ao crescimento e desenvolvimento humanos, incluindo diferenças de idade e gênero; um compromisso com o comportamento resiliente é também a capacidade do indivíduo ou grupo de se beneficiar das experiências vivenciadas.

Sendo assim, pretende-se apresentar, de forma sintética, a experiência de fé do adulto na comunidade - Igreja no processo da catequese como elemento essencial para a vivência da fé cristã e desenvolvimento da resiliência, isto é da capacidade de extrair do íntimo de seu ser uma reserva extra de forças para superar dificuldades (Hoch, 2007, p. 72).

O artigo está estruturado em cinco tópicos. No primeiro apresenta-se o conceito de fé na teologia cristã, num segundo momento a fé na atual conjuntura social e eclesial. No terceiro tópico apresenta-se a resiliência como algo presente na vida das pessoas ou grupos, no quarto tópico resiliência e experiência de fé. Por fim, no quinto tópico, a fé como resiliência, apontar-se-á alguns elementos importantes da prática na comunidade-Igreja que possam ajudar e despertar nas pessoas que participam da vida eclesial uma fé resiliente.

1- CONCEITO DE FÉ NA TEOLOGIA CRISTÃ

A fé é um assunto amplo na qual seria possível debruçar muito tempo de escrita para tal reflexão, no entanto deter-se-á na fé cristã. O dicionário Larousse da Língua Portuguesa define a fé como: adesão total do homem a um ideal que o excede, a uma crença religiosa. Entendida também como fidelidade em honrar seus compromissos, lealdade, garantia. Ou ainda como confiança em alguém ou em alguma coisa. Bem como crença nos dogmas de uma religião; uma crença fervorosa. A fé como afirmação, comprovação (Larousse, 1999, p. 424).

Ao estudar a ciência teológica deve-se, antes de tudo, aprofundar nos conceitos básicos que esta possui. Esses conceitos são como que os alicerces para se iniciar qualquer discussão acerca da ciência teológica. A revelação é o início de toda verdade revelada, tratada pela Teologia; por isso esse conceito é o mais básico de todos. Ao mesmo tempo quando se fala de revelação, outro conceito que vem em nossa mente: é o que entendemos por fé. Ao falar-se de revelação, necessariamente devemos tratar também da fé, é o que interessa refletir neste artigo, pois a fé é basicamente a resposta que devemos dar à revelação de Deus.

Na Sagrada Escritura a fé é entendida como adesão total, que envolve a pessoa toda, “a fé se apresenta como entrega religiosa de toda a pessoa e não simplesmente adesão intelectual ou obediência moral, respondendo à natureza dinâmica, vital e pessoal da Palavra de Deus” (Alberich, 2004. p.157).

No Antigo Testamento, o termo “fé” é utilizado basicamente para expressar um relacionamento interpessoal com Deus. “Crer, de fato, significa, no AT, entregar-se a Deus [Gn 15,6; Ex 14,31; Nm 14,11], entregar-se à palavra salvífica de um Deus que conduz a história e que fez aliança primeiro com os pais e depois com ‘seu povo’, Israel” (Latourelle, 1994, p. 319). Desde Abraão, a palavra de Deus já trata de crença e de fé. Em [Gn 22,1] a fé de Abraão é testada e esse, além de mostrar uma obediência fiel à voz de Javé, expressa também uma confiança firme em Deus [Gn 22,8-14]. Aqui fé, obediência e confiança caminham juntas. O termo “fé” é utilizado para designar o ato de ser firme e fiel a algo. Trata-se ainda do ato de aceitar algo como firme ou verdadeiro.

Outro sentido da fé no Antigo Testamento era aquilo que dava segurança. Segundo o salmo 36, Deus é digno de fé, pois oferece segurança através de sua fidelidade. Daí tiramos outro sentido, a fé era vista como fidelidade a algo, aqui a Javé.

Ele próprio é digno de fé por sua fidelidade às promessas da aliança. O homem que for fiel à essa aliança, pela sua fé, será salvo [Hab 2,4]. Por Deus ser fiel, no povo de Israel, “acredita-se então na palavra de Deus ou se aceita sua autoridade” (Mackenzie, 1983, p. 341). A fidelidade é de onde surge a fé, e é para onde ela deve ir.

Para Latourelle, o Novo Testamento, devido a seu caráter interpessoal, esta fé é naturalmente semelhante à do AT. É respectivamente confiança e entrega a Deus, presente na palavra e na ação de Jesus (sinóticos); Obediência que torna o crente semelhante ao crucificado ressuscitado e que dá o Espírito dos filhos de Deus; adesão ao testemunho do Pai e do Filho (Latourelle, 1994, p. 319).

Nos evangelhos sinóticos, encontra-se como tema central a pessoa histórica de Jesus. Aqui anuncia a chegada do Reino de Deus, e pede, em resposta, a fé daqueles que o ouvem [cf. Mc1,15], aceitando, assim, o plano de Deus e, a partir disso, serem herdeiros e partícipes desse Reino eterno. Pois,

[...] mostram que o encontro pessoal e direto com ele é fonte de conhecimento da própria existência pessoal. Para conhecer Deus e nele crer, deve-se conhecer primeiro aquele que foi enviado por ele, e nele crer. É preciso a ele entregar-se e abandonar-se como as crianças, que conhecem muito mais por via intuitiva do que por especulações do intelecto [Mt 18,1-6] (Fisichella, 2000, p.94).

Desde a encarnação de Cristo, a fé cristã vem sendo divulgada como um novo paradigma da criação. Tem-se ensinado que Deus, o Criador e soberano Senhor do cosmos, tem projetado em seu Filho Jesus a recriação de uma nova humanidade.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) trata do tema da fé nos decretos e constituições, porém não trata do conceito de fé em si, mas a relação dele com outras realidades. Por exemplo: fé e cultura (GS 57-59); eficácia frente ao ateísmo (GS 21); papel da fé na evangelização (LG 23; AG 36), entre outros.

Segundo Sesboüé (2006)

O texto estabelece a “analogia” entre a liberdade teológica, o aspecto voluntário do ato de fé e a liberdade religiosa. Quanto ao ato de fé, relembra uma afirmação doutrinária tradicional, que sempre integrou o tratado da teologia fundamental da fé e da qual se tirou há muito a consequência de que não se pode impor pela força a fé cristã. [...] É um direito da consciência religiosa como tal exprimir livremente sua fé, conforme a luz da sua consciência (Sesboüé, 2006, p. 470).

O que se afirma aqui é a “*fides qua creditur*” dos tratados clássicos de teologia. A religião é a concretização histórica da fé: sua exteriorização dentro de uma cultura,

através de um sistema de símbolos, com determinadas estruturas de pertença. No cristianismo, essa concretização da fé dá-se em “Igrejas” ou “confissões” cristãs. No entanto, as experiências de fé estão além das “igrejas” e “confissões”.

De acordo com Fabry (1984), em *A Busca do Significado*, o ser humano tem fé na existência de uma dimensão divina, mas, ainda que seja incapaz de concebê-la, sente a necessidade de estabelecer uma relação com este mistério. A base da religião, seja qual for o nome que a chame, não pode desintegrar-se, diminuir ou desaparecer, porque é eterna e infinita. A religião recobrou hoje o caráter existencial que possuía nos tempos bíblicos: não lhe interessam as teorias religiosas, senão a experiência cotidiana.

Para William James, (1902) psicólogo, filósofo e um dos principais representantes do pragmatismo, em seu livro intitulado “As Variedades da Experiência Religiosa”, explora as experiências religiosas individuais, em oposição à religião como instituição, pois ele crê que é nelas que está contida a verdadeira essência da religião. Considerando o fato de que o campo da religião é extremamente vasto, o assunto que James se propõe a estudar é apenas a experiência religiosa. Assim, o seu objeto de estudo foi a experiência religiosa individual, não foi estudado a religião como instituição.

Segundo Ballone (2005) William James rejeitava absoluto, tais como “Deus”, “verdade”, ou “idealismo”, em favor da experiência pessoal e da descoberta do que funciona para o autoaperfeiçoamento de uma pessoa. Um frequente tema em suas obras é que a evolução pessoal é possível que todos tenham uma capacidade inerente de modificar ou mudar comportamentos e atitudes. Ele conclui que há um depósito de experiências latentes ou realizadas que subjaz ao impulso em direção ao crescimento. É esta a fundamentação das ideias práticas e sensíveis que James desenvolveu para serem usadas. A maior expressão deste núcleo subjacente é exemplificada, para James, nas experiências religiosas. Tais experiências não têm uma saída intelectual própria, mas pertencem a uma região mais profunda, mais vital e prática do que aquela ocupada pelo intelecto, por isso são também indestrutíveis a argumentos e críticas intelectuais.

Para James:

“Tornamo-nos, portanto convincentemente conscientizados da presença de uma esfera de vida maior e mais poderosa do que nossa consciência habitual [...] As impressões, impulsos, emoções e excitações que desde então recebemos ajudam-nos a viver, encontram uma segurança invencível em um mundo além dos

sentidos, derretem nossos corações, transmitem significado e valor a tudo e fazem-no, felizes” (James apud Ballone, 2005, p.3).

A premissa que não pode faltar nesta fundamentação sobre o dado da fé ou sobre a experiência da fé é que a fé e a razão caminham juntas, pois há tempos aconteceu esta dicotomia que trouxe consequências sérias para a antropologia cristã na compreensão do ser humano, fragmentando-o. O papa João Paulo II, no ano 2000, publicou uma encíclica intitulada *Fides et Ratio* que traz uma reflexão profunda sobre os exageros do *racionalismo*, que pretende tudo compreender sem a fé e o *fideísmo*, típico do falso misticismo, que pretende ter a fé sem a razão.

Na carta o Papa insiste em afirmar que a fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de O conhecer a Ele, para que, conhecendo-O e amando-O, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio [cf. *Ex* 33, 18; *Sal* 2726, 8-9; 6362, 2-3; *Jo* 14, 8; *1 Jo* 3, 2] (Papa João Paulo II, n.01, 2000).

A experiência de fé é algo universal, a pessoa busca respostas para algo que está além da sociedade, além da ciência, além das regras impostas pelo cotidiano. Neste contexto a fé é vista como algo que está relacionado ao sobrenatural, a busca da pessoa por aquilo que não se vê.

Percebe-se, no entanto, que a fé de uma pessoa que abraçou a vida cristã, que viveu um processo de conversão não se reduz a uma adesão a verdades dogmáticas apenas; é base de um apelo pessoal de Deus; é um acontecimento que concerne à pessoa toda e lhe permite entrar no universo da aliança; é um encontro primeiro pessoal e depois comunitário com Jesus Cristo, reconhecido como Deus que vem, que salva e que reúne.

Compreender-se-á, acima de tudo, que a fé é dom e graça de Deus, não pode limitar apenas ao nível humano, mas constitui uma atitude de fundo que dá sentido e orienta toda a vida.

“A fé é um dom de Deus. Pode nascer do íntimo do coração humano somente como fruto da graça prévia e adjuvante e como resposta, completamente livre, à moção do Espírito Santo, que move o coração e o dirige a Deus, dando-lhe suavidade no consentir e crer na verdade” (DGC, 1997. n. 55).

2- A FÉ NO CONTEXTO ATUAL DE MUDANÇA DE ÉPOCA

A Igreja católica, desde a reforma e contrarreforma, com o Concílio de Trento (1545-1563) tem apresentado preocupação quanto a formação doutrinal dos seus membros, com a atenção especial sobre as reflexões no campo da fé e isto repercutiu incisivamente na vida social, e é inegável que o cristianismo histórico conserva grande “eco social” (Libanio, 1994).

Vive-se hoje um tempo de mudança de época, onde tudo, os valores eternos e perenes são questionados e um novo jeito de viver é apresentado, o cenário da atual sociedade é de transição, com isto tem-se um ser humano às vezes decepcionado, angustiado em busca de sentido e de saídas.

Uma das indicações mais importantes para a compreensão desta mudança de época aparece no texto conclusivo da Conferência de Aparecida (Celam, 2007, n. 44), tornando-se o mesmo significativa chave de compreensão. Trata-se do termo mudança de época. Esta opção, longe, porém, de reduzir a importância do âmbito da cultura, alarga-o e mesmo o ratifica. Isto porque, mais do que o próprio termo, o capítulo 2 do documento de Aparecida, menciona outras expressões que vão caracterizados esta mudança de época e sua incidência sobre a ação evangelizadora, tais como: “Crise de sentidos”, sentidos parciais sem a possibilidade de um sentido único; a “preciosa tradição” (cristã e católica) do Continente começa a se diluir; “Um dos fatos mais desconcertantes e originais que vivemos no presente: nossas tradições culturais já não se transmitem de uma geração à outra com a mesma fluidez que no passado” (Cf. Dap, 2007, n.37 a 39).

A Conferência de Aparecida (2007) oferece rica indicação ao recordar que a sociedade vive um tempo de transformações profundas que afetam não apenas este ou aquele aspecto da realidade, mas a realidade como um todo, chegando aos critérios de compreensão e julgamento da vida. Isso significa estar diante de uma globalização que não é apenas geográfica, no sentido de atingir todos os recantos do planeta. São transformações que atingem também todos os setores da vida humana, de modo que já não se vive uma “época de mudanças, mas uma mudança de época”. O que antes era certeza, até bem pouco tempo, servindo como referência para viver, tem se mostrado insuficiente para responder a situações novas.

Mudanças de época são, de fato, tempos desnorteadores, pois afetam os critérios de compreensão, os valores mais profundos, a partir dos quais se afirmam identidades e se estabelecem ações e relações (Cf. DGAE, 2011, n.19-20).

Em meio a tudo isto, se percebe que os valores mudaram, afetando os critérios de compreensão da grande maioria das pessoas. Em meio a esta gama de inovações ainda tem sentido falarmos de fé para este homem e mulher dos novos tempos?

Neste sentido, vale resgatar a fé como sentido básico de atitude de quem se entrega com total confiança a Deus, vendo nele a razão última da própria existência; e faz desta entrega o eixo central de sua vida, que orienta todo o seu agir. É a “*fides qua creditur*” dos tratados clássicos de teologia. A *religião* é a concretização histórica da fé: sua exteriorização dentro de uma cultura, através de um sistema de símbolos, com determinadas estruturas de pertença.

Com a preocupação sobre a vivência e experiência de fé do homem contemporâneo o papa emérito Bento XVI abre um ano de reflexão para toda a Igreja Católica, afirma em sua carta apostólica *Porta Fidei* (2012, p.17).

“Com efeito, a fé cresce quando é vivida como experiência de um amor recebido e é comunicada como experiência de graça e de alegria. A fé torna-nos fecundos porque alarga o coração com a esperança e permite oferecer um testemunho que é capaz de gerar: de fato, abre o coração e a mente dos ouvintes para acolherem o convite do Senhor a aderir à sua Palavra a fim de se tornarem seus discípulos.”

O papa emérito Bento XVI proclamou um Ano da Fé para comemorar os 50 anos do Concílio Vaticano II que teve início no dia 11 de outubro de 2012 e terminará na Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo, a 24 de Novembro de 2013. Na referida data completa-se também vinte anos da publicação do Catecismo da Igreja Católica, um livro importante para a ação evangelizadora da Igreja católica.

Disse o Papa emérito Bento XVI (2012) ao convocar o Ano da Fé

“A missão da Igreja, como a de Cristo é, essencialmente, falar de Deus, evocar a sua soberania, lembrar a todos, especialmente aos cristãos que perderam a sua própria identidade, o direito que têm ao que lhes pertence, isto é, à nossa vida. Precisamente para dar um impulso renovado à missão de toda a Igreja de conduzir os homens para fora do deserto em que muitas vezes se encontram rumo ao lugar da vida, à amizade com Cristo que nos dá a vida em plenitude” (Bento XVI, 2012, p.13).

É esta a principal intenção: não deixar cair no esquecimento o fato que caracteriza a vida: acreditar. Sair do deserto do mutismo de quem não tem nada que dizer, para restituir a alegria e a fé e comunicá-la de modo renovado.

Na carta apostólica “Porta Fidei” Bento XVI escreve que “esta porta da fé esta sempre aberta”. Significa que ninguém pode sentir-se excluído da provocação positiva sobre o sentido da vida e dos enormes problemas que se abatem sobre o tempo atual, em virtude de uma crise complexa que aumenta as interrogações e eclipsa a esperança. Questionar sobre a fé não equivale a afastar-se do mundo, mas sim tomar consciência da responsabilidade que se tem para com a humanidade.

Não é incomum perceber pessoas que acreditam que ter fé é ter um “refúgio seguro” para descansar, como se fosse um sentimento de sossego. Ou mesmo há os que desejam que sua fé os conduza a emoções fortes, grandes êxtases espirituais. Não são poucos os que entendem a fé como um conjunto de conhecimentos mais ou menos estruturados acerca da ordem das coisas. E ainda há aqueles que compreendem a fé como um conjunto de normas e leis a serem cumpridas.

Seguindo esta reflexão, hoje se percebe que são muitas as pessoas que buscam na experiência de fé soluções para os seus problemas do cotidiano. A variável fé tem encontrado espaço no campo da psicologia, pois teóricos de diversas correntes abordam o assunto, pois a vivência da fé é algo presente na vida de um número relevante de pessoas, cada um com a sua particularidade.

Portanto, nestes últimos tempos, vê-se uma sociedade em profundas mudanças e rápidas transformações. Observa-se o avanço de uma "desertificação" espiritual. No entanto, é precisamente a partir da experiência deste vazio que se pode redescobrir a alegria de crer, a sua importância vital para homens e mulheres. E no deserto existe, sobretudo, necessidade de pessoas de fé que, com suas próprias vidas, indiquem o caminho para a Terra Prometida, [Ex 12,1–18,27] mantendo assim viva a esperança.

3- RESILIÊNCIA PRESENTE NA VIDA

O termo resiliência provém das ciências exatas, especificamente, da Física; Resiliência é a capacidade que um elemento tem em retornar ao seu estado inicial, após sofrer uma influência externa. Por mais que ele seja pressionado, o mesmo retorna ao seu estado original sem deformação.

No entanto, no Brasil, a palavra resiliência e seus significados ainda permanecem como “ilustres desconhecidos.” O dicionário de língua portuguesa diz que, na física, resiliência é a propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora duma deformação elástica “resistência ao choque”. Já o dicionário de língua inglesa oferece duas definições de

resiliência, a primeira como habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito depois de passar por doenças, dificuldades etc, e a segunda se refere a habilidade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão é removida: flexibilidade. Original em inglês: “the ability to return quickly to your usual health or state of mind after suffering an illness, difficulties etc...” “the ability of a substance to return to its former shape when pressure is removed: flexibility.”

Segundo Anaut (2005, p.45-46) a resiliência é um termo francês, surgido do latim *resilientia*, que é habitualmente utilizado em física de materiais para designar a resistência do material ao choque elevado a capacidade de uma estrutura para absorver a energia cinética do meio sem se modificar.

Segundo o dicionário Historique de La langue française, o termo resilier etimologicamente é formado por re que indica um movimento para trás, retirada, e salire, saltar, pular. Resilir significa literalmente saltar para trás, retrair-se. Assim, resilição é o ato pelo qual se põe fim a um compromisso, a uma promessa, a um contrato.

Michael Rutter (1991) entende resiliência como uma resposta global em que estão em jogo os mecanismos de proteção, entendendo por estes não a valência contrária aos fatores de risco, mas aquela dinâmica que permite ao indivíduo sair fortalecido da adversidade, em cada situação específica, respeitando as características pessoais.

Edith Grotberg define resiliência como o que requer a interação de fatores resilientes advindos de três diferentes níveis: suporte social (eu tenho), habilidades (eu posso) e força interna (eu sou e eu estou). Dessa forma, apesar de organizar os fatores de resiliência num modelo triádico, incorpora como elemento essencial a dinâmica e a interação entre esses fatores. Autores mais recentes são Luthar e Cushing (1999), Masten (1999), Kaplan (1999) e Bernard (1999), que entendem resiliência como um processo dinâmico em que as influências do meio e do indivíduo interatuam em uma relação recíproca, que permite à pessoa se adaptar, apesar da adversidade (Melillo, A. Ojeda, E, 2005, p. 24-25).

O paradigma da resiliência, sem desconhecer a relevância dos estudos anteriores, propõe uma mudança de ótica, centrando a observação nas capacidades dos indivíduos e grupos, de resistir e refazer-se após experiências de grandes sofrimentos.

Percebe-se que ao longo dos estudos em psicologia centrou-se muito nas perturbações do comportamento e nas consequentes psicopatologias do que na saúde e no positivo que cada ser humano carrega dentro de si, a partir disto tanto a psicologia

como outras ciências tentam compreender os fatores de risco e de vulnerabilidade, a fim de ajudar os indivíduos, e eventualmente, avaliar os riscos posteriores de morbidade.

Em estudos da psicologia positiva percebeu-se que pessoas que submetidas a situações adversas tiveram reações diversas frente à vulnerabilidade, isto mostra a complexidade do assunto quando se fala de fatores de risco versus fatores de proteção. Alguns expostos a contextos desfavoráveis não apresentaram perturbações psíquicas ou comportamentais e se ajustaram a realidade saindo destas situações até mesmo fortalecidas e é isto que instiga a aprofundar a capacidade de resiliência presente na vida de cada pessoa.

Entretanto, tratando-se de um “processo comportamental ou psíquico, de superação de situações adversas e traumáticas”, em que o sujeito pode apresentar comportamentos resilientes dentro de um contexto, permitindo compreender que o mesmo não se torna invulnerável, porém com ajuda de atributos pessoais consegue se adaptar e superar situações adversas com um mínimo de prejuízo possível (Larrosa, 2011, p.7).

Em lugar de focar a observação nas fraquezas, sintomas, doenças, carências, tenta-se descobrir quais são os chamados “fatores de proteção” e os “pilares de resiliência”, isto é, as forças positivas do ambiente circundante e as capacidades pessoais para reagir e superar as adversidades da vida, a fim de fomentá-las e promovê-las.

Segundo Cyrulnik (1999), a resiliência concebe a capacidade de resposta a um trauma, e a capacidade de ser feliz apesar de este ter sido marcante na vida, também enfatiza que é a capacidade de evolução como pessoa no processo da sua história vital.

Chok, Hiew, Mori, Shmigu, Tominaga (2000) descobriram que as pessoas resilientes eram capazes de enfrentar adversidades. Advertiram também que a resiliência reduziria a intensidade do estresse e a diminuição de sinais emocionais negativos, como ansiedade, depressão ou raiva, ao mesmo tempo que aumentava a curiosidade e a saúde emocional. Portanto, a resiliência é efetiva não apenas para enfrentar adversidades, mas também para a promoção da saúde mental e emocional.

Portanto, não existem seres “invulneráveis”, a resiliência é um estado que varia conforme a idade do sujeito, conforme o conjunto de fatores de risco padecidos ao longo da sua história. Relaciona-se também às características de personalidade e também às escolhas livres de cada um. A resiliência se “tece” ao longo da vida e é dinâmica. Por isso, não se “é” resiliente, mas se “está” resiliente. Alguém pode agir com

atitudes resilientes diante de graves situações, porém, pode ter uma queda significativa na capacidade de superação após um acontecimento de outra índole ou, aparentemente, de menor teor traumático para outras pessoas. Pode afirmar-se que a superação de situações traumáticas faz crescer as capacidades de resiliência. Pode constatar-se que, para algumas pessoas, determinadas adversidades chegam a contribuir no amadurecimento como ser humano, na descoberta de um sentido mais profundo dado às coisas e a vida. Porém, as adversidades isoladamente não são necessariamente capazes de promover a resiliência, com isto se avança nesta reflexão onde se busca compreender a vida de fé e a resiliência.

4- RESILIÊNCIA E EXPERIÊNCIA DE FÉ

Ainda persiste certa dificuldade para a Psicologia compreender a religiosidade das pessoas, sendo de difícil precisão e observação, indicar onde termina propriamente a experiência de fé, indicar quando ela é a vivência que motiva e sustenta os comportamentos e as atitudes, e quando não há mais que atos vazios de experiência. No entanto, estudos recentes vêm abrindo novos campos para a investigação na psicologia, um deles é o estudo sobre a resiliência como foi apresentado anteriormente.

Buscar estudar a resiliência a partir da vida de fé é abrir várias portas de possibilidades e a própria ciência psicológica corrobora, uma vez que já existem pesquisas sobre os resultados benéficos da fé para a vida cotidiana. Acredita-se que os trabalhos sobre resiliência devem incluir a fé como um de seus fatores promotores. É preciso ter claro também que a fé é um fator a mais que a pessoa possui, pois existem pessoas que sem fazer tal experiência de fé também pode ser resiliente, mas neste trabalho pretende-se explicitar os valores que a fé pode possibilitar fazendo com que uma pessoa seja resiliente.

Segundo Cyrulnik (2004), o mais importante a se notar sobre o seu trabalho, diz ele, é que a resiliência não é um traço de caráter: as pessoas não nascem mais ou menos resistentes do que os outros.

O ser humano é dotado de características que o diferenciam dos demais, que o fazem um ser único, é capaz de realizar complexas relações no seu meio e cada pessoa pode reagir de maneiras diferentes a uma mesma situação ou estímulo. Pode-se dizer que a individualidade é uma marca do ser humano e se forma a partir de um conjunto de fatores como a genética, o meio em que vivem ou mesmo acontecimentos durante sua vida. O ser humano trás consigo marcas e potencialidades desde o seu nascimento e que dentro de certos limites poderão ser influenciados por diversos fatores. Esse conjunto de

características herdadas e adquiridas irá formar a personalidade do indivíduo que será própria de cada ser, e determinante no rumo que sua vida irá tomar suas decisões e até mesmo a profissão que irá seguir (Allport, 1966).

A personalidade pode ser compreendida segundo diferentes maneiras e teorias, é um fenômeno complexo e existem várias definições para ela. Segundo Allport (1966), personalidade é a organização dinâmica, no indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam seu comportamento e seu pensamento característicos, são as relações do conjunto, corpo-mente que interagem mutuamente e que motivam e influenciam seus pensamentos e atos e será determinante no processo de adaptação do indivíduo. (Allport, 1966, p. 50).

A vida humana é marcada por adversidades, situações que nem sempre se consegue suportar, surpresas que afetam internamente e externamente a pessoa, frente a estas situações, o que se pode fazer? Pode-se pensar em fugir ou enfrentá-la. Há pessoas que além de ficarem e enfrentarem as adversidades, ainda conseguem se beneficiar, aprendendo e crescendo emocionalmente. Essas são as pessoas resilientes.

Quando se trata do comportamento humano, a resiliência significa a habilidade de lidar e superar as adversidades, transformando experiências negativas em aprendizado e oportunidade de mudança.

“Ser resiliente” é ter a capacidade de enfrentar crises, traumas, perdas, graves adversidades, transformações, rupturas e desafios, elaborando as situações e recuperando-se diante delas. No entanto, muitas vezes confunde-se resiliência com resistência – que são duas características diferentes, uma pessoa resistente é aquela que resiste a situações de pressão. Já uma pessoa resiliente, além de suportar a pressão, aprende com as dificuldades e os desafios, usando sua flexibilidade para se adaptar e sua criatividade para encontrar soluções alternativas.

Portanto, não é a situação em si que determina o comportamento da pessoa, mas o modo como ele interpreta a situação. Por isso, em algumas situações a pessoa pode ser resiliente, já em outras pode estar totalmente vulnerável e ter mais dificuldade de superação. A resiliência resulta das crenças da pessoa, podendo conduzi-la à adaptação saudável diante das adversidades.

Barbosa (2010) discute que a resiliência tem sua origem em sistemas específicos de crenças que interagem com as adversidades da vida e que conduzem o indivíduo a utilizar habilidades específicas na resolução de problemas e conflitos

Em Barbosa (2010), a resiliência é uma experiência que implica amadurecimento e desenvolvimento, ou seja, todo indivíduo tem uma predisposição à resiliência, que pode ser desenvolvida a partir das vivências durante toda a vida.

A resiliência, nas ciências humanas, está relacionada com processos psicossociais que favorecem o desenvolvimento sadio do indivíduo mesmo diante de adversidades e tem como objetivo compreender as características individuais e ambientais que podem ser modificadas para que os indivíduos consigam enfrentar as situações adversas.

O estudo da resiliência em indivíduos que enfrentam situações adversas no seu dia a dia pode ser uma nova e desafiadora tarefa em busca de medidas preventivas na qualidade de vida, como no caso da experiência de fé como possibilitadora de fazer com que a pessoa seja mais resiliente.

Assis, Pesce e Avanci (2006, p. 13) afirmam que

“Pela impossibilidade de inferir a resiliência em um indivíduo isoladamente, adota-se a noção de potencial de resiliência, que pode ser mais ou menos desenvolvido ao longo da vida. Trata-se de uma energia inerente aos seres humanos, que precisa ser nutrida e potencializada ao longo de toda a existência de cada um. Também se descarta a possibilidade que a resiliência é um fator específico apenas para o indivíduo. Pelo contrário a capacidade de superação de adversidade é uma qualidade que existe e que pode ser incentivada em qualquer instituição ou grupo social, como família, escola, comunidade ou organização profissional”.

Percebe-se que a ideia que se assume a partir deste paradigma da resiliência é o desenvolvimento humano a partir de uma perspectiva otimista, pois é possível se desenvolver para uma boa qualidade de vida e não nos determos apenas na recuperação de doenças e do mal estar, há uma necessidade de se colocar em debate a prevenção aos agravos e da promoção da saúde.

Segundo Assis, Pesce e Avanci (2006, p. 20), a partir de diferentes olhares, o que se deduz das teorias sobre a resiliência é o caráter construtivo da mesma, que não nasce com o sujeito nem é aquisição exclusiva de fora para dentro, mas sim um processo interativo entre a pessoa e seu meio, o qual capacita e fortalece o indivíduo para lidar positivamente com a adversidade.

O destaque que se quer dar é para o desenvolvimento humano frente às situações de vulnerabilidade e como é possível o enfrentamento e superação. Bronfenbrenner

formulou sua teoria de desenvolvimento humano, publicada no final da década de 70, expondo ao campo científico importantes premissas para o planejamento e desenvolvimento de pesquisas em ambientes naturais. Seus escritos faziam uma séria crítica ao modo tradicional de se estudar o desenvolvimento humano, referindo-se entre outras coisas, à grande quantidade de pesquisas concluídas sobre desenvolvimento “fora do contexto”. Para ele, essas investigações focalizavam, somente, a pessoa em desenvolvimento dentro de ambiente restrito e estático, sem a devida consideração das múltiplas influências dos contextos em que os sujeitos viviam (Bronfenbrenner, 1977, 1996).

As novas reformulações do modelo ecológico de desenvolvimento humano, realizadas por Bronfenbrenner e Morris (1998), inclui uma nova forma de olhar as propriedades da pessoa em desenvolvimento. O novo modelo que em vez de ecológico passa a ser chamado de bioecológico tende a reforçar a ênfase nas características biopsicológicas da pessoa em desenvolvimento. Outro aspecto proposto no novo modelo é o construto teórico “processos proximais”, entendido como “formas particulares de interação entre organismo e ambiente, que operam ao longo do tempo e compreendem os primeiros mecanismos que produzem o desenvolvimento humano” (Bronfenbrenner; Morris, 1998, p. 994). No modelo bioecológico, são reapresentados quatro aspectos multidirecionais inter-relacionados, o que é designado como modelo PPCT: "pessoa, processo, contexto e tempo".

A abordagem ecológica desenvolvida por Bronfenbrenner (1977, 1989, 1996) privilegia estudos em desenvolvimento de forma contextualizada e em ambientes naturais, diferentemente de experiências em laboratório, visando apreender a realidade de forma abrangente, tal como é vivida e percebida pelo ser humano no contexto em que habita.

Quanto à concepção de desenvolvimento, Bronfenbrenner (1996), em vez de dar toda a importância aos processos psicológicos tradicionais como percepção, motivação, pensamento ou aprendizagem, enfatiza o conteúdo desses processos como o que é percebido pela pessoa, ou ainda o que é temido, pensado ou adquirido como conhecimento, importando-se mais em como a natureza desse material psicológico pode ser alterada em função da exposição e interação do ser humano em desenvolvimento com o seu meio ambiente.

A definição de desenvolvimento humano, para o autor, consiste em: mudança duradoura na maneira pela qual uma pessoa percebe e lida com o seu ambiente, (...) é o

processo através do qual a pessoa desenvolvendo adquire uma concepção mais ampliada, diferenciada e válida do meio ambiente ecológico, e se torna mais motivada e mais capaz de se envolver em atividades que revelam suas propriedades, sustentam ou restituíram aquele ambiente em níveis de complexidade semelhante ou maior de forma e conteúdo (Bronfenbrenner, 1996, p. 5).

Recentemente, Bronfenbrenner e Morris (1998) revisaram este conceito e o complementaram, definindo como desenvolvimento “o processo que se refere à estabilidade e mudanças nas características biopsicológicas dos seres humanos durante o curso de suas vidas e através de gerações” (Bronfenbrenner e Morris, 1998, p. 995).

Bronfenbrenner (1996), citado por Assis, Pesce e Avanci (2006, p.19-20), afirma que, a partir da teoria do desenvolvimento ecológico da pessoa, as interconexões de ordem ecológica podem ser estabelecida no ambiente imediato da pessoa (microsistema), entre ambientes em que ela participa diretamente (mesossistemas), ou entre ambientes nos quais ela talvez nunca participe, mas onde ocorrem eventos conjunturais que afetam seu ambiente imediato (exossistemas). Esses sistemas interconectados são referidos como macrossistemas que vão definir as propriedades dos contextos sociais mais amplos do desenvolvimento humano. As estruturas ecológicas encaixam-se uma nas outras, influenciando o desenvolvimento individual. Tais interconexões tem impacto sobre as forças que atingem o crescimento psicológico. A interação da pessoa nesses ambientes possibilita descobertas, sustentações ou alterações de suas propriedades pessoais.

Diante disto, a noção de resiliência vem se complexificando, sendo abordada como um processo dinâmico que envolve a interação entre processos sociais e intrapsíquicos de risco e proteção. O desenvolvimento do constructo enfatiza a interação entre eventos adversos de vida e fatores de proteção internos e externos ao indivíduo. Por isto, o estudo que Bronfenbrenner (1996) apresenta sobre o desenvolvimento ecológico do ser humano introduz a noção de que o ambiente precisa ser valorizado conforme ele é percebido pela pessoa, não conforme ele existe na realidade objetiva (Assis, Pesce e Avanci, 2006, p. 20).

Deve-se ter em conta que na estrutura da personalidade a experiência de fé para além de ser apenas analisada como fenômeno, deve ser entendida como forte influencia em todas as ramificações da personalidade. Atualmente, as teorias da personalidade aceitam, em geral, a ideia de que a experiência de Deus, e do comportamento religioso, são “normais” e têm ou podem ter uma função positiva nas estruturas da personalidade.

Uma ideia central no pensamento de Fowler (1992) é que a fé faz parte da consciência humana. A fé e a personalidade desenvolvem-se juntas. Não são a mesma coisa, mas são entrelaçadas. Fowler entende a fé como a experiência humana de lealdade e confiança. A fé é essencialmente o processo universal humano de construir significado, que é uma parte integrante do desenvolvimento do ego, ou da personalidade. A fé é a disposição total da pessoa a um definitivo referencial, ou centro de valor, que dá poder, apoio, orientação, coragem e esperança para a vida e é capaz de unir as pessoas em comunidades de fé.

Com estes dados relevantes sobre resiliência e desenvolvimento humano é possível adentrarmos no campo da experiência de fé como algo que integra a pessoa no seu todo. Na atual sociedade que vive uma mudança de época ao trazer consigo algumas consequências sérias para a religião, tem-se um alvorecer de um novo jeito de crer e de lidar com a religião. Este novo jeito de se lidar com a religião manifesta-se articulado com novas exigências para o jeito que se compreende a experiência de fé que acontece na vida cotidiana.

Apesar de ouvir falar que na atual sociedade se tem homens e mulheres na indiferença religiosa, apesar de a sociedade viver cada vez mais imersa no consumismo desenfreado, apesar dos conflitos de cultura, de religiosidade, sabe-se que a realidade fala de Deus, e que o ser humano sente necessidade da experiência de fé.

Segundo o Estudo da CNBB Iniciação à Vida Cristã (2009) na ação evangelizadora hoje, percebe-se as “sedes” que homens e mulheres vivem nesta época de mudanças, neste tempo de crise. Podem-se nomear algumas: sede de felicidade, de paz, de sentido, de fraternidade, de vida, de escuta, de acolhida, de gratuidade, de amor, de alegria, de beleza, de misericórdia, de ternura, de perdão, de compaixão, de reconhecimento da sua própria dignidade, de justiça, de Deus.

Nas atividades pastorais na Igreja católica, é comum encontrar pessoas que vêm em busca da fé por necessidades pessoais. Nos trabalhos pastorais percebem-se duas atitudes que trazem a pessoa para a busca de Deus: a primeira é porque tem fé e a segunda, algum problema ou dificuldade na vida. No entanto, o que mais se constata é a busca da religião para superar a doença pessoal ou de alguém da família que passa por uma situação de enfermidade. A questão que se coloca em foco é que a fé pode ajudar estas pessoas a conseguirem o que buscam.

O que se pôde constatar foi que muitas pessoas tornam-se atuantes na comunidade - Igreja quando fazem uma experiência profunda de fé dentro da situação

de adversidade que viveu. Esta experiência de fé implica ser vivida a partir de uma mistagogia, pois a pessoa percebe que a fé lhe traz bem estar para vida cotidiana.

“Segundo o Dicionário de Mística (Borriello, Genio, Suffli, 2003, p.701-702)

O termo mistagogia vem do grego, é composto do substantivo *mystes* [mistério], que deriva do verbo *muew* [myein] que significa iniciar aos mistérios. Ser iniciado. Aprender o segredo e do verbo *agein* = conduzir. Etimologicamente falando, significa a ação de conduzir uma pessoa no conhecimento de uma verdade oculta e no rito que a significa”.

A participação na vida comunitária é capaz de gerar uma experiência religiosa, seguindo Anjos Fabri (1998, p.07), os termos de experiência e religião, que compõe o binômio da experiência religiosa, remetem para um amplo espectro de questões. Quando fala de experiência se lida com coordenadas que perpassam a estrutura de ser, as formas de conhecimento, a vida pessoal e social, e, portanto, a própria história; e assim a experiência se apresenta a todas as ciências humanas como objeto e ao mesmo tempo como condição. A religião por sua vez, evoca as grandes questões sobre o sentido da vida, as relações espirituais, as atitudes de fé e suas correspondentes organizações da vida individual e social.

O termo “religioso” é tomado aqui no sentido estudado por Tillich (1995) não como próprio de uma religião, mas como a atitude dinâmica de alguém ao sentido radical, último, de sua experiência.

Neste sentido percebe-se que a experiência de fé se expressa na busca pelo sagrado, constituindo-se na resposta possível ao seu apelo, a partir da condição finita do indivíduo. A vida de fé a partir da resiliência pode ser compreendida como afirma, Fowler

“o modo em que uma pessoa ou um grupo penetra no campo de força da vida. É o modo de achar coerência nas múltiplas forças e relações que constituem a vida e de dar sentido a elas. A fé é o modo pelo qual uma pessoa vê a si mesma em relação aos outros, sobre um pano de fundo de significados e propósitos partilhados” (Fowler, 1992, p.15).

A experiência de fé se faz a partir daquilo que a pessoa é e pelo modo como se vive. Pois viver a experiência de fé de forma integrada é, antes de mais nada, criar condições exteriores e interiores para uma realização antropológica.

Na vida ocorrem umas tantas situações vividas com especial intensidade e emoção: ser acolhido e valorizado; poder ajudar em momentos de grande necessidade;

ser confrontado com intensas alegrias ou dores, como nascimento ou morte, algo de impressionantemente belo, o impacto de uma comunidade “diferente”. São as chamadas “vivências”. Pois bem, a vivência refletida e interpretada é que constitui uma *experiência*. Para se elaborar a experiência, sente-se a necessidade de a codificar em palavras, imagens ou gestos; neste sentido também essa codificação pode ser considerada elemento constitutivo da experiência.

Quer sobrevenha numa celebração religiosa ou num outro evento, a vivência é sempre simplesmente humana. Não assim a experiência: conforme a interpretação que dela fizermos, será cristã, judaica, islâmica ou, talvez até sem adesão a determinado grupo religioso, experiência “religiosa”. A rigor, a experiência não se transmite a outros.

A experiência de fé é motivadora da vida e ao mesmo tempo proporciona *vivências* construtivas de solidariedade, felicidade e sentido, pois numa sociedade tão marcada por violência e decepção, é preciso ser portador daquilo que a Sagrada Escritura designa com o denso termo do *Shalom*.

Por fim, foram apresentadas questões pertinentes em relação ao papel da experiência de fé no processo de resiliência. A partir disto, é significativo perceber que a ação da Igreja como espaço próprio da comunidade de fé seja um lugar para ajudar os seus interlocutores a ter uma fé que seja promotora de resiliência.

5- A FÉ COMO RESILIÊNCIA

São muitos os fatores de risco, crônicos ou agudos, que afetam a capacidade de resiliência de indivíduos. Condições de pobreza, rupturas na família, vivência de algum tipo de violência, experiências de doença no próprio indivíduo ou na família e perdas importantes são alguns exemplos.

Pelo explicitado, constata-se que não é necessário compreender apenas a importância dos riscos para se aferir a resiliência. Os fatores de proteção que um indivíduo dispõe internamente ou capta do meio em que vive são considerados elementos cruciais para a compreensão do assunto.

Há divergências na literatura sobre a capacidade desses fatores predizerem efetivamente a resiliência. Para Trombeta e Guzzo (2002), apenas os fatores de proteção são preditivos de resiliência, enquanto os fatores de risco não possuem tal capacidade. Para Yunes e Szymanski (2001), a resiliência é o produto final da combinação e acúmulo dos fatores de proteção.

Segundo Assis, Pesce e Avanci,

“É um equívoco pensar a resiliência como um atributo fixo e estável ao longo da vida. Deveria, portanto, ser necessário um longo prazo de acompanhamento para se analisar o potencial de resiliência dos indivíduos que sofrem variações no curso do desenvolvimento, conforme as diferentes circunstâncias de vida e os diversos estados emocionais. O ser humano pode fortalecer-se ou titubear diante de circunstâncias adversas e do estoque de conhecimentos e experiências anteriores. Seu potencial de resiliência pode ser ou não lesado pelos golpes do destino; em caso positivo, pode haver uma mudança transitória ou duradoura. É ainda inadequado pensar em sujeito resiliente a todas as adversidades e em todas as fases de sua vida” (Assis, Pesce e Avanci, 2006, p.21).

Alguns dos fatores de proteção que podem fazer com que uma pessoa seja resiliente podem ser compreendidos a partir de três tipos: 1) fatores individuais: autoestima positiva, autocontrole, autonomia, características de temperamento afetuoso e flexível; 2) fatores familiares: coesão, estabilidade, respeito mútuo, apoio/suporte; 3) fatores relacionados ao apoio do meio ambiente: bom relacionamento com amigos, ou pessoas significativas.

O que se pretende explorar aqui é sobre a associação da resiliência com eventos de vida adversos e com fatores de proteção a partir da experiência de fé. Apesar das diversas incertezas sobre os processos ocorridos no indivíduo até que consiga alcançar resiliência, acredita-se que as variáveis risco e proteção são peças fundamentais que se combinam no cenário complexo desse construto.

Percebe-se que a fé é um fator diferenciado que uma pessoa possui que vem somar para fortalecer a resiliência. Por isso, a partir da experiência de fé, uma pessoa pode se tornar resiliente frente às adversidades como confiança em Deus como fonte de sentido, esperança, força vital e equilíbrio existencial para o enfrentamento, resistência e superação das adversidades da vida.

A fé cristã é portadora de horizontes de sentido existencial e últimos, e pode despertar resiliência nas pessoas que estejam passando por sofrimento, provendo-lhes esperança realista, autoconfiança, equilíbrio emocional e alegria existencial frente aos dramas que as atingem.

De acordo com Hoch, a fé ajuda a despertar essa força muitas vezes adormecida dentro do homem. A fé é capaz de alimentar essa força.

“Aliás, eu creio que nós, mediante a fé em Deus, podemos nutrir, reforçar, treinar esta força como um músculo que precisamos exercitar para ficar forte. A fé em Deus é como uma força externa que fortalece essa força vital própria com a qual Deus, o criador, já nos presenteou no ato de nascermos” (Hoch, 2007 p. 73).

De acordo com Moreira-Almeida, Lotufo Neto e Koenig (2006. p.242), os estudos de boa qualidade apontam que os níveis mais elevados no envolvimento religioso associam-se de forma positiva a indicadores de bem-estar psicológico “satisfação com a vida, felicidade, afeto positivo e moral mais elevado e a menos depressão, pensamentos e comportamentos suicidas, e uso/abuso de álcool/drogas”.

Os autores trabalharam com diversas bases de dados resultando em 850 artigos publicados no decorrer do século XX, incluindo contextualização histórica e metodológica, artigos publicados após o ano 2000 e também pesquisas conduzidas no Brasil. Ao concluir este trabalho os autores contribuem dizendo que as evidências confirmam que o “envolvimento religioso habitualmente está associado à melhor saúde mental” (Moreira-Almeida; Lotufo Neto; Koenig, 2006, p.243).

Em outro contexto, de acordo com o autor Dalgarrondo (2006), vê-se que as pessoas que se consideram mais religiosas, tais como participantes nas atividades religiosas, “... como frequência a cultos, orações e leitura de textos religiosos também apresenta maior bem estar psicológico”. Dalgarrondo (2006) associa que vários fatores e vários fenômenos ajam em sinergia, o apoio social dos grupos religiosos, a disponibilidade de um sistema de crenças que propicia sentido à vida e ao sofrimento, o incentivo a comportamentos saudáveis e regras referentes a estilos de vida propiciadores da saúde (relacionados à alimentação, ao uso de substâncias, ao comportamento sexual, à criação dos filhos, etc.).

Diante destas afirmações, serão apresentados alguns elementos importantes da prática da comunidade - Igreja que possam ajudar e despertar nas pessoas a resiliência. Serão elencadas pelo menos três atitudes que são portadoras de resiliência para alimentar a fé, são elas: o cultivo da espiritualidade cristã, a leitura da Sagrada Escritura, a participação nas celebrações litúrgicas.

5.1- O CULTIVO DE UMA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

Para desenvolver o assunto sobre a espiritualidade e resiliência, ainda, persistem algumas dificuldades em vista da escassa literatura sobre vida de fé, espiritualidade e

resiliência. Aportar-se-á em Vanistendael (2005) que desenvolve com marcada ênfase o tema da espiritualidade e resiliência.

A contribuição da Psicologia para a teologia espiritual suscita diversas questões de princípio. No momento atual, percebe a tal propósito uma tomada de posição decisivamente positiva. Durante período demasiado longo, estudou-se o ser humano unicamente a partir de seus deveres morais, para esclarecer suas convicções racionais, discutir suas objeções contra a fé; recorreu-se a seu cérebro e, por vezes, a suas emoções e comportamentos. No entanto, este apelo dirigido ao cérebro, ao sentimento e o comportamento, concomitantemente, parece hoje insuficiente, superado e estéril. É necessário que a ação educativa atinja a pessoa em sua totalidade e que leve em conta as condições humanas da personalidade em que se desenvolve também a ação de uma vida espiritual.

Tanto sob o aspecto teórico, quanto sob o aspecto aplicado, o ser humano não pode ser dividido em duas partes: o psíquico, de um lado, e o moral e religioso, de outro. A ação educativa será sempre inadequada se não se basear no conhecimento seguro dos sujeitos a que se dirige. Os progressos da Psicologia, bem como da Psicologia Positiva abrem, para a ação eclesial, não só um campo de informações, mas oferecem também algumas técnicas para conhecer e para influir em outros. A eficácia destas técnicas adquire cada vez maior importância à medida que se dispõe de conhecimento mais adequado das mesmas.

“Deve-se, no entanto, entender a Espiritualidade a partir da mística e da ascética. Mística e ascética, convém ressaltar que se trata de duas manifestações da mesma realidade: a vida cristã. Tentou-se estabelecer se e até que ponto o essencial da vida mística deve ser considerado como expressão madura da vida cristã como tal e se deve ser encarado como o critério concreto da perfeição” (S. Fiore, T. Goffi, 1989, p.991).

O Dicionário de Espiritualidade traz uma definição interessante para este estudo. Sobre a expressão “espiritualidade” e “vida espiritual” é necessário dizer que ela exerceu desde o princípio a função de afirmar a unidade do estudo da ascética e da mística com um termo que, de certa forma, incluísse ambos os aspectos. No entanto, bem depressa o termo assumiu clara conotação paulina; não se trata da vida da alma, mas a vida cristã segundo o Espírito, indicando os caminhos para levá-la à sua plenitude (Org. Fiore e Goffi, 1989, p. 991).

A vida cristã, portanto, é um jeito de estar e de ser. Vanistendael (2005) salienta que as “pesquisas científicas logo constataram correlações positivas entre a fé religiosa e a resiliência” (Vanistendael, 2005, p. 11-12). Contudo, ele sugere ter prudência na hora de afirmar este correlato, especialmente quando se trata de uma fé que ele chama sectária, pois caso a fé induza à violência contra si ou contra outros. Esse tipo de espiritualidade ou crença religiosa não poderá considerar-se promotora de resiliência, já que a resiliência é, necessariamente, um “processo de crescimento da vida” (Vanistendael, 2005, p. 12). Vale destacar que os traços sectários não devem identificar-se com as religiões não oficiais.

A pessoa que cultiva uma espiritualidade cristã, ao viver momentos de adversidades e de dificuldades, sempre buscará um significado para tal e o buscará superar a partir de uma vida que alcance respostas em Deus, não como passividade diante de tal situação, mas como processo de superação e segurança íntima e afetiva com o transcendente.

5.2- UMA VIDA CENTRADA NA SAGRADA ESCRITURA

“Tu compreendes o que estás lendo?” O eunuco respondeu: “Como poderia, se ninguém me orienta?” Então convidou Filipe a subir e a sentar-se junto dele. E o eunuco disse a Filipe: “Peço que me expliques de quem o profeta está dizendo isso. Ele fala de si mesmo ou se refere a algum outro?” Então Filipe começou a falar e, partindo dessa passagem da Escritura, anunciou-lhe Jesus” [At 8, 30-31. 34.35].

Nos últimos cinquenta anos, a Igreja Católica está retomando o espaço da leitura bíblica na vida dos seus interlocutores e sua condição de valor fundamental na vida e na missão da Igreja a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), com o grande impulso da *Dei Verbum*, (1965, n.22) que conclamou todos os pastores a um efetivo compromisso com a difusão da Bíblia quando diz que “o acesso às Sagradas Escrituras seja aberto amplamente aos fiéis”.

O percurso da história tem mostrado que a Bíblia, aos poucos, foi entrando na vida do povo pela porta da experiência pessoal e comunitária. O contato com a Palavra está para além de qualquer doutrina escrita. Daí a importância de recordar o que o Papa João Paulo II, em sua visita pastoral ao Brasil em 1980, enfatizou, o caráter da mensagem como algo que marca profundamente a vida de fé do povo. Assim ele se expressou:

“Quem diz mensagem diz algo mais que doutrina. Quantas doutrinas de fato jamais chegaram a ser mensagem. A mensagem não se limita a propor ideias: ela

exige uma resposta, pois é interpelação entre as pessoas, entre aquele que propõe e aquele que responde. A mensagem é vida” (DNC, 2006, n.97).

Desta forma, acontece a redescoberta do povo de que a Bíblia se faz presente em sua vida e caminhada, não simplesmente como um livro que lhe transmite uma doutrina, mas como uma Boa Notícia reveladora da mensagem que permanece.

Em outubro de 2008 o Papa Bento XVI conclamou um sínodo para abordar o tema “a Palavra de Deus na vida e na Missão da Igreja”, o Sínodo procurou acentuar a importância da Bíblia na formação do povo. O Sínodo contribuiu para o avanço da caminhada Bíblica na Igreja. A *Exortação Apostólica Pós-Sinodal, Verbum Domini* “Convida toda Igreja a um empenho pastoral para ressaltar o ponto central da Palavra de Deus na vida eclesial recomendando “incrementar a “pastoral bíblica”, não como justaposição com outras pastorais, mas sim como Animação Bíblica da Pastoral”. Desperta o interesse real pelo encontro pessoal com Jesus Cristo na Palavra. Deseja favorecer maior conhecimento da Pessoa de Jesus Cristo. Salienta a importância da Animação Bíblica da Pastoral como eficácia e solidez na missão diante do fenômeno *das seitas*. Acentua a necessidade de formar os fiéis no conhecimento da Bíblia, na fé da Igreja e sua tradição; destaca a necessidade de preparar os Presbíteros e Leigos para instruir e ensinar com autenticidade as Escrituras. Convoca a promover comunidades, onde a Bíblia seja fonte da oração e conhecimento, segundo a fé da Igreja.

Em outubro de 2011, aconteceu, em Goiânia, o I Congresso de Animação Bíblica da Pastoral, realizado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) através da Comissão Episcopal Pastoral para Animação Bíblico-Catequética e pela Sociedade de Catequetas Latino-Americanos (SCALA), com o apoio da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). O objetivo do Congresso foi promover e dinamizar o processo de reflexão e ação da Igreja, fazendo com que cada fiel, cada pastoral e as demais iniciativas eclesiais sejam perpassadas pela Sagrada Escritura.

Tudo o que se afirmou até aqui foi para ressaltar a centralidade que a Palavra de Deus tem na Igreja, comunidade de fé e que deve ter também para os seus interlocutores.

A Bíblia é o relato da experiência vivida pelo povo de Israel de que Deus é ‘amor fiel’ [1Cor 1,9] que está presente desde a origem até o cumprimento total das suas promessas: quando ‘Deus será tudo em todos’ [1Cor 15,28]. Como afirma a *Lúmen Gentium* que a Bíblia contém as respostas do povo às ações e propostas de Deus, acolhendo sua aliança, outras vezes entrando por caminhos errados. Mas Deus nunca

abandona seu povo. E, por isso, envia seu Filho como Palavra Viva e Eficaz, para realizar suas promessas. A Palavra de Deus é Jesus: caminho, verdade e vida [Jo 14,6]. O Caminho verdadeiro nos leva à Vida (LG 2). Ao se apresentar como Caminho, Jesus resume as dimensões inseparáveis da Palavra: presença e dons de Deus às pessoas para que convivam como filhos e irmãos, e realizem um mundo novo, justo e fraterno. São Paulo assim resume sua experiência de contato com a Palavra: “Muitas vezes e de muitos modos, Deus falou outrora aos nossos pais, pelos profetas. Nestes dias, que são os últimos, falou-nos por meio de seu Filho...” [Hb 1,1-2]. “Nós mesmos não deixamos de falar daquilo que vimos e ouvimos” [At 4,20].

Um dos meios eficazes de contato com a Bíblia é através da Lectio Divina. O Papa Bento XVI (2012, n.87) apresenta os passos da Leitura Orante na *Verbum Domini*.

Lembrar-se-á brevemente, os seus passos fundamentais: começa com a leitura (*lectio*) do texto, que suscita a interrogação sobre um autêntico conhecimento do seu conteúdo: *o que diz o texto bíblico em si?* Sem este momento, corre-se o risco que o texto se torne somente um pretexto para nunca ultrapassar os nossos pensamentos. Segue-se depois a meditação (*meditatio*), durante a qual se pergunta: *que nos diz o texto bíblico?* Aqui cada um, pessoalmente, mas também como realidade comunitária, deve deixar-se sensibilizar e pôr em questão, porque não se trata de considerar palavras pronunciadas no passado, mas no presente. Sucessivamente chega-se ao momento da oração (*oratio*), que supõe a pergunta: *que dizemos ao Senhor, em resposta à sua Palavra?* A oração enquanto pedido, intercessão, ação de graças e louvor é o primeiro modo como a Palavra nos transforma. Finalmente, a *lectio divina* conclui-se com a contemplação (*contemplatio*), durante a qual se assume como dom de Deus o seu próprio olhar, ao julgar a realidade, e interroga: *qual é a conversão da mente, do coração e da vida que o Senhor nos pede?* São Paulo, na *Carta aos Romanos*, afirma: “Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, a fim de conhecerdes a vontade de Deus: o que é bom, o que Lhe é agradável e o que é perfeito” (12, 2). De fato, a contemplação tende a criar em nós uma visão sapiencial da realidade segundo Deus e a formar em nós “o pensamento de Cristo” [1 Cor 2, 16]. Aqui a Palavra de Deus aparece como critério de discernimento: ela é “viva, eficaz e mais penetrante que uma espada de dois gumes; penetra até dividir a alma e o corpo, as juntas e as medulas e discerne os pensamentos e intenções do coração” [Hb 4, 12]. Há que recordar ainda que a *lectio divina* não está concluída, na sua dinâmica,

enquanto não chegar à ação (*actio*), que impele a existência do fiel a doar-se aos outros na caridade.

Os passos eficazes da leitura orante da Bíblia são um caminho para contato íntimo do crente com a Palavra de Deus que ilumina sua vida, lhe dá segurança, concede-lhe ajuda nos momentos de dificuldades, alimentando sua vida de fé, para que possa encontrar propostas de ação e, acima de tudo, colocá-las em prática. É interessante perceber que o Papa acrescenta a ação dentro da leitura orante, ou seja, a pessoa, faz a leitura do texto, medita, reza, contempla, mas tudo deve conduzir a uma ação.

A partir desta ação, se pode afirmar que aí está o dado da resiliência, pois uma fé alimentada a partir da Sagrada Escritura que traz toda uma experiência de um povo que, a todo momento, buscou ser resiliente em meios às adversidades do tempo e da história.

Nos grupos de leitura orante, não são poucos os relatos de pessoas que afirmam que só uma forte experiência de amor, humano ou divino, conseguiu dar-lhes novamente uma razão para lutarem e para continuarem a vida, oferecendo-lhes um sentido para viver e superar-se. São depoimentos que, às vezes, se escutam não só em casos de perdas graves ou doenças, mas também em situações físicas aparentemente irreversíveis. Como diz Vanistendael, “talvez a resiliência seja a prefiguração mais natural da dinâmica da cruz e da ressurreição” (Vanistendael, 1995, p. 26).

O papa Bento XVI lembra que o encontro com Jesus é o ponto de partida fundamental da experiência cristã. Ele esclarece: “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma pessoa, que dá um novo horizonte à vida, e com isso, uma orientação decisiva” (DAp, 2007, n. 243).

Portanto, novo horizonte, nova orientação, encontro, são palavras fundamentais dentro do conceito do que se entende por resiliência e, por isso, se pode afirmar que, a partir da Sagrada Escritura alimentada por uma vida orante de fé, é um meio eficaz para ser resiliente,

5.3- A PARTICIPAÇÃO NAS CELEBRAÇÕES LITÚRGICAS

Os cristãos católicos participam das celebrações dominicais da missa, existem também grupos que se reúnem semanalmente para celebrar a sua vida em torno da Palavra de Deus, são os encontros das pequenas comunidades eclesiais de base, lugar propício para partilhar as alegrias e tristezas do cotidiano. Pois, celebrar tem vários significados: festejar, solenizar, honrar, exaltar, cercar de cuidado e de estima. O ser

humano é naturalmente celebrativo por natureza. As pessoas facilmente se reúnem para celebrar aniversários, vitórias esportivas, formaturas, batizados, casamentos, funerais, etc. (Calandro, E. Ledo, J, 2010, p. 21).

Nestas celebrações, o que se pretende ressaltar é o dado da mistagogia que não pode faltar, pois, a partir dela, se mergulha na experiência. Por muito tempo racionalizou-se demais os rituais, tornando-se assim ritualismo que não ajuda a bem celebrar, vivenciar o mistério. Em linhas gerais, entende-se por mistagogia a iniciação ao mistério, ou seja, trata-se de um processo de ajudar a pessoa a olhar para além do rito e do sensível, construindo a fé a partir da liturgia. No concílio Vaticano II houve um apelo para a reforma da liturgia na vida da Igreja com o pedido de ser mais próxima dos fiéis, com melhores adaptações ao nosso tempo.

O mundo ritual não existe em si mesmo e por si mesmo, mas sim para a salvação integral do mundo dos homens. O homem é protagonista da liturgia, em íntima dependência de Deus e em relação com Deus Salvador. (Terrin, 1998, p.23)

A partir deste universo que se abre, há encontros entre as pessoas, momentos celebrativos, relação com o sagrado, partilha da vida entre outros elementos, portanto, devem ser espaços de promoção de fé madura e resiliente.

As celebrações são elementos fundamentais da ação da vida eclesial para a promoção de pessoas resilientes, pois estes momentos podem propiciar nas mesmas o desejo de expressarem seus sofrimentos, tristezas, decepções, perdas e, através das músicas litúrgicas, das orações, partilha da vida, dos testemunhos, pedidos de oração espontânea, leitura e meditação da Palavra de Deus, das partilhas ou da homilia, comungar o corpo de Cristo etc, tudo isto pode ser compreendido como momento oportuno de comunhão com a comunidade de fé, consigo e com Deus. Estes são momentos propícios para se promover a fé como resiliência.

Segundo Rocca (2007, p. 26) a fé, vivida com confiança em um Deus presente e força que ajuda a superar o sofrimento, parece ser uma chave no desenvolvimento das capacidades de resiliência. Daí as implicações para o contexto religioso, lugar privilegiado para acompanhar esse processo, desafiando os estudiosos e a comunidade de fé a redimensionar com esta ótica tantos recursos pessoais e comunitários que podem ser oferecidos por meio das celebrações, dos variados serviços, práticas e atividades religiosas.

Enfim, fica claro a capacidade e ao mesmo tempo a responsabilidade que a comunidade de fé tem na vida. A importância do dado da experiência de fé, na espiritualidade, na centralidade da Palavra de Deus e nas celebrações litúrgicas.

CONCLUSÃO

O estudo sobre resiliência leva a navegar por mares mais profundos, pois como afirma Boris Cyrulnik (2004) a resiliência trata-se de um processo, de um conjunto de fenômenos harmonizados em que o sujeito se esgueira para dentro de um contexto afetivo, social e cultural. A resiliência é a arte de navegar nas torrentes. Um trauma empurrou um sujeito em uma direção que ele gostaria de não tomar. Mas, uma vez que caiu numa correnteza que o faz rolar e o carrega para uma cascata de ferimentos, o resiliente deve apelar aos recursos internos impregnados em sua memória, deve brigar para não se deixar arrastar pela inclinação natural dos traumatismos que o fazem navegar aos trambolhões, de golpe em golpe, até o momento em que uma mão estendida lhe ofereça um recurso externo, uma relação afetiva, uma instituição social ou cultural que lhe permita a superação. (Cyrulnik, 2004, p. 207)

A presente revisão sobre a fé no processo de resiliência coloca alguns desafios e, ao mesmo tempo, impulsiona como Igreja-comunidade de fé a assumir aquilo que é próprio de sua identidade, como conclamou o Concílio Vaticano II, que se possa ser sinal de esperança em um mundo de tristezas, angústias e dores, superando a visão determinista e pessimista e, muitas vezes, moralista que não contribuiu em nada para o bem-viver.

Pode-se afirmar que a fé vivida na comunidade de fé é portadora e promotora de pessoas e grupos resilientes. O presente artigo procurou apresentar e demonstrar, sem o desejo de esgotar o assunto, as contribuições da experiência de fé como suporte para superar as situações de adversidades da vida bem como os fatores que são capazes de gerar indivíduos resilientes, fazendo com que pessoas e grupos vivam uma vida mais ética, feliz, segura, etc. Drumond afirmou “A dor é inevitável. O sofrimento, Opcional!” Que a fé na confiança em um Deus que se fez humano, próximo, seja caminho para a superação, pois “O que é impossível para os homens é possível para Deus”. [Lc 18,27]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Assis, G. S. Pesce, P.R. Avanci, Q.J. (2006). *Resiliência enfatizando a proteção dos adolescentes*. São Paulo: Artmed.

- Alberich, E. (2004). *Catequese evangelizadora: Manual de catequética fundamental*. São Paulo: Salesiana.
- _____.; Binz, A. (2001). *Catequese com adultos: Elementos de metodologia*. (2. Edição). São Paulo: Salesiana.
- Amatuzzi, M. (2005). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus.
- _____. (1997). *A experiência religiosa: uma pesquisa em andamento. A psicologia e o Senso Religioso*. Ribeirão Preto: Anais do Seminário.
- Ávila, A. (2003). *Para conhecer a Psicologia da Religião*. São Paulo: Loyola.
- Anjos, M. F. (1998). *Experiência Religiosa: risco ou aventura?*. São Paulo: Paulinas.
- Barbosa GS. (2010). *Os pressupostos nos Estilos Comportamentais de se expressar resiliência*. In: Kreinz G, Pavan OH, Gonçalves RM, (orgs). *Divulgação científica: enfrentamentos e indagações*. São Paulo: NJR/USP.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Baptista, A. (2004). *Estudo sobre as práticas religiosas e sua relação com a saúde mental de idosos: um estudo na comunidade*. São Paulo: Vozes.
- Bíblia de Jerusalém. (2006) Tradução de La Bible de Jerusalém. São Paulo: Paulus.
- Bíblia do Peregrino. (2011). (3ª edição). São Paulo: Paulus.
- Bürki, H. (1979). *Psicologia e a Realidade da Fé Cristã*. São Paulo: ABU.
- Bernard, A. C. (2010). *Teologia Mística*, São Paulo: Loyola.
- Bento XVI. (2012). *Carta Apostólica Porta Fidei*. São Paulo: Paulinas.
- Campbell, J. (2002). *Isto é tu: redimensionando a metáfora religiosa*. São Paulo: Landy.
- Calandro, E. Ledo, J. (2010). *Psicopedagogia Catequética, Vol. Crianças*, São Paulo: Paulus.
- Hiew, C.; Chok, C.J (et al) (2000). *Measurement of resilience development: preliminary results with a state-trait resilience inventory*. Journal of learning and curriculum development. 1. p. 111-117.
- Cyrulnik, B. (2006). *Falar de amor à beira do abismo – trad. Claudia Berliner*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____, B. (2009). *De Corpo e alma – trad. Claudia Berliner*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____, B. (2009). *Autobiografia de um espantalho: Histórias de resiliência: o retorno à vida – trad. Claudia Berliner*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____, B. (2005). *O murmúrio dos fantasmas, – trad. Sonia Sampaio*. São Paulo: Martins Fontes.

- _____, B. (2001). *Resiliência essa inaudita capacidade de construção humana* – Trad. Ana Robaça, Lisboa: Instituto Piaget.
- Catecismo da Igreja Católica. (1993). São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave Maria.
- Celam. *Documento de Aparecida. (2007). Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus e Paulinas; Brasília: edições CNBB.
- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (2001). *O itinerário da fé na "iniciação cristã dos adultos"*. São Paulo: Paulus.
- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (2006). *Diretório Nacional de Catequese*. São Paulo: Edições CNBB.
- Dalgalarrondo, P.(2006). *Relações entre duas dimensões fundamentais da vida: saúde mental e religião*.Revista Brasileira de Psiquiatria. São Paulo, V. 28 (3), 177:178, 2006. Disponível em <www.scielo.br >.
- Dell’aglio, D; Koller, S. H; Yunes, A. (org). (2011). *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco a proteção*.(2ª edição). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Droguett, J. G. (2000). *Desejo de Deus: diálogo entre psicanálise e fé*. Petrópolis: Vozes.
- Congregação para o Clero. (1998). *Diretório Geral para a catequese*. São Paulo: Paulinas.
- Fisichella, R. (2000). *Introdução à Teologia Fundamental*. Tradução de João Paixão Netto. São Paulo: Loyola.
- Fabry, J. B. (1984). *A Busca do Significado*. São Paulo: ECE.
- Fowler, J. W. (1992). *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal.
- Fiores, S, Goffi T. (Org). (1989). *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas.
- Goldsmith, J. S. (1976). *A Arte de Curar pelo Espírito*. São Paulo: Alvorada.
- Grotberg, H. E. (2003). *La resiliencia en el mundo de hoy*. Barcelona: Gedisa editorial.
- Hoch, L C. (2007). *Sofrimento, resiliência e fé na Bíblia*. São Leopoldo: Sinodal/EST.
- Inhauser, M. (2000). *Opção pela vida: o segredo da vitória sobre as perdas*. Campinas: United Press.
- Instituto Superior de Pastoral Catequética. (1965). *O itinerário da fé*. Petrópolis: Vozes.
- James, W. (1995). *As Variedades da Experiência Religiosa*. São Paulo: Cultrix.
- Larousse Cultural. (1999). *Grande Dicionário Larousse Cultura da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Cultural.
- Lacoste, J.Y. (2004). *Dicionário Crítico de Teologia*. Tradução de Paulo Menezes. São Paulo: Paulinas; Loyola.

- Latourelle, R; Fisichella, R. (1994). *Dicionário de Teologia Fundamental*. Tradução de Luiz João Baraúna. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário.
- Lukas, E. (2002). *Psicologia Espiritual*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Libânio, J. B. (1997). *Plausibilidade do cristianismo histórico no mundo atual*. Horizonte, Belo Horizonte, v. 1., n. 1, p. 9-23.
- Marino, R. (2006). *A Religião do Cérebro: As novas descobertas da neurociência à respeito da fé humana*. São Paulo: Gente.
- Moreira, A.A. et al. (2006). *Religiosidade e saúde mental: uma revisão*. Revista Brasileira de Psiquiatria. São Paulo, V. 28 (3). Disponível em <www.scielo.br >.
- Melillo, A; Ojeda, E. (org). (2005). *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. trad. Valério Campos. Porto Alegre. Artmed.
- Pereira, J. (2003). *A fé como fenômeno psicológico*. São Paulo: Escrituras.
- Rocca L, M. Susana. (2007). *Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação das adversidades*. Em: Hoch, Lothar Carlos; Rocca, L. M. Susana (Orgs.). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal/EST.
- Rutter, M. (1991). *Resilience: Some Conceptual Considerations*, trabalho apresentado em Iniatives Conference on Fostering Resilience, Washington.
- Rubio, G.A. Amado, P. J. (org) (2009). *Espiritualidade cristã em tempos de mudança, contribuições teológico-pastorais*. Petrópolis: Vozes.
- Sesboüé, B; Theobald. (2006). *A palavra da salvação: a doutrina da Palavra de Deus; a justificação e o discurso da fé; a Revelação e o ato de fé; a Tradição, a Escritura e o Magistério*. Tradução de Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola.
- Santos, L. P. (1979). *Catequese ontem e hoje*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Caxias do Sul, Universidade de Caxias.
- Solano, A. (compilador). (2010). *Fundamentos de Psicologia Positiva*. Espanha: Ediciones Paidós Ibérica.
- Snyder, C.R, Lopez, Shane, (2007). *Psicologia positiva – Uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. São Paulo: Artmed.
- Saviio, A. (Et Al). (2008). *Religiosidade e psicoterapia*. São Paulo: Rocca.
- Tillich, P. (2001). *Dinâmica da fé* - trad. Walter O. Schlupp. (6ª- Edição). São Leopoldo: Sinodal.
- Trombeta, L. H. A. & Guzzo, R. S. (2002). *Enfrentando o cotidiano adverso. Estudo sobre resiliência em escolares*. Campinas: Alínea.
- Terrin, A. (org.) (1998). *Liturgia e Terapia*. São Paulo: Paulinas.

- V. V. A. A. (2004). *Dicionário de Catequética*. São Paulo: Paulus.
- Valle, E. (1998). *Psicologia e experiência religiosa*. São Paulo: Loyola.
- Vanistendael, S. (2003). *Resiliencia y Espiritualidad. El realismo de la fe*. Ginebra: Oficina Internacional Católica de la Infancia - BICE.
- _____. (2005). *La résilience et les surprises de Dieu*. Choisi, Genève, n. 522, p.11 -15.
- Yunes, M. A. M. e Szymanski, H. (2001). *Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas*. In: Tavares, J. (org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez.

CAPÍTULO 3: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DE FÉ DOS ADULTOS NO ITINERÁRIO DA CATEQUESE

INTRODUÇÃO

A transmissão da fé acontece em um caminho, um itinerário que perpassa por um processo de educação para o amadurecimento, pois a fé pressupõe um encontro pessoal com a pessoa de Jesus Cristo e com ele, o seu amor, que é justamente a sua essência. A fé procura o bem comum e desperta na consciência humana a verdade impressa em seu coração pelo próprio Deus, iluminando, assim, todas as realidades da vida.

A experiência de fé acontece na cotidianidade da vida por isso a atenção especial a realidade da pessoa se faz necessário para atingir o coração do homem e da mulher da sociedade hodierna, é esta a grande preocupação da ação evangelizadora da Igreja católica nos dias de hoje.

A realidade nos desafia, a ‘mudança de época’ traz sérias consequência para a vivência da fé, afirma a *Lumen Fidei*:

“a fé, juntamente com a caridade e a esperança, projeta-nos para um futuro certo, que se coloca numa perspectiva diferente relativamente às propostas ilusórias dos ídolos do mundo, mas que dá novo impulso e nova força à vida de todos os dias” (Papa Francisco, 2013, p.11).

Identificar, descrever e analisar a percepção e os efeitos que a experiência de fé traz para o processo de resiliência na vida cotidiana dos adultos que estão no itinerário da catequese é o que objetivou esta pesquisa. Os objetivos específicos foram: 1. Explorar os aspectos psicológicos da experiência de fé e sua relação com a vida cotidiana dos adultos que estão no itinerário da catequese; 2. Analisar a importância da experiência de fé como promotora de resiliência na vida do adulto que está no itinerário da catequese; 3. Avaliar a qualidade de vida e a percepção de saúde relacionada à experiência de fé.

1- MÉTODO

Tipo de Estudo: A presente pesquisa se deu a partir de um estudo descritivo, exploratório e qualitativo com alguns dados quantitativos.

Participantes: 17 pessoas participaram da pesquisa. O critério de inclusão foi que estivessem na catequese com adultos e assinassem o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Adotou como critério de exclusão: pessoas que no início ou ao longo da

pesquisa demonstrassem comportamentos de alteração psicofísica em decorrência de uso de substâncias químicas ou álcool.

Materiais:

Foram utilizados exemplares do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1); Questionário Sócio-demográfico (Anexo 2); exemplares do Whoqol-SRPB (Anexo 3); Roteiro de Entrevista Semiestruturada (Anexo 4). Materiais de escritório e informática (computador e impressora) uma mesa de som conectada a um computador, microfone e um pedestal.

Campo de Investigação:

A pesquisa aconteceu na Paróquia Nossa Senhora da Guia que está situada em Santa Fé de Goiás, uma pequena cidade na região Centro-Oeste do Brasil. Pertence à jurisdição da Diocese de Goiás, sua população aproximada é de 5.700 habitantes, composta, na sua grande maioria, de lavradores sem terra vindos de vários Estados do País à procura de trabalho e de melhores condições de vida. São famílias de migrantes que não tendo meios próprios de trabalhos, vivem como diaristas, boias frias e de todo trabalho braçal nas fazendas da região.

É uma cidade cujo território está circundado, mais próximo por mini-agricultores rurais cuja atividade primordial é a pequena produção de leite. E é circundada numa distancia maior de 20 km de raio por grandes propriedades (latifúndios) e no meio deles encontram-se pedaços de terra ruim ou acidentada e ali se localizam pequenos núcleos de pequeníssimos agricultores, localizados distante do comércio e das escolas para os filhos.

A situação social e econômica da população local é carente. Não tem atendimento de creche, embora tenha uma empresa (frigorífico) com 700 funcionários.

A cidade não é dotada de infraestrutura de saneamento básico (esgoto, destinação dos lixos), falta de cultura de saneamento e higiene.

Todo o atendimento de saúde, a não ser o ambulatorial para apenas treze (13) pessoas por dia é feito em Jussara a 35 km, ou em Britânia a 70 km e o maior percentual (cirurgias e tratamentos) em Goiânia a 280 km.

Metodologia do Grupo Focal

Optou-se pela coleta de dados a partir da metodologia do Grupo Focal (GF), pois é um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade. O grupo focal é uma entrevista

baseada na discussão que produz um tipo particular de dados qualitativos gerados via interação grupal. O objetivo dos grupos focais é capturar concepções, perspectivas, relatos, discursos e experiências de outro modo não expressos significativamente por números (Cf. *Breakwell, Glynis M. et al.2010*, pp.280-281). O GF também deseja identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes a respeito de um determinado assunto. Seus objetivos específicos variam de acordo com a abordagem de pesquisa. Em pesquisas exploratórias, seu propósito é gerar novas ideias ou hipóteses e estimular o pensamento do pesquisador, enquanto que, em pesquisas fenomenológicas ou de orientação, é aprender como os participantes interpretam a realidade, seus conhecimentos e experiências. No caso de pesquisas clínicas, há uma modalidade de GF conhecida como entrevista de GF em profundidade (*in-depth focus group interview*), cujo objetivo é identificar informações mais profundas do que as que se encontram acessíveis nos relacionamentos interpessoais.

Segundo Kitzinger (1999), os estudos que utilizaram o grupo focal demonstram ser esse um espaço de discussão e de troca de experiências em torno de determinada temática. Além disso, o grupo estimula o debate entre os participantes, permitindo que os temas abordados sejam mais problematizados do que em uma situação de entrevista individual. Os participantes, de modo geral, ouvem as opiniões dos outros antes de formar as suas próprias e, constantemente, mudam de posição, ou fundamentam melhor sua opinião inicial, quando envolvidos na discussão em grupo.

O GF tem como principal vantagem ser de baixo custo, obter resultados rapidamente e possibilitar a interação dos participantes e a sua dinâmica. Por outro lado, há menos controle por parte do entrevistador, o grupo pode tomar o rumo da entrevista, os dados são mais difíceis de analisar, requer um treino cuidadoso dos entrevistadores e existe uma grande variabilidade entre os vários grupos (Millward, 2000).

Um roteiro de assuntos é necessário possibilitando ao moderador considerável abrangência para improvisar com questões fecundas e perseguir linhas imprevistas da investigação conforme a discussão progride (*Breakwell, Glynis M. et al.2010*, p. 291).

1.1- OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS FORAM:

Questionário de dados sociodemográficos (Anexo 2)

Foi desenvolvido pelos pesquisadores para coleta dos dados pessoais dos entrevistados contendo as variáveis: idade, sexo, estado civil, escolaridade, procedência, situação profissional e renda familiar.

Whoqol-SRPB (Anexo 3)

A avaliação da qualidade de vida tem se intensificado nas últimas décadas, tornando-se objeto de estudo das mais variadas áreas do conhecimento. Ainda que permeados por um elevado grau de subjetividade, os aspectos relacionados com a religião e espiritualidade vêm sendo explorados nos instrumentos de avaliação de tal variável.

As questões que compõem o Whoqol-bref apresentam quatro tipos de escalas de respostas: intensidade, capacidade, frequência e avaliação, sendo estas graduadas em cinco níveis. Estas escalas são do tipo Likert, e variam: escala de intensidade – de *nada* a *extremamente*; escala de capacidade – de *nada* a *completamente*; escala de avaliação – de *muito insatisfeito* a *muito satisfeito*; e a escala de frequência – de *nunca* a *sempre*.

Considerando que a qualidade de vida se trata de um construto multidimensional, o instrumento não admite escore total, dessa maneira, cada domínio é pontuado independente. Os escores de cada domínio podem ser alcançados multiplicando-se as médias de todos os itens incluídos dentro de um determinado domínio por quatro. Assim, o escore pode variar de 0 a 100, e uma vez maior o valor, melhor o domínio de qualidade de vida é avaliado (Zanei, 2006, p.28).

Ao perceber que uma única faceta composta por quatro questões era insuficiente para avaliar o domínio espiritualidade/religião/crenças pessoais do instrumento de avaliação da qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde – o Whoqol-100, os pesquisadores do Grupo Whoqol iniciaram o projeto Whoqol-SRPB, que consiste na suplementação do Whoqol-100 com facetas que ampliem o domínio espiritualidade/religião/crenças pessoais do referido instrumento.

Os aspectos espirituais, a religião e as crenças pessoais apresentavam grande importância na avaliação da qualidade de vida em todo o mundo, teve a origem o estudo do Whoqol-SRPB. De acordo com Fleck e Skevington (2007, p. 1), o Whoqol-SRPB trata-se de um “estudo transcultural para desenvolver uma medida que avalie de que forma a espiritualidade, religião e crenças pessoais (SRPB, sigla em inglês) estão relacionadas à qualidade de vida (QV) na saúde e na assistência à saúde”.

Em estudos posteriores ao desenvolvimento do Whoqol-100 e Whoqol-bref, foi constatado que o domínio aspectos espirituais/religião/crenças pessoais nestes

instrumentos era conceitualmente e empiricamente insuficiente. Frente a essa fragilidade, o Grupo Whoqol pautou-se no desenvolvimento de um estudo para avaliar a forma com a qual o domínio em exame está relacionado com a qualidade de vida (The Whoqol-SRPB Group, 2006).

O Whoqol-SRPB não é um instrumento para avaliar a espiritualidade, mas sim, um instrumento que contempla, de forma ampliada, o constructo aspectos espirituais/religião/crenças pessoais, representado no Whoqol-100 e Whoqol-bref de forma reduzida (The Whoqol-SRPB Group, 2006).

A partir da versão em inglês do instrumento utilizado no teste de campo (The Whoqol-SRPB Group, 2002) – em que se observou a ordem das questões e as escalas de respostas – e das questões em português disponibilizadas por Rocha et al. (2008) e Panzini et al. (2011), fora idealizada a versão em português do Whoqol-SRPB. Os resultados da validação da versão em português brasileiro do Whoqol-SRPB foram publicados em Pazini et al. (2011), em que é atestado que as propriedades psicométricas do referido instrumento são satisfatórias.

Roteiro de entrevista semiestruturada (Anexo 4)

Foram elaboradas quatorze questões pelos pesquisadores, com base na revisão da literatura, com os seguintes eixos temáticos: itinerário do processo da catequese com adultos; a experiência de fé realizada na vida cotidiana; elementos estressores na vida e as estratégias de enfrentamento. Este roteiro foi utilizado como caminho a ser percorrido no grupo focal, pois nesta perspectiva, ganha sentido o pressuposto de que o grupo focal tem como uma de suas maiores riquezas o basear-se na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros sujeitos.

Segundo Breakwell, Glynis (2010, p.291), um roteiro de assuntos é necessário se o conteúdo for de interesse particular para o moderador. O roteiro, no entanto não deve ser mais do que sugestivo, possibilitando ao moderador considerável abrangência para improvisar com questões fecundas e perseguir linhas imprevistas na investigação conforme a discussão progride.

1.2- PROCEDIMENTO

Inicialmente, após conhecimento e consentimento do projeto de pesquisa pelo Bispo Diocesano (Anexo 5) com os responsáveis pela Pastoral de Animação Bíblico Catequética da Paróquia Nossa Senhora Guia, o projeto foi encaminhado ao Comitê de

Ética de Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, sendo aprovado com o número do parecer: 289.149 (Anexo 6).

Todos os participantes foram abordados pelo pesquisador nos encontros semanais que acontecem da catequese com adulto na Paróquia Nossa Senhora da Guia. No primeiro contato com os participantes, todos foram orientados sobre os objetivos da pesquisa e esclarecimentos de dúvidas, estabelecendo, assim, um processo de consentimento. Três pessoas disseram não ser possível participar devido à viagem que já haviam marcado. As pessoas que aceitaram participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias. Contou-se com um total de 20 participantes, neste instante realizou-se o sorteio aleatório para dividir em dois grupos distintos. Após a divisão do grupo, agendaram-se as datas para a coleta de dados.

O processo de coleta de dados aconteceu entre o mês de junho e julho de 2013. No primeiro grupo teve a ausência de uma pessoa que não justificou e no segundo grupo a ausência de duas pessoas justificadas por problema de saúde com familiares. Os dois grupos distintos foram submetidos ao mesmo procedimento. O primeiro grupo foi constituído por nove pessoas e o segundo por oito pessoas de ambos os sexos.

A sala foi equipada com recursos para gravação da discussão, isto foi comunicado aos participantes, assegurando-lhes anonimato e uso exclusivo das gravações para as finalidades da pesquisa.

As cadeiras foram colocadas em círculo, possibilitando que todos os participantes interagissem uns com os outros.

Procurou-se estabelecer um bom ambiente para todos os participantes, pois fora percebido que os mesmos chegaram um pouco apreensivos sobre o que iria acontecer, embora já houvesse explicado quando da assinatura do TCLE. Retomou-se à finalidade e como aconteceria a discussão, fora falado que a discussão era informal, e que a participação de todos era muito importante e que divergências de opiniões eram bem vindas. Isto fez com o que o grupo se sentisse mais a vontade para participar.

O primeiro momento do grupo focal foi destinado à aplicação do questionário sócio demográfico e ao questionário Whoqol- SRPB. O segundo momento foi destinado à realização da discussão do GF seguindo um Roteiro de Entrevista semiestruturado. O tempo de duração do primeiro GF foi de uma hora e trinta e dois minutos e do segundo GF aconteceu em uma hora e quarenta e cinco minutos.

Todo o processo das discussões dos dois grupos foi gravado em áudio, se contou com a presença de um técnico de som presente o tempo todo em um espaço da sala

devidamente preparado. Os conteúdos das gravações foram transcritos e submetidas à categorização de seus conteúdos temáticos, segundo a técnica de Laurence Bardin (2011).

1.3- TÉCNICA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DE LAURENCE BARDIN

A construção teórica aqui descrita tem por base o livro *Análise de Conteúdo*, de Laurence Bardin, edição revisada e ampliada (2011).

Esta técnica de análise de conteúdo será aplicada na coleta dos dados a partir do GF possibilitando a formulação de categorias temáticas.

Nesta técnica, a fase de pré-análise é o período de organização do material a ser investigado. Constitui na leitura flutuante dos documentos colhidos nas entrevistas e nas observações livres de cenários, sob a orientação das regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência, para a constituição do *corpus*, que é composto por todos os documentos selecionados para análise durante o período de tempo estabelecido para a coleta de informações, como - falas de informantes-chave, relatórios, regimentos, normas e rotinas, registros, ofícios - todos observados criteriosamente pelo investigador, com total consentimento dos sujeitos da pesquisa.

A regra de exaustividade refere-se à deferência de todos os componentes constitutivos do *corpus*. Bardin (2011) descreve essa regra, detendo-se no fato de que o ato de exaurir significa não deixar fora da pesquisa qualquer um de seus elementos, sejam quais forem as razões.

A regra da homogeneidade prescreve que a documentação esteja sujeita aos critérios definidos de escolha (Bardin, 2011) sem fugacidade. Considerando que as regras se interrelacionam, a homogeneidade pretendida decorre do direcionamento da pesquisa para o cumprimento dos critérios de seleção da amostra.

A regra de pertinência, para essa fase, a fonte documental corresponde adequadamente ao objetivo suscitado pela análise (Bardin, 2011), ou seja, esteja concernente com o que se propõem o estudo, desvelar imagens empíricas da realidade da comunicação.

Ressalta-se que antes da fase de exploração do material, conforme o modelo de Bardin há uma fase intermediária, denominada *fase de preparação do material*, durante a qual ocorre a reunião de todo material para tratar das informações coletadas (gravações, observações etc), com vistas à preparação formalizada dos textos. Faz-se necessário esclarecer que as observações têm um cunho enriquecedor quando da análise

dos textos, considerando que estas também expressam com fidedignidade outros cenários de comunicação.

A exploração do material coletado constitui-se a partir da construção das operações de codificação, considerando-se os recortes dos textos em unidades de registros (semânticas: temas; linguísticas: palavras e frases), a escolha das regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias simbólicas. Bardin (2011) define codificação como a transformação, por meio de recorte, agregação e enumeração, com base em regras precisas sobre as informações textuais, representativas das características do conteúdo. Para o termo categorização, ela diz tratar-se de uma operação classificatória de elementos agrupados por uma mesma taxonomia.

Fase de tratamento dos resultados e interpretação, neste momento os resultados recebem um tratamento analítico, para que se tornem significantes e válidos (Bardin, 2011). Em termos operacionais, as informações são organizadas em forma de categorias de análise empíricas, abstraídas de meios de comunicação e enriquecidas, muitas vezes, com observações livres dos cenários.

2- RESULTADOS

Os dados que dizem respeito ao perfil sócio demográfico dos participantes serão apresentados na Tabela 1, seguidos da Análise do Whoqol-SRPB Tabela 2, e na Tabela 3 os dados obtidos a partir da técnica de Bardin (2011).

2.1- PERFIL DOS PARTICIPANTES

Tabela 1 – Perfil Sociodemográfico dos participantes (N=17)

Características		Frequência	%
Sexo	Feminino	65	
	Masculino	35	
Idade	18-25	23	
	26-30	12	
	31-62	65	
Estado Civil	Casado	70	
	Solteiro	30	
	Ens. Fundamental	35	
	Ens. Médio	41	
	Superior	24	
Procedência	Goiânia	6	
	Interior de Goiás	65	
	Outros	29	
Situação Profissional	Empregado	47	
	Aposentado	18	
	Sem trabalho	23	

	Autônomo	12
Renda Familiar	Menos 1 Salário Mínimo	18
	De 1 a 2 Salários Mínimos	23
	De 2 a 4 Salários Mínimos	47
	Mais de 4 Salários Mínimos	12

Entre os participantes da pesquisa (Tabela 1) 65% eram do sexo feminino e 35% do sexo masculino, vemos a prevalência do sexo feminino na participação da comunidade, ainda na catequese a maior procura para aprofundar a fé é do sexo feminino, bem como na participação da comunidade eclesial prevalece a presença feminina. A grande parte dos pesquisados, 70% são casados e 30% são solteiros. Em relação à idade, houve predominância de adultos a partir de 31 a 62 anos sendo 65%, de 18 a 25 anos são 23% dos pesquisados e 12% de 26 a 30 anos, a amostra da idade justifica o nosso tema, uma vez que se deseja estudar os adultos no itinerário da catequese. Por uma questão de ordem, na Igreja Católica na CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) optou-se em realizar a catequese com adultos com pessoas de 18 anos em diante. Quanto à escolaridade 35% dos pesquisados são alfabetizadas tem o ensino fundamental, 41% tem o ensino médio e 24% tem ensino superior. Quanto à procedência 65% dos participantes são do interior de Goiás, outros 29% são de outros estados e 6% são procedentes de Goiânia. Quanto à situação profissional 47% estão empregados, 12% são autônomos, 18% são aposentados e 23% estão sem emprego. Ressalta-se ainda que 12% recebem mais de quatro salários, 47% dos participantes recebem de dois a quatro salários, 23% de um a dois salários e 18% menos de um salário.

A partir dessa análise de perfil, na qual se conclui que o estudo foi feito com a participação de uma população adulta, como se objetivou o tema da pesquisa, catequese com adultos, cuja maioria é de procedência do interior do Estado de Goiás. A grande maioria dos participantes é casada. Percebe-se que a maioria dos participantes tem uma renda acima de dois salários mínimos, sendo apenas três participantes com renda inferior a um salário mínimo.

2.2- RESULTADOS DO WHOQOL-SRPB

Nesta pesquisa optou-se em aplicar o instrumento Whoqol-SRPB devido a sua especificidade em mensurar a qualidade de vida a partir do construto dos aspectos espirituais/religião/crenças pessoais, pois, a pesquisa tem o interesse pela experiência de

fé no contexto da catequese com adultos, que passam por um momento de aprofundamento da mesma.

As questões que compõem as facetas suplementares do WHOQOL-SRPB são:

Questões suplementares do WHOQOL-SRPB

FACETAS	QUESTÕES
Conexão com o ser ou força espiritual	<p>Até que ponto alguma conexão com um ser espiritual ajuda você a passar por épocas difíceis?</p> <p>Até que ponto alguma conexão com um ser espiritual ajuda você a tolerar o estresse?</p> <p>Até que ponto alguma conexão com um ser espiritual ajuda você a compreender os outros?</p> <p>Até que ponto alguma conexão com um ser espiritual conforta/tranquiliza você?</p>
Sentido na vida	<p>Até que ponto você encontra um sentido na vida?</p> <p>Até que ponto cuidar de outras pessoas proporciona um sentido na vida para você?</p> <p>Até que ponto você sente que sua vida tem uma finalidade?</p> <p>Até que ponto você sente que está aqui por um motivo?</p>
Admiração	<p>Até que ponto você consegue ter admiração pelas coisas a seu redor? (p. ex., natureza, arte, música)</p> <p>Até que ponto você se sente espiritualmente tocado pela beleza?</p> <p>Até que ponto você tem sentimentos de inspiração/emoção em sua vida?</p> <p>Até que ponto você se sente agradecido por poder apreciar (“curtir”) as coisas da natureza?</p>
Totalidade e integração	<p>Até que ponto você sente alguma ligação entre sua mente, seu corpo e sua alma?</p> <p>Quão satisfeito você está por ter um equilíbrio entre a mente, o corpo e a alma?</p> <p>Até que ponto você sente que a maneira como vive está de acordo com o que você sente e pensa?</p> <p>O quanto as suas crenças ajudam-no a criar uma coerência (harmonia) entre o que você faz, pensa e sente?</p>
Força espiritual	<p>Até que ponto você sente força espiritual interior?</p> <p>Até que ponto você encontra força espiritual em épocas difíceis?</p> <p>O quanto a força espiritual o ajuda a viver melhor?</p> <p>Até que ponto a sua força espiritual o ajuda a se sentir feliz na vida?</p>
Paz interior	<p>Até que ponto você se sente em paz dentro de você mesmo?</p> <p>Até que ponto você sente paz interior?</p> <p>O quanto você consegue se sentir em paz, quando necessário?</p> <p>Até que ponto você sente um senso de harmonia na sua vida?</p>

Esperança e otimismo	<p>Quão esperançoso você se sente?</p> <p>Até que ponto você está esperançoso com sua vida?</p> <p>Até que ponto ser otimista melhora a sua qualidade de vida?</p> <p>O quanto você é capaz de permanecer otimista em épocas de incerteza?</p>
Fé	<p>Até que ponto a fé contribui para o seu bem-estar?</p> <p>Até que ponto a fé lhe dá conforto no dia a dia?</p> <p>Até que ponto a fé lhe dá força no dia a dia?</p> <p>Até que ponto a fé o ajuda a gozar (aproveitar) a vida?</p>

Fonte: Adaptado de Rocha et al. (2008) e Panzini et al. (2011).

O Instrumento Whoqol-SRPB apresenta oito facetas (fatores) totalizando 32 itens com respostas em escala Likert, onde 1 representa nunca e 5 indica sempre. Como cada fator contém 4 perguntas, o escore total da faceta varia de 4 a 20. A consistência interna para o índice geral do instrumento foi de $\alpha = 0,96$ (PANZINI et al., 2011) e de 0,77e 0,95 para as facetas, segundo resultados do teste piloto multicêntrico (Whoqol SRPB Group, 2006).

O cálculo dos escores dos domínios e facetas do WHOQOL-SRPB segue a mesma lógica presente no WHOQOL-HIV, através da seguinte sintaxe:

Sintaxe SPSS para o cálculo dos escores do WHOQOL-SRPB

ETAPAS	SINTAXE SPSS PARA O CÁLCULO DOS ESCORES DO WHOQOL-SRPB
Verificar se todos os 132 itens foram preenchidos com respostas entre 1 e 5	<p>RECODE f1.1 f1.2 f1.3 f1.4 f2.1 f2.2 f2.3 f2.4 f3.1 f3.2 f3.3 f3.4 f4.1 f4.2 f4.3 f4.4 f5.1 f5.2 f5.3 f5.4 f6.1 f6.2 f6.3 f6.4 f7.1 f7.2 f7.3 f7.4 f8.1 f8.2 f8.3 f8.4 f9.1 f9.2 f9.3 f9.4 f10.1 f10.2 f10.3 f10.4 f11.1 f11.2 f11.3 f11.4 f12.1 f12.2 f12.3 f12.4 f13.1 f13.2 f13.3 f13.4 f14.1 f14.2 f14.3 f14.4 f15.1 f15.2 f15.3 f15.4 f16.1 f16.2 f16.3 f16.4 f17.1 f17.2 f17.3 f17.4 f18.1 f18.2 f18.3 f18.4 f19.1 f19.2 f19.3 f19.4 f20.1 f20.2 f20.3 f20.4 f21.1 f21.2 f21.3 f21.4 f22.1 f22.2 f22.3 f22.4 f23.1 f23.2 f23.3 f23.4 f24.1 f24.2 f24.3 f24.4 g.1 g.2 g.3 g.4 SP1.1 SP1.2 SP1.3 SP1.4 SP2.1 SP2.2 SP2.3 SP2.4 SP3.1 SP3.2 SP3.3 SP3.4 SP4.1 SP4.2 SP4.3 SP4.4 SP5.1 SP5.2 SP5.3 SP5.4 SP6.1 SP6.2 SP6.3 SP6.4 SP7.1 SP7.2 SP7.3 SP7.4 SP8.1 SP8.2 SP8.3 SP8.4 (1=1) (2=2) (3=3) (4=4) (5=5) (ELSE=SYSMIS).</p>

<p>Converter as questões invertidas</p>	<p>RECODE f1.1 f1.2 f1.3 f1.4 f2.2 f2.4 f3.2 f3.4 f7.2 f7.3 f8.1 f8.2 f8.3 f8.4 f9.3 f9.4 f10.2 f10.4 f11.1 f11.2 f11.3 f11.4 f13.1 f15.4 f16.3 f18.2 f18.4 f22.2 f23.2 f23.4 (1=5) (2=4) (3=3) (4=2) (5=1). (1=5) (2=4) (3=3) (4=2) (5=1).</p>
<p>Calcular os escores dos domínios e facetas</p>	<p>COMPUTE Pain = (f1.1 + f1.2 + f1.3 + f1.4)/4 . COMPUTE energy = (f2.1 + f2.2 + f2.3 + f2.4)/4 . COMPUTE sleep = (f3.1 + f3.2 + f3.3 + f3.4)/4 . COMPUTE pfeel = (f4.1 + f4.2 + f4.3 + f4.4)/4 . COMPUTE cog = (f5.1 + f5.2 + f5.3 + f5.4)/4 . COMPUTE esteem = (f6.1 + f6.2 + f6.3 + f6.4)/4 . COMPUTE body = (f7.1 + f7.2 + f7.3 + f7.4)/4 . COMPUTE nfeel = (f8.1 + f8.2 + f8.3 + f8.4)/4 . COMPUTE mobil = (f9.1 + f9.2 + f9.3 + f9.4)/4 . COMPUTE adl = (f10.1 + f10.2 + f10.3 + f10.4)/4 . COMPUTE depend = (f11.1 + f11.2 + f11.3 + f11.4)/4 . COMPUTE work = (f12.1 + f12.2 + f12.3 + f12.4)/4 . COMPUTE relatio = (f13.1 + f13.2 + f13.3 + f13.4)/4 . COMPUTE support = (f14.1 + f14.2 + f14.3 + f14.4)/4 . COMPUTE sex = (f15.1 + f15.2 + f15.3 + f15.4)/4 . COMPUTE safe = (f16.1 + f16.2 + f16.3 + f16.4)/4 . COMPUTE home = (f17.1 + f17.2 + f17.3 + f17.4)/4 . COMPUTE finance = (f18.1 + f18.2 + f18.3 + f18.4)/4 . COMPUTE care = (f19.1 + f19.2 + f19.3 + f19.4)/4 . COMPUTE info = (f20.1 + f20.2 + f20.3 + f20.4)/4 . COMPUTE leisure = (f21.1 + f21.2 + f21.3 + f21.4)/4 . COMPUTE enviro = (f22.1 + f22.2 + f22.3 + f22.4)/4 . COMPUTE trans = (f23.1 + f23.2 + f23.3 + f23.4)/4 . COMPUTE srpb = (f24.1 + f24.2 + f24.3 + f24.4)/4 . COMPUTE connect = (SP1.1 + SP1.2 + SP1.3 + SP1.4)/4. COMPUTE meaning = (SP2.1 + SP2.2 + SP2.3 + SP2.4)/4. COMPUTE awe = = (SP3.1 + SP3.2 + SP3.3 + SP3.4)/4. COMPUTE whole = (SP4.1 + SP4.2 + SP4.3 + SP4.4)/4. COMPUTE strength = (SP5.1 + SP5.2 + SP5.3 + SP5.4)/4. COMPUTE peace= (SP6.1 + SP6.2 + SP6.3 + SP6.4)/4. COMPUTE hope = (SP7.1 + SP7.2 + SP7.3 + SP7.4)/4. COMPUTE faith = (SP8.1 + SP8.2 + SP8.3 + SP8.4)/4. COMPUTE general = (g.1 + g.2 + g.3 + g.4)/4. COMPUTE Domain1 = (pain + energy + sleep) / 3 * 4. COMPUTE Domain2 = (pfeel + cog + esteem + body + nfeel) / 5 * 4. COMPUTE Domain3 = (mobil + adl + depend + work) / 4 * 4. COMPUTE Domain4 = (relatio + support + sex) / 3 * 4.</p>

COMPUTE Domain5 = (safe + home + finance + care + info + leisure + enviro + trans) / 8 * 4.
 COMPUTE Domain6 = (srpb + connection + meaning + awe + wholeness + strength + peace + hope + faith) / 9 * 4.

Fonte: The WHOQOL-SRPB Group (2005).

As facetas ou fatores para a análise são:

Descrição	Escore
Conexão com o ser ou força espiritual	>18/<18
Sentido na vida	>18/<18
Admiração	>18/<18
Totalidade e Integração	>16/<16
Força Espiritual	>18/<18
Paz Interior	>17/>17
Esperança e Otimismo	>18/<18
Fé	>19/<19

Todas as questões do Whoqol-SRPB são fechadas. É utilizada uma escala de respostas do tipo Likert, composta por cinco elementos, variando entre 1 e 5. Esses extremos representam 0% e 100%, respectivamente.

Tabela 2 – Resultados do WHOQOL-SRPB

Total dos Participantes N= 17

Facetas	Frequência %
Conexão com o ser ou força espiritual	84,56
Sentido na vida	84,19
Admiração	87,87
Totalidade e integração	83,09
Força espiritual	87,50
Paz interior	73,53
Esperança e otimismo	84,93
Fé	90,91

É difícil definir e avaliar espiritualidade, mas a comunidade científica reconhece cada vez mais a importância dos esforços a estes níveis, designadamente no âmbito da investigação sobre qualidade de vida (Fleck & Skevington, 2007; Meneses, 2006; Moreira-Almeida & Koenig, 2006; Mount, Lawlor, Cassell, 2002). Como refere Koenig (2007, p.6), “Porque estudos entre religião, espiritualidade e saúde mental? Há várias

razões. Os resultados dessas pesquisas têm importantes implicações para o cuidado clínico dos pacientes”.

Pode-se, então, afirmar, de uma forma muito abrangente relativamente consensual, que “a espiritualidade constrói-se nos contextos socioculturais e históricos, estruturando e atribuindo significado a valores, comportamentos, experiências humanas, e por vezes materializa-se na prática de um credo religioso específico” (Pinto & Pais-Ribeiro, 2007, p.47).

Ao se perceber que os aspectos espirituais, a religião e as crenças pessoais apresentavam grande importância na avaliação da qualidade de vida em todo o mundo, teve origem o estudo do Whoqol-SRPB. De acordo com Fleck e Skevington (2007, p. 01), o Whoqol-SRPB é um “estudo transcultural para desenvolver uma medida que avalie de que forma a espiritualidade, religião e crenças pessoais estão relacionadas à qualidade de vida (QV) na saúde e na assistência à saúde”.

Por isso, nesta pesquisa pretendeu-se avaliar nos participantes a maneira pela qual a fé implica em sua vida cotidiana e como esta relação com Deus pode ser suporte para as situações de adversidades.

Apresentam-se aqui os resultados seguindo de 0% a 100% seguindo as oito facetas propostas. A conexão com o ser ou força espiritual refere-se o quanto a conexão com Jesus Cristo que auxilia na resolução de problemas ou no confronto de momentos difíceis apresentou um escore de 84,56%, o sentido na vida que apresenta o nível com o qual o indivíduo enxerga um sentido em sua vida apresentou escore de 84,19%, a admiração entendida como capacidade de admirar e apreciar as coisas que estão ao redor do indivíduo, de forma que o inspirem a viver apresentou escore de 87,87%; a totalidade e integração que representa o sentimento de equilíbrio entre a mente, o corpo e a alma, de forma a criar harmonia entre as ações, pensamentos e sentimentos do indivíduo apresentou escore de 83,09%; a força espiritual como nível com o qual a presença de força espiritual interna ajuda em épocas difíceis e/ou na melhoria da vida do indivíduo apresentou escore de 87,50%; paz interior como nível de paz e harmonia com o qual o indivíduo consegue viver apresentou escore de 73,53%; esperança e otimismo como sentimento de esperança e otimismo que o indivíduo possui com relação à melhoria da sua vida apresentou escore de 84,93%; a fé implicando o quanto a fé conforta e fortalece o dia a dia do indivíduo, melhorando o seu bem-estar e a forma com a qual aproveita a vida apresentou escore de 90,91%.

Portanto, nesta pesquisa a partir dos dados coletados através do instrumento WHOQOL-SRPB percebem-se os efeitos provocados pela força da fé na qualidade de vida e no comportamento humano com índices bem elevados de escores.

2.3- DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS TEMÁTICAS

O diálogo, o debate, a reflexão, o falar e o ouvir permitem a aprendizagem dos sujeitos. Por acreditar no potencial da interação, foi utilizado como técnica para a coleta de dados, o grupo focal (GF), já que esta propicia a exposição ampla de ideias e perspectivas, permite o surgimento de respostas mais completas e possibilita verificar a lógica ou as representações que conduzem a respostas, que, com outros meios, poderiam ser difíceis de captar. Os dados fundamentais, utilizados na análise dessa interação, são as transcrições da discussão do GF categorizado seguindo a análise de conteúdo de Bardin (2011).

A técnica de grupo focal possibilitou o acolhimento do sujeito, devido à criação de espaço para a expressão do pensamento, esta aproximação valorizou a relação interpessoal com os participantes do estudo devido a escuta. As falas estão cheias de conteúdos e cheias de significados que organizam e estruturam o modo de vida das pessoas a partir da experiência de fé e foram categorizadas por meio da análise de conteúdo.

O tratamento dos resultados e a interpretação, a partir de categorias, são tratados como unidades de análise e descritas na tabela abaixo e submetidas a operações estatísticas simples, de maneira que permitam ressaltar as informações obtidas. Após isto foram feitas inferências e interpretações na discussão deste artigo.

A análise de conteúdo de Bardin possibilitou a formulação de nove categorias temáticas: primeira categoria, motivação para a catequese sendo subdividida em quatro subcategorias, aprofundar a fé, inserção na comunidade, resgate de oportunidade e participação nos sacramentos. Segunda categoria interação fé e vida. Terceira categoria: experiência mistagógica. Quarta categoria: suporte social. Quinta categoria: experiência de fé sendo subdividida em cinco subcategorias, fé como promotora de esperança e sentido, fé como superação de adversidades, fé como dispositivo para as relações interpessoais, fé como condição para o perdão, fé como fator de proteção. Sexta categoria: percepção dos resultados da fé na vida, sendo subdividida em duas subcategorias percepção dos que vivem a fé e percepção dos que não vivem a fé. Sétima categoria: situações estressoras, sendo subdividida em duas subcategorias no convívio familiar e no trabalho. Oitava categoria: consequências das situações estressoras. Nona

categoria: estratégia de enfrentamento sendo subdivida em duas subcategorias esperança e busca da religião.

Tabela 4- Descrição e frequência das categorias e subcategorias temáticas derivadas do Grupo Focal a partir do roteiro semiestruturado.

Categorias/ Subcategorias	Descrição	GF 01		GF 02	
		F	%	F	%
1. Motivação para a catequese	Refere-se à busca do adulto em participar do itinerário da catequese que tem a duração de pelos menos um ano.				
1.1. Aprofundar a fé	Trata-se da busca da catequese para o amadurecimento e aprofundamento da fé cristã.	7	7,2	4	5,3
1.2. Inserção na vida comunitária	Refere-se à participação na vida da comunidade –Igreja.	2	2,1	4	5,3
1.3. Resgate de oportunidade	Diz respeito à oportunidade de participar da catequese, uma vez que não a teve na infância.	2	2,1	1	1,3
1.4. Participação nos sacramentos	Refere-se à participação nos sacramentos da iniciação cristã: Batismo, Crisma, Eucaristia.	2	2,1	5	6,6
2. Interação fé e vida	Trata-se da catequese que aprofunda a fé sempre a partir da realidade da vida pessoa.	3	3,1	5	6,6
3. Experiência mistagógica	Refere-se a dimensão celebrativa durante o itinerário de catequese.	4	4,1	5	6,6
4. Suporte social	Trata-se da catequese como espaço para a partilha de descobertas, vivências e conhecimentos.	6	6,1	4	5,3
5. Experiência de fé	Refere-se à experiência que a pessoa realiza em sua vida como algo extraordinário.	4	4,1	3	4
5.1. Fé como promotora de esperança e sentido	Refere-se ao estabelecimento da confiança num plano superior e entende que as dificuldades atendem a um propósito e servem como aprendizado.	8	8,2	7	9,3
5.2. Fé como superação das adversidades	Tratam-se das situações de adversidades e a sua superação a partir da fé.	8	8,2	8	11
5.3. Fé como dispositivo para as relações interpessoais	Diz respeito à fé como atitude pessoal, mas que requer relação com outro.	5	5,1	3	4
5.4. Fé como condição para o perdão	Trata-se da experiência de fé para ajudar a pedir perdão e perdoar-se.	2	2,1		
5.5. Fé como fator de proteção	Refere-se a toda sorte de atitudes pessoais, conhecimentos, apoio social a partir da experiência de fé para superar as adversidades.	6	6,2	6	8
6. Percepção dos resultados da fé na vida					
6.1. Percepção dos que vivem a experiência de fé	Refere-se sobre a percepção que as pessoas têm sobre o que a fé pode trazer de benefício para a sua vida.	8	8,2	6	8
6.2. Percepção dos que não vivem a fé	Refere-se à visão sobre aqueles que não praticam uma vida de fé, as diferenças que existem daqueles que buscam cultivar uma vida de fé.	3	3,1	5	6,6
7. Situações Estressoras	Tratam-se dos diversos fatores que desorganizam, desequilibram ou tiram as pessoas de sua homeostase.				

7.1. No convívio familiar		6	6,2	4	5,3
7.2. No trabalho		4	4,1	1	1,3
8. Consequências das situações estressoras	Referem-se a como as pessoas lidam frente a uma situação estressora e o tipo de resposta que consegue estabelecer para si mesmo.	6	6,2	3	4
9. Estratégia de Enfrentamento	Refere-se aos recursos internos ou externos das pessoas utilizados para eliminar ou gerenciar as situações de estresse.				
9.1. Esperança		6	6,2	5	6,6
9.2. Busca da Religião		5	5,2	3	4
TOTAL		97	100	75	100

3- DISCUSSÃO

Conforme o documento do Concílio Ecumênico Vaticano II, *Lúmen Gentium*, (1965), o então papa João XXIII, inaugura uma etapa desafiadora para toda a ação evangelizadora da Igreja. Com uma visão renovada da pessoa, Igreja e sociedade, o Concílio dá um enfoque de responsabilidade coletiva a todos os agentes de pastoral, superando a dimensão individualista e dando a todo cristão o selo do dever catequético e missionário.

Num parágrafo verdadeiramente programático para a renovação da catequese, no decreto sobre o *múnus pastoral dos bispos*, (1965) aparecem os objetivos da catequese:

“Velem para que a instrução catequética, que tem por fim tornar viva, explícita e operosa a fé ilustrada pela doutrina, seja administrada com diligente cuidado quer às crianças e adolescentes, quer aos jovens e mesmo adultos, esta instrução se baseia na Sagrada Escritura na tradição, na liturgia, no magistério e na vida da igreja. Além disso zelem que os catequistas sejam perfeitamente preparados para sua missão, conheça cabalmente a doutrina da igreja e aprendam na teoria e na prática as leis da psicologia e as disciplinas pedagógicas. Providenciem também que se estabeleça a instituição dos catecúmenos adultos, ou seja, melhor adaptada” (Christus Dominus, 1965, p.14).

O aspecto educativo da catequese foi focalizado na declaração sobre a educação cristã na perspectiva da formação catequética, que ilumina e fortifica a fé. Com a nova visão de Igreja, como *Povo de Deus* e também com a nova visão do homem e da mulher como agentes, protagonistas e não apenas destinatários. Com a redescoberta da Sagrada Escritura, o Concílio enriquece a tipologia da catequese, traz uma atenção especial à figura do agente da catequese.

É preciso compreender que o sentido do verbo catequizar, em grego *catá-ekhéin*, em seu sentido original, significa “fazer ressoar aos ouvidos; no Novo Testamento pode ser traduzido por: informar, instruir, ensinar de viva voz, ou ainda: ressoar a Palavra de Deus” (Santos, 1979).

Desde meados dos anos 1960, tornou-se clássica a expressão: “Todo ato da igreja é portador de catequese”! Queria dizer que todas as ações eclesiais: proféticas, litúrgicas, testemunhais, etc que contribuem para amadurecer a vida cristã, são educadoras da fé. O próprio João Paulo II (1979) (CT, 49 a) o indica também quando diz que “toda atividade da igreja tem dimensão catequética”, uma capacidade para educar na fé. Não obstante, esta virtualidade atribui-se sempre de maneira especial às ações vinculadas ao ministério da Palavra, as quais se designam com termos como: pregação, anúncio missionário, catequese, homilia e ensinamento teológico.

A 2ª. Semana Brasileira de Catequese (2001) veio reforçar a tendência de todo o movimento catequético do século XX de voltar a atenção para a Evangelização dos adultos, e toda a reflexão voltou-se para o tema: “Com adultos catequese adulta”. A catequese é então considerada um processo de iniciação aos mistérios de Cristo e um processo de formação permanente.

Muitos são os adultos que se afastaram da Igreja por diversas razões. São os que se tornaram indiferentes à questão religiosa, ou aqueles que passam de uma religião para outra sem se encontrar realmente. Querem experimentar de tudo um pouco.

Hoje em dia há adultos que não foram batizados ou, sendo batizados, não receberam os outros sacramentos de iniciação. Não têm muita vivência de fé. Há uma grande variedade entre aqueles que procuram maior formação religiosa. É bom conhecer os motivos que levam a procurar maior formação cristã, porque cada grupo exige uma abordagem específica.

É nesta perspectiva que este estudo objetivou identificar, descrever e analisar a percepção e os efeitos que a experiência de fé traz no processo de resiliência na vida cotidiana dos adultos que estão no itinerário da catequese.

Dentro desta concepção, a responsabilidade da catequese com adultos não é só de algumas pessoas que se dispõem para este tipo de trabalho. Toda a comunidade, de algum modo, é responsável. Toda a comunidade é catequizadora. Ela catequiza por seu modo de viver como comunidade cristã, por seu testemunho de oração e celebração, de solidariedade e de engajamento nos problemas do mundo.

A catequese com adulto exige disposição de quem a procura, diferente da catequese infantil e dos adolescentes onde os familiares exigem participação. Com os adultos percebem-se algumas motivações que faz com que procurassem a comunidade para participar do itinerário da catequese.

Considerando a catequese como itinerário que se percorre para a educação da fé, tem-se a *primeira categoria em que se salienta a motivação para a participação do adulto na catequese*. Essa categoria foi subdividida em quatro subcategorias: *educação da fé, inserção na vida comunitária, resgate de oportunidade, participação nos sacramentos*.

A primeira subcategoria, sobre a *motivação para a catequese como momento para aprofundar a fé*, apresenta-se o princípio que norteia todo o sentido de existir da ação evangelizadora da catequese. Quando falamos em educação da fé de adultos, nos referimos à catequese com adultos na perspectiva de catequese permanente e necessária para todos. A educação da fé é progressiva comporta mudanças de pensamento, amadurecimento de atitudes.

“O adulto deve sair do seu infantilismo religioso, responder às questões fundamentais de sua fé, atualizar-se para justificar o seu "ser cristão" no mundo de hoje e conhecer seu papel transformador dentro e fora da Igreja. Para isso, a catequese deve dialogar com o homem moderno, que é crítico” (Estudos da CNBB – Iniciação à Vida Cristã, 2007, p.39).

São evidentes nas falas dos adultos que procuram a catequese a busca do conhecer, do aprofundar sobre a fé, a religião, a sagrada escritura, tais como: *“Procurei a catequese para aprofundar mais minha fé.” “Mesmo você lendo a bíblia, tem muita coisa que você não consegue ter conhecimento, o significado daquilo que você está lendo, e na catequese, as catequistas tem mais experiência de vida e da palavra.”*

A expressão educação da fé de adultos é algo que vem se firmando cada vez mais na vida da Igreja como uma necessidade para os dias atuais, pois é possível perceber muitos homens e mulheres que se dizem e afirmam católicos, mas que levam uma vida incoerente com a prática da fé, por isso a urgência da catequese com adultos que os ajude na educação da fé, na vivência da fé, bem como do seu conteúdo e mensagem (Calandro, Ledo, 2010).

Na segunda subcategoria, a inserção na comunidade diz respeito à necessidade que os adultos sentem de estar inseridos na vida da comunidade de

fé-Igreja. Um dos objetivos da nova evangelização na catequese é a pertença na vida comunitária. Já, em 1983, o documento Catequese Renovada da CNBB alertava para o valor e importância da *caminhada da comunidade de fé* como ambiente e conteúdo da educação na fé.

O Diretório Geral para a Catequese marca o sentido de uma verdadeira opção comunitária na catequese atual, referindo-a como *condição, lugar, sujeito, objeto e meta* da catequese (DGC 1997. n. 158.254).

O termo comunidade é atualmente usado para realidades muito diversas, desde comunidades nas redes sociais, grupos afins, como também a paróquia, pequenas comunidades, grupos, movimentos eclesiais, etc. O Concílio Vaticano II salientou a eclesiologia de comunhão, e possibilitou uma nova visão da própria paróquia, vista como “comunidade de comunidades”. As comunidades de base, pequenos grupos de cristãos que procuram numa relação mais próxima o espaço para aprofundar, viver, celebrar e rezar sua fé.

Por outro lado, a reflexão catequética atual orienta para o reconhecimento do grupo de catequese como uma verdadeira experiência comunitária, de Igreja. De fato, para muitos adultos que participaram desta pesquisa o grupo de catequese é a primeira e mais próxima experiência de Igreja. Ele é uma verdadeira comunidade dentro da comunidade mais alargada em que está inserido.

A catequese é um processo de educação comunitária, permanente, progressiva, ordenada, orgânica e sistemática da fé. Sua finalidade é a maturidade da fé, num compromisso pessoal e comunitário de libertação integral, que deve acontecer já aqui e culminar no Reino definitivo (CNBB, 1983. CR n. 318,). As características principais da catequese levam em consideração a pessoa e a comunidade; a Bíblia é o livro-fonte; o adulto é o principal destinatário; centraliza-se no seguimento de Jesus Cristo; privilegia a opção pelos pobres.

Na terceira subcategoria, percebe-se o *resgate de oportunidade*, pois alguns adultos por diversos motivos foram iniciados na vivência dos sacramentos na infância, mas pararam aí. É também muito comum no imaginário das pessoas que o itinerário catequético é destinado apenas ao público infantil.

Cada idade é um momento propício da vida que comporta os seus desafios e a sua maturação. Não basta ser adulto em idade, para ser adulto na fé! Uma grande parte dos cristãos cresce em idade e em cultura, mas ao nível da fé ficaram com os conhecimentos infantis. Na sociedade atual tão complexa, não se permanece cristão só

pelo fato de se ter aprendido a sê-lo, quando criança ou adolescente. Tornar-se cristão e adulto na fé não é algo automático, acontece num processo, numa interação de fé e vida, vida e fé.

Também como adultos surge a necessidade de um aprofundamento da fé para que esta seja uma escolha pessoal e fundada, e para o diálogo entre fé e cultura do nosso tempo. Hoje a catequese dos adultos é mais necessária ainda do que a das crianças e adolescentes. Uma das maiores lacunas de muitos cristãos é a falta de uma visão de síntese da fé cristã. Outra lacuna a preencher com urgência é a falta de conhecimento da Sagrada Escritura. A Bíblia, porém, é o primeiro livro da fé e da cultura cristã.

A quarta *subcategoria trata sobre a participação nos sacramentos*, para participar dos sacramentos da iniciação cristã (Batismo, Crisma, Eucaristia) na Igreja Católica, os adultos passam por um tempo de preparação num processo que une fé e vida.

Ainda existe a preocupação de uma catequese centrada meramente na recepção dos sacramentos, e a consequência disto já foi percebida, o distanciamento da comunidade-igreja. O que se percebeu aqui nesta pesquisa é que o interesse dos adultos para catequese não está fixada na busca dos sacramentos, ou para completar os sacramentos da iniciação cristã, mas predominou o desejo de aprofundar a fé.

E neste sentido do desejo de aprofundar a fé que a catequese com adultos é uma catequese original, pois muito mais do que saber e aprender, a catequese com adultos quer oferecer o experimentar, conversar, viver. Há sempre aspectos a rever, confrontos a fazer, realidades a converter, pois a fé é dinâmica e para aprofundar a fé é preciso um processo que acontece na dinâmica da catequese.

Hoje a Igreja do Brasil, tanto através do Diretório Geral para a Catequese da Sé Apostólica, como pelo Diretório Nacional de Catequese da CNBB, o Documento de Aparecida e o estudo da CNBB sobre Iniciação à Vida Cristã conclamam insistentemente o retorno de uma catequese a serviço da iniciação à vida cristã. Percebe-se que o mais importante não é a iniciação sacramental, mas a vida cristã. O documento de Aparecida afirma que é “um desafio que devemos encarar com decisão, com coragem e criatividade, visto que em muitas partes a iniciação cristã tem sido pobre e fragmentada” (Celam, 2007. n. 287).

O Diretório Nacional de Catequese afirma que a fé cristã nos faz reconhecer um propósito na existência: não somos frutos do acaso, fazemos parte de uma história que se desenrola sob o olhar amoroso de Deus. A fé quando encarnada na vida, ensina-nos a

encontrar sentido de vida. Segundo Alberich (2007) há um divórcio entre fé e vida-cultura, que pode ser o resultado de muitas crises entre a pessoa e a instituição. Uma fé alheia aos valores da vida e da cultura, além de gerar contradição, deixa a pessoa indiferente. É necessário que haja esta integração, mesmo permanecendo fiéis à sua tradição religiosa, que considera importante.

“Nessa situação muitos julgam dever escolher a vida e a cultura, abandonando a fé. Mas há também outros tantos cristãos desejosos de permanecer fiéis a uma tradição religiosa que consideram importante para eles, mas que não conseguem integrar de maneira convincente a seu universo vital e cultural” (Alberich, 2007 p. 47).

Viver dessa forma deixa a pessoa dividida como se vivesse em dois mundos, o da fé, e o cultural próprio da vida, um sem ligação com o outro. No entanto quando existe diálogo entre fé com a cultura e a vida, a troca de experiências favorecem mais compromisso e uma verdadeira transformação.

Na segunda categoria, *interação fé e vida*, que é uma forma de ajudar a prática catequética a se desenvolver interagindo as realidades da fé com as situações da vida, pois as experiências da vida não devem estar desligadas da fé, mas, uma iluminando a outra. A afirmação do princípio de interação é a recusa tanto do excesso da teoria desligada da realidade quanto do dualismo que desvaloriza as necessidades do aqui e agora, da vida terrena dos filhos de Deus. (DNC, 2006 p.31). Isto não significa que a prática catequética seja obrigada a dar respostas prontas aos questionamentos feitos pelas pessoas, sobre o sentido da vida, no entanto, tem a missão de ajudá-las a encontrarem respostas à luz da fé.

Em uma das falas dos participantes é notável a presença desta ligação da variável fé com a realidade cotidiana da vida “*vamos percebendo que muita coisa se parece conosco, por isso procurei a catequese e fico muito satisfeito com ela.*” Ao afirmar: “*muitas coisas se parecem conosco*” o participante representa em sua fala a interação fé e vida como relacionamento mútuo das experiências da vida com a formulação da fé. É próprio do ser humano fazer questionamentos, sobretudo em nível existencial, por meio da formulação da fé que encontra as respostas.

Na catequese a interação fé e vida são entendidas como método para a ação catequética, pois evita o dualismo que com frequência opõe fé e vida, sagrado, profano, humano e divino. A Conferência da Puebla ressalta a necessidade de uma catequese atual conectada com a realidade da vida em interação com a fé: “um esforço sincero

para interagir a vida com a fé, a história humana com a história da salvação, a situação humana com a doutrina revelada, a fim de que o homem consiga sua verdadeira libertação” (DP, 1979, n.979).

Durante o itinerário de catequese acontecem diversas celebrações correlacionado aquilo que foi aprofundado no encontro com o grupo a partir do conteúdo, também é celebrado na vida da comunidade. A catequese deve conduzir para o mistério, para a dimensão celebrativa. *A terceira categoria experiência mistagógica*, ressalta a importância da celebração na vida do crente, a fé também é celebrada, ai é alimentada.

O termo mistagogia vem do grego, é composto do substantivo *mystes* [mistério], que deriva do verbo *muew*[*myein*] que significa iniciar aos mistérios. Ser iniciado. Aprender o segredo. E do verbo *agein*, igual a conduzir. Etimologicamente falando significa a ação de conduzir uma pessoa no conhecimento de uma verdade oculta e no rito que a significa. Aquele que introduzia, geralmente sacerdote, era chamado de mistagogo; a pessoa introduzida e iniciada era chamada de *mystes* (Borriello, E. M. R. Del Genio, N. Suffli, 2003, pp. 701-702).

O itinerário da catequese é um processo pedagógico e, ao mesmo tempo, mistagógico da fé, enquanto caminho da maturação da fé. Este itinerário há que conduzir cada participante como interlocutor do processo à experiência da fé em Jesus Cristo. Percebe-se que os participantes se sentem motivados a inserção na comunidade Igreja, a frequentar mais as celebrações litúrgicas a partir destas experiências mistagógicas, há uma afirmação significativa de um dos participantes: *“Nos fortalecia, incentivava ir a Igreja, sinto vontade de ir a Igreja todo dia”*.

A condição humana, tanto em sua dimensão antropológica como psicológica, tem necessidade de celebrar, comemorar. É importante que as conquistas da vida sejam celebradas. Qualquer bom motivo pode ser justificativa para uma celebração. A celebração é uma grande festa. O itinerário de catequese com adultos é marcado por momentos fortes de celebrações e ritos. E percebe-se o quanto estas experiências mistagógicas ajudam os participantes na vida de fé, os adultos a alimentarem sua fé.

A Quarta Categoria, suporte social, ressalta no itinerário da catequese a partilha de vida, de descobertas, vivências e conhecimentos. Todo o itinerário é um processo

realizado em grupo que favorece as relações comunitárias, sendo suporte social para os participantes.

É muito significativa a fala de um dos participantes com relação a este suporte social que o grupo pode favorecer, afirma: *“Me ajuda na socialização, em uma integração maior na comunidade, da cidade mesmo... com a catequese você passa a conhecer a pessoa melhor, e passa a ter afinidade com mais pessoas na comunidade em que você vive, passa a conhecer mais a fundo as pessoas”*.

Atualmente o suporte social é focado sob várias perspectivas que, por sua vez, privilegiam diferentes dimensões. House e cols. (1988), citados por Castro (1997), afirmam que o conceito de suporte social inclui duas diferentes estruturas de relações sociais e três tipos de processos sociais. As estruturas podem ser descritas como: a) o grau de integração/isolamento, ou seja, a existência e quantidade de relações sociais; e b) a estrutura da rede social, isto é, as propriedades estruturais (densidade, reciprocidade, multiplicidade e outras), que caracterizam um dado conjunto de relações sociais. Os processos são assim identificados: a) o controle social, ou seja, a qualidade controladora e/ou reguladora das relações sociais; b) as demandas e conflitos relacionais, que se referem aos aspectos negativos do suporte social; c) o apoio social em si mesmo, que se refere à assistência emocional ou instrumental das relações sociais.

A vivência da fé em comunidade favorece as relações interpessoais, ressalta a importância da vida em comunidade e a fraternidade comunitária, os participantes relatam o espaço da catequese como convivência, partilha de vida e chega até a correlacionar com a interação grupal como família, *“A gente conhece muita gente, se torna uma família, aumenta a fé da gente e ficamos mais amigos das pessoas.”*

A experiência humana e a fé cristã são as duas fontes da teologia: devem ser pensadas em correlação. Ela não parte de doutrinas, mas do encontro e do acontecimento que a pessoa faz em sua vida com a pessoa de Jesus Cristo. A fé enquanto atitude é algo profundamente pessoal; a rigor, não se ensina nem se transmite: é dom, é graça. O que se pode fazer é ajudar outros a acolherem o dom da fé, removendo obstáculos, criando ambiente propício, oferecendo mediações de todo tipo. Dessa forma a *experiência de fé* é a quinta categoria em análise, sendo subdividida em cinco subcategorias: *fé como promotora de esperança e sentido, fé como superação das adversidades, fé como dispositivo para as relações interpessoais, fé como condição para o perdão e a fé como fator de proteção.*

A vida precisa de um sentido para ser vivida. Este sentido é um valor, um objetivo, uma motivação forte que leva a pessoa a agir. Sem este sentido falta a força que move a pessoa. Afirma na primeira subcategoria *a experiência de fé como promotora de esperança e sentido*, percebe-se a variável fé como algo importante para vida das pessoas, como aquela que abre perspectivas e lhe dá sentido de vida. “*Minha vida não acaba aqui, esse é o motivo da minha fé*”, “*Com a fé a gente obtém tudo aquilo que desejamos*”. Quando se afirma que a fé é promotora de sentido na vida não significa algo abstrato; ao contrário, é um sentido totalmente concreto, o sentido concreto de uma situação com a qual uma pessoa também concreta se vê confrontada.

Um dos estudos importantes sobre o sentido da vida foi empreendido por Frankl com a Logoterapia: “num primeiro momento de reflexão e de investigação, Frankl descobriu a importância do significado na existência humana. O sentido da vida é insubstituível. Não se pode viver de maneira verdadeiramente humana sem sentido” (Peter, 2005, p. 30).

A experiência de fé abre a pessoa para uma relação de confiança e esperança que enche de sentido a vida e tudo o que nela acontece. Esse dom responde às questões sobre a sua origem, o seu presente e o seu futuro. Isto é percebido nas falas dos participantes que se sentem acompanhados e amparados por Deus em todos os momentos da vida. Percebe-se, por outro lado, que a experiência de fé como promotora de sentido e esperança é como uma energia que move a pessoa e a projeta para além dos seus limites, permite-lhe convicção e quase um vislumbrar o horizonte que tem à sua frente.

A partir da história do ser humano, é possível sentir que sempre houve esforços das pessoas para vencer as adversidades e situações traumáticas que estão presente na realidade da vida. Segundo Grotberg (2005) as situações de adversidades não são estáticas e conseqüentemente requerem mudanças. Superar as adversidades, a partir da fé, requer uma atitude positiva de vida e de mentalidade. A segunda subcategoria, *a experiência de fé na superação das adversidades*, nos remete a esta questão, a fala de um dos participantes “*Para mim é uma força para superar todas as coisas difíceis que tem na vida*” a fé é entendida como força que ajuda a superar os momentos difíceis da vida.

A fé é entendida aqui no sentido básico de atitude de quem se entrega com total confiança a Deus, vendo nele a razão última da própria existência; e faz desta entrega o eixo central de sua vida, que orienta todo o seu agir, a fé deve ser entendida como

atitude que faz da pessoa ser resiliente frente às adversidades do cotidiano. Seguindo os relatos dos participantes, a fé lhes dá a capacidade para desenvolver-se bem, para continuar projetando-se no futuro apesar dos acontecimentos desestabilizadores, de condições de vida difíceis e de traumas, às vezes graves. A partir da experiência de fé a pessoa se torna capaz de lidar, superar, aprender ou mesmo se transformar com a adversidade que é inevitável a vida.

Aqui se depara com este novo paradigma de estudo para a psicologia: o estudo sobre resiliência. A palavra resiliência é tomada da física dos materiais. É uma força de resistência ao choque e de recuperação. Significa a capacidade elástica de um material para recobrar sua forma original depois de ter sido submetido a uma pressão deformadora. Na psicologia, resiliar [résilier] é recuperar-se, ir para frente depois de uma doença, um trauma ou um estresse. É vencer as provas e as crises da vida, isto é, resistir a elas primeiro e superá-las depois, para seguir vivendo o melhor possível. [...] Implica que o indivíduo traumatizado se sobrepõe [rebondit (se desenvolve depois de uma pausa)] e se (re) constitua (Theis, 2003, p. 50).

Os estudos sobre resiliência sugerem uma mudança de paradigma ao propor uma ótica de observação centrada nas capacidades dos indivíduos e grupos para a superação das experiências traumáticas, uma perspectiva de esperança. Em lugar de priorizar o enfoque dos aspectos negativos, isto é, das fraquezas, sintomas, doenças, carências e meios de compensá-los, tenta descobrir e promover as forças e capacidades para reagir e superar as adversidades da vida.

Contudo, percebe-se que a fé é promotora de resiliência, afirma um dos participantes da pesquisa: *“quando você acha que não dá mais, aí você se agarra com a fé e por fim quando você menos espera você vê que conseguiu superar aquela dificuldade na sua vida.”* Vanistendael salienta que as “pesquisas científicas logo constataram correlações positivas entre a fé religiosa e a resiliência” (Vanistendael, 2005, p. 11-12).

Na terceira subcategoria, a *experiência de fé como dispositivo para as relações interpessoais*, observa-se que a fé é uma atitude pessoal, mas requer relação com outro, do contrário pode torna-se alienação. A experiência de fé deve conduzir a uma atitude prática com o outro, a um relacionamento sadio. Deve possibilitar a relação *eu-tu no encontro com nós*. Afirma um dos participantes: *“Aprendemos a ser melhor com as pessoas”*.

Entende-se por relações interpessoais quando se inicia um processo de autoconhecimento, aprofundando os sentimentos que emergem os conflitos internos, podendo modificar a própria realidade interna e externa da pessoa. No encontro entre pessoas, a partir da fé, experimenta-se, primeiramente, algo mais, algo acrescentado. Recebe-se o que antes não se tinha e o recebe sabendo, ao mesmo tempo, que é dádiva. Não é um conteúdo que se recebe, mas uma presença, que se experimenta como força. Isto inclui a plenitude duma real reciprocidade pessoal.

Falar da experiência de fé como dispositivo para relações interpessoais só é possível a partir da disposição da pessoa para a busca de Deus, esta procura: a indagação por Deus está em todo ser humano. A relação com outro a partir da experiência de fé se dá no empenho em descobrir a realidade de Deus no coração da vida, do mundo e da história. A pessoa só pode corresponder à relação com Deus, da qual ele se tornou participante, se ele, na medida de suas forças, à medida de cada dia, atualiza Deus no mundo, sempre numa relação concreta com outro a partir da sua experiência fecunda de fé (Buber, 2001, p.132).

A experiência de fé nas relações interpessoais pode ajudar a pessoa a ter uma vida mais ética, sendo esta mais importante para a vida diária do cristão. A cada momento a pessoa precisa tomar decisões que afetam a outros e a si mesmo. A ética cristã ajuda as pessoas a encarar seus valores e deveres a partir de uma perspectiva correta. Ela mostra ao ser humano o quanto está distante dos alvos de Deus para a sua vida, mas o ajuda a progredir em direção esse ideal.

Na quarta subcategoria, *a experiência de fé como condição para o perdão*, ressalta a experiência do perdão como renovação da vida. O perdão é a única reação que não se limita ao reagir, mas que age de maneira nova e inesperada, não condicionada pelo ato que o provocou. O perdão é para reparar o que a recusa destruiu. Se a recusa do perdão é profundamente destrutiva, o dom do perdão produz frutos recriadores.

Vários estudos salientaram uma relação positiva entre perdão e saúde mental (Berry & Worthington, 2001), qualidade das relações humanas (Berry & Worthington, 2001), esperança (Rye et al., 2001), bem-estar existencial e religioso (Rye et al., 2001); e uma relação negativa entre perdão e depressão (Brown, 2003), *stress* (Berry & Worthington, 2001), raiva (Berry & Worthington, 2001; Rye et al., 2001), e ansiedade (Subkoviak et al., 1995; cit. por Van Dyke & Elias, 2007).

Esta expressão de um dos participantes: “me perdoa, perdoo, faz com que eu dou perdão”, revela que o perdão é um dom que se doa na gratuidade. O sinal do perdão é o

renascimento da inclinação para a pessoa que feriu e a alegria que acompanha frequentemente a paz reencontrada. O perdão é um dos mais belos efeitos da liberdade.

O perdão é a experiência de paz e compreensão que pode ser sentida no momento presente. A pessoa perdoa quando desafia regras rígidas que tem em relação com o comportamento das outras pessoas, e quando concentra sua atenção nas coisas boas da sua vida, não nas coisas ruins. Perdoar não significa esquecer ou negar as situações dolorosas que aconteceram, mas a poderosa asserção de que as coisas ruins não estragarão o seu presente, mesmo que possam ter prejudicado o seu passado.

Alguns estudos científicos revelaram que o perdão reduz a depressão, aumenta a esperança, diminui a raiva, melhora a conexão espiritual, eleva a autoconfiança emocional e ajuda a cicatrizar as feridas dos relacionamentos; melhora o bem-estar físico e mental, e também os relacionamentos (Luskin, 2002).

A quinta subcategoria, *a experiência de fé como fator de proteção*, faz referência à presença dos fatores de proteção, provenientes de atitudes que os participantes apresentaram a partir do seu estilo de vida com relação à religião, as falas que se cita ilustra algumas características de resiliência. *“Tem uma pessoa com dificuldade, vai rezar por ela, pedir a Deus pra iluminar os caminhos, os passos dela, ai você vê que sua fé é verdadeira que não só ajuda você, mas ajuda o próximo pelo que você pede.”* *“Quando eu consigo vencer a dificuldade, superar aquela dificuldade, quando eu consigo passar por cima daquilo tudo, sair de lá, imaginar que eu nunca iria conseguir, mas porque, eu materialmente, fisicamente não conseguiria se não fosse a fé que eu tenho”.*

Os fatores de proteção foram confundidos com fatores de resiliência em muitos estudos pioneiros sobre resiliência. Atualmente busca-se uma precisão terminológica maior. A consideração dos fatores de resiliência que enfrentam o risco foi substituída pela consideração dos fatores de proteção ao risco.

Esta relação entre estes fatores de risco e fatores de proteção é um aspecto necessário para se chegar ao conceito de resiliência, sendo importante destacar o binômio risco-proteção. Risco ou situação de adversidade aparece na relação entre a pessoa e as circunstâncias do cotidiano que o envolve, seja a situação de qualquer tipo de ordem, ameaçando a satisfação das necessidades básicas desta pessoa e ameaçando a aquisição das competências para desenvolver papéis sociais de valor.

Para Yunes e Szymanski (2002), o conceito de risco tem sua origem no campo do comércio marítimo de séculos atrás; em virtude dos desastres constantes, os

mercadores precisaram estimar o risco de perda de suas mercadorias, o que desencadeou uma indústria de seguros (Araújo, 2006).

Os fatores de risco estão relacionados a todos os adventos adversos da vida, mas sabe-se que a proporção do risco é extremamente variável de pessoa para pessoa, de grupo para grupo.

Segundo Rutter, (1999) há uma diferenciação entre indicadores de risco e mecanismos de risco ressaltando que risco deve ser pensado sempre como um processo e não como uma variável isolada.

Os riscos não são estáticos, pois variam em circunstâncias de vida. Os riscos de hoje são diferentes de anos atrás. Na denominação de Lipovetsky (2004), in: Araújo, (2006) “Vive-se em uma época de alta tecnologia em uma cultura neo-narcisista, em uma sociedade hedonista, em um novo tipo de moral. Vive-se o hipermodernismo”.

Fatores de proteção foram definidos por Grotberg (2005) como os fatores que funcionam para neutralizar o risco. Uma pessoa suficientemente protegida em uma determinada situação seria imune ao risco e não necessitaria desenvolver resiliência. Os fatores de Proteção: Buscam neutralizar o perigo; buscam imunidade ao risco; operam sem a ocorrência da adversidade, operam antes da ocorrência da adversidade.

Rutter (1983) definiu fatores de proteção como influências que modificam, melhoram ou alteram respostas pessoais a determinados riscos de desadaptação.

A partir do que foi mencionado acima, é apropriado dizer que em contraponto aos fatores de risco que ameaçam o bem estar e o desenvolvimento saudável de uma pessoa, existe o que frequentemente se denomina de “fatores de proteção”. Segundo Sapienza e Pedromônico (2005), os fatores de proteção integram os recursos individuais e do ambiente de uma pessoa, como por exemplo, a religião, a rede de apoio social, trabalho, etc. De acordo com Pesce e cols. (2005), os fatores de proteção formam um anteparo para o indivíduo contra as influências danosas dos fatores de risco originados por eventos estressores do ambiente.

Spilka (1985, cit. por Bong-Jae Lee, 2007) sugere que as crenças espirituais são para muitas pessoas fatores de proteção em momentos de estresse, pois estão associadas a melhores habilidades em lidar com estresse e melhor bem-estar psicológico. O argumento deles é que as pessoas procuram dar sentido às suas experiências de vida e procuram entender a causa dos acontecimentos.

Portanto, dentro de um ponto de vista psicológico, uma pessoa quando, mediante vivências de sofrimento proporcionadas pelos fatores de risco, consegue, com auxílio da

experiência de fé fatores de proteção, aprende com as dificuldades e sobressai mais fortalecida da situação.

A sexta categoria, *percepção dos resultados da fé na vida, com as subcategorias percepção dos que vivem a experiência de fé e percepção dos que não vivem a experiência de fé*, acena sobre a percepção dos participantes acerca dos resultados da fé na vida, e os não resultados daqueles que não tem uma prática de fé.

Sendo assim, a fé define-se como um encontro pessoal com Deus, como sentido último da existência e da história do ser humano. Se expressa a partir da vivência, ou seja, de uma prática, exigindo algumas posturas de vida, que se traduz na mudança de critérios de vida, de comportamento e de julgamento. Segundo o papa emérito Bento XVI (2012), “esta é companheira de vida, que permite perceber, com um olhar sempre novo, as maravilhas que Deus realiza em nós”. Ter fé, neste sentido, significa caminhar nesta vida orientado pelo encontro com Deus.

Para os cristãos, este encontro se dá na pessoa de Jesus Cristo, de suas palavras e de suas ações. Confessando-o como sentido último de suas vidas, Ele se torna a perspectiva fundamental, a chave mestra por meio da qual se interpreta e avalia a realidade à sua volta, a sociedade, a história, e também, numa dimensão particular, as experiências vitais, sucessos e reveses, realizações e sofrimentos.

A percepção dos participantes revela que aqueles que vivem a fé têm mais facilidades para enfrentar as situações difíceis da vida, afirma: “*aqueles que têm fé, têm problemas, mas com fé consegue superá-los, passa pelos problemas sem sentir tanto, pois tem uma força maior*”. Contrariamente à lógica do senso comum, no qual a fé pode ser apresentada como uma espécie de experiência irracional, rodeada de afirmações como se fosse a fé um se atirar no abismo sem saber o que há no fundo ou um atravessar o rio sem saber o quanto é profundo, a experiência de fé é aqui considerada como uma “*força maior*”, uma experiência na qual a fé precisa ter um mínimo de plausibilidade. Precisa fazer sentido, ser humanizadora, ser expressão de vida e de confiança. Obviamente que a busca de plausibilidade não elimina o mistério. Sempre haverá uma dose de mistério, pois, se assim não fosse, não seria fé. Neste sentido, João Paulo II (2000), afirma que a fé é de algum modo “exercitação do pensamento”, a razão do homem não é anulada nem humilhada, quando estes são alcançados por decisão livre e consciente.

Na segunda subcategoria, *Percepção dos que não vivem a fé*, os participantes demonstraram as diferenças que eles percebem na vida destas pessoas: “*Há pessoa que*

não busca, é acomodada, e quando aparecem as dificuldades ela irá sofrer mais que a outra, pois ela não estava buscando. E assim ela encontrará mais dificuldade do que a outra que está buscando a fé, pois fé não basta ter, tem que exercer”. É interessante notar que a percepção da experiência de fé esta sempre associada com as dificuldades, e a fé como elemento importante para superar estes momentos. A fé é entendida como aquela que faz com que a pessoa se lance para além do tempo, do momento presente e ao mesmo tempo como necessidade de prática.

Portanto, a percepção da vivência da fé se constitui como uma resposta à revelação que envolve toda a vida de quem crê, proporcionando uma renovação interior e exterior. Percebe-se que o objetivo da fé cristã é proporcionar à pessoa uma experiência de vida que lhe dê sentido e finalidade como um todo, ocasionando uma transformação pessoal e até mesmo coletiva. Enquanto a fé faz com que o crente busque Deus, percebe-se, no interior da própria busca, a necessidade da graça divina. A partir da percepção dos participantes a pessoa sozinha, sem a fé, sem a presença de Deus não seria capaz de chegar ao sentido da vida, lhe faltaria algo.

A vida é feita de encontros e desencontros, em todos os momentos da vida lidamos com situações estressoras, dessa forma, *situações estressoras é a sétima categoria* em análise sendo subdividida em duas subcategorias: *no convívio familiar e no universo do trabalho.*

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa, o termo estresse denota o estado gerado pela percepção de estímulos que provocam excitação emocional e, ao perturbarem a homeostasia, disparam um processo de adaptação caracterizado, entre outras alterações, pelo aumento de secreção de adrenalina produzindo diversas manifestações sistêmicas, com distúrbios fisiológico e psicológico. O termo estressor por sua vez define o evento ou estímulo que provoca ou conduz ao estresse.

Podem-se considerar situações estressoras qualquer evento, acontecimento ou circunstância que exerça influência física, emocional ou mental em uma pessoa. Geralmente os fatores estressores estão relacionados ao convívio social e familiar, ambiente de trabalho, meio ambiente, condição de saúde e situação sócioeconômica da pessoa, dentre outros. Os fatores estressores podem ser de origem externa ou interna dependendo do grau ele pode desencadear uma crise. Essa crise pode ser episódio eufórico ou depressivo.

Os participantes mencionaram que dentro da própria família é que existem as situações mais difíceis de serem enfrentadas e superadas. Os relatos a seguir configuram

a primeira subcategoria, situações estressoras no convívio familiar, é o que mais predominou: *“A situação que eu passo é que meu companheiro é meio alcoólico e eu que cuido dele. É muito difícil”*. *“As dificuldades que temos igual meu irmão tem dificuldade no casamento, mas isso é passageiro, a minha irmã que está com dificuldade de saúde”*.

Os participantes relataram diferentes situações potencialmente estressoras como problemas com drogas, doença, a criação dos filhos, o relacionamento enquanto casal, relações interpessoais, necessidade de manutenção do emprego.

A segunda subcategoria, as situações estressoras no universo do trabalho, o que esteve presente no relato dos participantes foi o relacionamento interpessoal, outro agente estressor citado, apesar de baixa frequência, foi a falta de conhecimento e habilidade do grupo de trabalho. *“Onde a gente trabalha também vejo muito desrespeito, a parte humana, parece que ela vai acabando”*.

Diante de uma situação estressora, o tipo de resposta de cada pessoa depende, não somente da magnitude e frequência do evento de vida estressor, como também da conjunção de vários fatores ambientais e até mesmo genéticos.

Assim, a oitava categoria sobre as consequências das situações estressoras apresenta as diferentes situações estressoras que podem ocorrer ao longo da vida, e as respostas a elas variam entre as pessoas na sua forma de apresentação. Segundo o CID-10 podendo ocorrer manifestações psicopatológicas diversas como sintomas inespecíficos de depressão ou ansiedade, ou transtornos psiquiátricos definidos, como por exemplo, o Transtorno de Estresse Pós-Traumático.

Os participantes apresentaram diferentes aspectos como consequências das situações estressoras: *“Me causa uma prisão saber que eu tenho aquela coisa pra cuidar, aquela pessoa pra gente zelar e me causa uma prisão que eu não posso sair, tem que estar cuidando”*. *“A gente quer ajudar, mas não sabe o que fazer, a quem procurar, a quem pedir ajuda”*. *“Quem não está trabalhando e está desempregado pode dizer que não dá conta de realizar os sonhos”*.

Percebe-se que as consequências frente às respostas dos participantes diante das situações estressoras são: falta de perspectiva, enfrentamento da situação, o evitar ou mesmo fuga das situações, ou até mesmo passividade.

Contudo, com a nona categoria, *estratégia de enfrentamento, subdividida em estratégias de enfrentamento a partir da esperança e da busca da religião*, percebe-se

que a prática da religião e a crença são predominantes fortes para ajudar a enfrentar as situações adversas e as consequências das situações estressoras.

A primeira subcategoria, *estratégia de enfrentamento a partir da esperança*, nos remete ao estado de espírito da pessoa em olhar para além dos fatos e dos acontecimentos, o relato a seguir revela o que significa enfrentar as situações estressoras: “*Eu convivo é na esperança e aceitando também. Não adianta eu estressar então eu convivo na fé, é pela fé que sonho em vencer*”. Aqui se percebe a experiência subjetiva de acreditar no futuro, “*pela fé sonho que vou vencer*”.

Seligman (2004) comenta que a religião foi alvo de críticas na época de Freud, por produzir culpa, repressão da sexualidade, intolerância etc. Mas, há vinte anos surgiram estudos sobre os efeitos psicológicos positivos da experiência de fé. Afirma que pessoas religiosas são menos propensas a usar drogas, a se divorciar, a cometer crimes e suicídio. São fisicamente mais saudáveis, vivem mais, resistem mais a depressão, são mais felizes e mais satisfeitos com a vida do que os não religiosos. O autor pondera, no entanto, que talvez o que dá origem as essas associações seja a esperança no futuro e o significado de vida encontrado nas religiões, a relação entre esperança no futuro e fé religiosa são, provavelmente, a pedra angular do motivo pelo qual a fé afugenta o desespero e aumenta a felicidade.

Na segunda subcategoria, *estratégia de enfrentamento como busca da religião*, esta serve como ferramenta preciosa, como estratégia de enfrentamento para as pessoas que lidam com as situações estressoras na vida (Pargament & Raiya, 2010). A busca da religião tem recebido atenção como sendo um recurso amortecedor perante as tensões as situações estressoras. A pessoa acredita e atribui a um propósito maior, até mesmo de Deus e isto pode ajudar as pessoas a darem sentido a eventos estressores e podem facilitar a sua adaptação a circunstâncias estressoras. Isto se apresenta em relatos como deste participante: “*Buscar a superação né. Procurar a Deus mais, ir à Igreja.*” Assim, ao atribuir as circunstâncias estressoras a um propósito de Deus sentem-se menos desconfortáveis e isto é uma estratégia de enfrentamento de tal realidade.

Assim, as pessoas que veem a religião como uma parte vital da sua vida vão usá-la no seu processo de *coping* porque o ambiente e o contexto do evento estressor influenciam as percepções e as atribuições das pessoas. Spilka (1985, cit. por Bong- Jae Lee, 2007) afirmam que situações percebidas como inexplicáveis ou incontroláveis são mais propensas a provocar uma estratégia de *coping* religioso. Hill e Pargament (2008) verificaram nas suas pesquisas, uma relação positiva entre situações estressantes (e.g.,

desastres naturais, racismo, discórdia confessional, guerra, morte de um ente querido, cancro, e stress pós-traumático) e a religiosidade intrínseca, a frequência na ida à igreja e o estado mental e emocional da pessoa.

CONCLUSÃO

Respondendo às questões do presente estudo e em concordância com a literatura referida, a experiência de fé, sendo uma adesão pessoal, resistente, persistente, à prova de frustrações, faz com que a pessoa seja resiliente, isto é, pessoas que conseguem extrair de dentro de si a partir da experiência de fé o equilíbrio perdido pela ameaça proveniente de qualquer realidade que poderia destruí-las. Segundo os estudos realizados a partir da Psicologia Positiva, estas pessoas têm em comum, nas suas histórias, a confiança depositada em alguém significativo de suas vidas, em função de quem lutam para a superação dos desafios que enfrentam.

A experiência de fé, que acontece no cotidiano da vida, se manifesta em atitudes concretas, na relação com Deus e com os outros, a experiência de fé leva a pessoa a aceitar o projeto de Deus, é ter a certeza que Deus confia no ser humano. Fazer a experiência de fé na realidade da vida não é só crer em Deus, mas é acreditar que Ele já está fermentando a história humana, apesar das contradições e das adversidades. A fé é inseparável do ser humano, pois se constitui em atributo essencial da existência, pela própria natureza, está intimamente ligada à realidade psicológica do ser que crê, pois envolve sentimentos, emoções, vontade, desejos, atitudes e demais aspectos da personalidade.

A fé, vivida como confiança em um Deus presente e força que ajuda a superar o sofrimento, parece ser uma chave no desenvolvimento das capacidades de resiliência. Por isso, a experiência de fé é entendida como adesão do ser humano concreto a um projeto concreto, projeto vivo, Jesus Cristo, Ele é o projeto de Deus, por isso é modelo de todo o ser humano e o ponto central e feliz da história humana. Ser cristão é professar a fé em Cristo ressuscitado presente.

Os estudos de textos da literatura afim e os dados emergidos do grupo focal apresentaram que a experiência de fé provoca um novo modo de ser e de viver. A fé é o algo a mais que uma pessoa possui que a ajuda a ser resiliente frente às situações de adversidades. A fé cristã explica, esclarece e dá novo significado à vida. “O justo vive da fé” [Rm 1,17]. A realidade da vida é lida e esclarecida através da fé, que torna a vida uma experiência e uma prática comprometida com a realidade humana. A fé dá sentido

e ilumina tudo que a pessoa faz. Pela experiência de fé a pessoa encontra sentido na vida, encontra um significado para a própria vida e para a vida do mundo diante das situações adversas do cotidiano da história pessoal e/ou comunitária.

A experiência de fé não desliga a pessoa da realidade da história. A fé não é alienante, ela impele à participação na vida das pessoas e da comunidade. A fé leva a um compromisso de luta pela transformação da história para melhor.

Os estudos realizados nesta pesquisa através do Whoqol SRPB e outros estudos de literatura afins indicaram correlação significativa entre experiência de fé e qualidade de vida, o que demonstra que essa variável pode contribuir para a promoção de saúde e a prevenção de doença. Sabe-se que não é um conceito novo, mas sugere um redirecionamento do enfoque das pesquisas e intervenções para os aspectos sadios do desenvolvimento a partir da experiência de fé.

Por fim, a experiência de fé apresentada nesta pesquisa pretendeu demonstrar que a fé é uma atitude de quem se entrega com total confiança a Deus, vendo nele a razão última da própria existência; e faz desta entrega o eixo central de sua vida, que orienta todo o seu agir, a fé deve ser entendida como atitude que faz da pessoa ser resiliente frente às adversidades do cotidiano. Seguindo os relatos dos participantes, a fé lhe dá a capacidade para desenvolver-se bem, para continuar projetando-se no futuro apesar dos acontecimentos desestabilizadores, de condições de vida difíceis. A partir da experiência de fé a pessoa se torna capaz de lidar, superar, aprender ou mesmo ser transformada com a adversidade que é inevitável a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo, A.C. (2006). *A Resiliência*. IN: Spinelli, R. *Manual de Psicossomática*, cap.8 (no prelo) ARAÚJO, A. C. (2006). *Novas Ideias em resiliência*, São Paulo: Hermes.
- Bento XVI. (2012). Carta Apostólica *Porta Fidei*. São Paulo: Paulinas.
- Buber, M. (2001). *Eu Tu*. Tradução Newton Aquiles Von Zuben. (5ª- edição). São Paulo: Centauro.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bong, J.(2007). Moderating Effects of Religious/Spiritual Coping in the Relation Between Perceived Stress and Psychological Well-Being. *Pastoral Psychology*. Cambridge, MIT Press.
- Houaiss, A. e Villar, M. S. (2001). Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva.

- Castro, R. (1997). La investigación sobre apoyo social en salud: situación actual y nuevos desafíos. *Revista de Saúde Pública*. 31(4), 1-16.
- Fleck, M. P. A.; Skevington, S. (2007). *Explicando o significado do WHOQOL-SRPB*. *Revista de Psiquiatria Clínica*. São Paulo, v. 34, Suplemento 1, p. 146-149.
- Grotberg, E. H. (2005). *Introdução: novas tendências em resiliência*. Em A. Melillo & E. N. S. Ojeda (Orgs.), *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas* (pp. 15-22). Porto Alegre: Artmed.
- Hill, P. C., & Pargament, K., I. (2008). *Advances in the conceptualization and measurement of religion and spirituality: Implications for physical and mentalhealth research*. *Psychology of Religion and Spirituality*, 1, 3-17.
- PauloJ,II. (2000). *Fides et Ratio: Sobre a relação entre fé e razão*. São Paulo: Paulus.
- KitzingerJ; Barbour R. (1999). *Introduction: Developing focus group research: politics, theory and practice*. London: Sage.
- Luskin, Fred. (2002). *O Poder do Perdão*, São Paulo: Novo Paradigma.
- Millward, L. J. (2000). *Focus Group*. In BREAKWELL, Glynis M., ed.; HAMMOND, Sean, ed. FIFE-SCHAW, Chris, ed. *Research methods in Psychology*. London: Sage Publications, p. 303-324.
- Organização Mundial de Saúde. (1993). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10. Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pargament, K. I., Raiya, H. A. (2010). *Religiously integrated psychotherapy with muslim clients: From research to pactice*. Bowling Green State University Professional Psychology: Research and Practice. *American Psychological Association*, 41, 181–188.
- Peter, Ricardo. (2005). *Vitor Frankl: a antropologia como terapia*. Tradução de Thereza Christina Stummer. (2ª Edição). São Paulo: Paulus.
- Pesce, R. P. (2005). *Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência*. *Cadernos de Saúde Pública*, 21(2), 436-448.
- Panzini, R. G. et al. (2011). *Validação brasileira do instrumento de qualidade de vida/espiritualidade, religião e crenças pessoais*. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 153-165, jan./fev.
- Rutter, M. (1983). *Psychosocial resilience and protectiveme chanisms*. *American Journal of Orthopsychiatry*, 57, (3), 316-331.

- Sapienza, G., & Pedromônico, M. R. M. (2005). *Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Psicologia em Estudo, 10* (2), 209-210.
- Seligman, M. (2004). *Felicidade autêntica*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Theis, Amandine. (2003). *La resiliencia en la literatura científica*. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, p. 75-86.
- The Whoqol-SRPB Group. (2002). *Whoqol-SRPB Field-Test Instrument*. Geneva: World Health Organization.
- The Whoqol-SRPB Group. (2005). *Whoqol-SRPB Users Manual*. Geneva: World Health Organization.
- The Whoqol-SRPB Group.. (2006). *A cross-cultural study of spirituality, religion, and personal beliefs as components of quality of life*. *Social Science and Medicine*, New York, v. 62, n. 6, p. 1486-1497.
- Vanistendael, Stefan. (2005). *La résilience et lessurprises de Dieu. Choisi*, Genève.
- Yunes, M. A. M. e Szymanski, H. (2001). *Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas*. In: Tavares, J. (org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez.

ANEXOS

Anexo 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar, como voluntário, em uma pesquisa sobre: **CATEQUESE COM ADULTOS: FÉ E RESILIÊNCIA**. Trata-se de um estudo para conclusão do curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Após ler a descrição da pesquisa, se você aceitar participar, assine no final deste documento em duas cópias. Uma cópia é sua e a outra é do pesquisador responsável. Caso você não queira participar não haverá nenhuma consequência e agradecemos a sua atenção.

A pesquisa tem como objetivo identificar quais fatores promovem a resiliência, explorar os aspectos psicológicos da experiência de fé e sua relação com a vida cotidiana. O pesquisador responsável pela pesquisa é o Padre Eduardo Antonio Calandro - Fone: 62 3385 1136.

Caso aceite participar da pesquisa usaremos a metodologia do grupo focal é uma entrevista baseada na discussão que produz um tipo particular de dados qualitativos gerados via interação grupal. Serão organizados dois grupos distintos que serão submetidos ao mesmo procedimento. Para a formação dos dois grupos faremos um sorteio com o número total dos participantes, sendo um grupo com onze participantes e outro com doze participantes. O sorteio será feito de forma aleatória.

Todos os conteúdos das entrevistas no grupo focal serão gravados em áudio, transcritos literalmente e analisados segundo seus temas. Estes dados ficarão arquivados por 5 (cinco) anos de depois serão incinerados.

Não haverá nenhum tipo de ressarcimento financeiro, pois utilizaremos do espaço e dia de encontro da catequese onde todos já comparecem.

Você responderá primeiramente a um questionário com os dados sociodemográficos, contendo as variáveis: idade, sexo, estado civil, escolaridade, procedência, situação profissional e renda familiar. Depois um questionário chamado **WHOQOL-SRPB** sobre sua **espiritualidade, religião ou crenças pessoais** e como estas crenças afetam sua qualidade de vida. Trata-se de um instrumento desenvolvido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), com objetivo de avaliar Qualidade de vida relacionada à saúde. Após o preenchimento destes questionários faremos no grupo

formado a entrevista Semiestruturada que é composta por quatorze questões com os seguintes elementos: o processo de Itinerário da catequese com cinco questões, sobre a experiência de Fé com seis questões, os elementos estressores com duas questões, e a estratégia de enfrentamento com uma questão.

Riscos e benefícios da sua participação no projeto:

Normalmente as pessoas não relatam nenhum tipo de sofrimento, constrangimento por participarem das atividades propostas nesta pesquisa. No entanto, é possível que você se sinta desconfortável ao ter que falar sobre algum assunto mais delicado da sua vida ou sinta um pouco de ansiedade por alguma situação que você ainda não conhece. Essas coisas são normais, mas se você se sentir muito incomodado, os pesquisadores farão todo o possível para que você se sinta bem e seu problema seja resolvido sem nenhum custo para você, inclusive encaminhando-o para outros profissionais se for o caso.

Como benefício da sua participação nessa pesquisa será feita uma palestra, contribuindo assim para o seu bem estar e qualidade de vida e terão acesso e explicação dos resultados do questionário WHOQOL-SRPB.

A qualquer momento você poderá esclarecer suas dúvidas acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa com o pesquisador. Sua participação na pesquisa é confidencial e seu nome não aparecerá em momento algum e nem qualquer outra informação que possa identificá-lo como participante da mesma. Depois que a pesquisa terminar, os dados coletados serão guardados em lugar seguro, por cinco anos, e depois desse período serão destruídos. As informações dadas por você não serão utilizadas para nenhuma outra pesquisa sem o seu consentimento.

Caso você sinta-se ofendido terá direito de recorrer à justiça para pedir indenização aos danos causados.

Eu, _____, RG nº _____

acredito ter sido suficiente informado a minha participação na pesquisa “**CATEQUESE COM ADULTOS: FÉ E RESILIÊNCIA**”. Discuti com o Padre Eduardo Antonio Calandro sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo.

Concordo em participar voluntariamente deste estudo, sem remuneração, e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Nome: _____

Endereço: _____

RG: _____

Fone: () _____

Data ____/____/____

Assinatura do participante

Testemunha

Anexo 2

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Nome: _____

Idade: _____ Data da entrevista: _____

Data de Nascimento: _____

Sexo: 1- () Masculino 2- () Feminino

Estado Civil:

1- () Solteiro 2- () Casado 3- () Divorciado/Separado

4- () União Livre 5- () viúvo 6- () Outro _____

Escolaridade:

1- () Educação Infantil (Alfabetização) 6- () Superior incompleto

2- () Ensino Fundamental incompleto 7- () Superior completo

3- () Ensino Fundamental completo 8- () Pós-graduado

4- () Ensino Médio incompleto

5- () Ensino Médio completo

Procedência:

1- () Grande Goiânia 2- () Interior de Goiás 3- () Outros Estados

Situação Profissional:

1- () Empregado 2- () Aposentado 3- () Autônomo 4- () Trabalho Irregular

5- () Outro 6- () Desempregado 7- () Sem Trabalho

Renda Familiar:

1- () Menos de 1 Salário Mínimo 2- () De 1 a 2 Salários Mínimos

3- () De 2 a 4 Salários Mínimos 4- () Mais de 4 Salários Mínimos

Anexo 3

WHOQOL-SRPB

As questões seguintes são sobre sua **espiritualidade, religião ou crenças pessoais** e como estas crenças afetam sua qualidade de vida. Estas questões são elaboradas para ser aplicáveis para pessoas de culturas diferentes e que possuem as mais variadas crenças espirituais, religiosas ou pessoais. Se você segue uma religião particular, como Judaísmo, Cristianismo, Islã ou Budismo, você provavelmente responderá as questões seguintes com suas convicções religiosas em mente. Se você não segue uma religião particular, mas ainda acredita que algo superior e mais poderoso existe além do mundo físico e material, você pode responder as questões seguindo essa crença. Por exemplo, você pode acreditar em uma força espiritual mais alta ou o poder curativo da Natureza. Você pode não ter nenhuma convicção em uma entidade superior espiritual, mas você pode ter crenças pessoais fortes, como acreditar em uma teoria científica, um estilo de vida pessoal, uma filosofia particular ou um código moral e ético.

Algumas destas questões usarão palavras como espiritualidade. Por favor, responda estas questões em função de seu próprio sistema de crença, seja este religioso, espiritual ou pessoal.

As questões seguintes perguntam como suas crenças afetaram diferentes aspectos da sua qualidade de vida nas últimas duas semanas. Por exemplo, uma questão pergunta "Até que ponto você sente alguma ligação entre a sua mente, o corpo e a alma?" Se você vivenciou isto muitas vezes, circule o número próximo a "Muito". Se você não vivenciou isso, circule o número próximo a "Nada". Você deve circular um dos números dentre as possíveis respostas. As questões se referem às **últimas duas semanas**.

SP1.1 Até que ponto alguma conexão com um ser espiritual ajuda você a passar por épocas difíceis?

Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
1	2	3	4	5

SP1.2 Até que ponto alguma conexão com um ser espiritual ajuda você a tolerar o estresse?

Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
1	2	3	4	5

SP1.3 Até que ponto alguma conexão com um ser espiritual ajuda você a compreender os outros?

Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
1	2	3	4	5

SP1.4 Até que ponto alguma conexão com um ser espiritual conforta/tranqüiliza você?

Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
1	2	3	4	5

SP2.1 Até que ponto você encontra um sentido na vida?

Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
1	2	3	4	5

SP2.2 Até que ponto cuidar de outras pessoas proporciona um sentido na vida para você?

Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
1	2	3	4	5

SP2.3 Até que ponto você sente que sua vida tem uma finalidade?

Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
1	2	3	4	5

SP2.4 Até que ponto você sente que está aqui por um motivo?

Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
1	2	3	4	5

SP5.1 Até que ponto você sente força espiritual interior?

Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
1	2	3	4	5

SP5.2 Até que ponto você encontra força espiritual em épocas difíceis?

Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
1	2	3	4	5

SP8.1 Até que ponto a fé contribui para o seu bem-estar?

Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
1	2	3	4	5

SP8.2 Até que ponto a fé lhe dá conforto no dia-a-dia?

Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
1	2	3	4	5

SP8.3 Até que ponto a fé lhe dá força no dia-a-dia?

Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
1	2	3	4	5

SP3.2 Até que ponto você se sente espiritualmente tocado pela beleza?

Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
1	2	3	4	5

SP3.3 Até que ponto você tem sentimentos de inspiração/emoção em sua vida?

Nada	Muito pouco	Mais menos	ou	Bastante	Extremamente
1	2	3		4	5

SP 3.4 Até que ponto você se sente agradecido por poder apreciar ("curtir") as coisas da natureza?

Nada	Muito pouco	Mais menos	ou	Bastante	Extremamente
1	2	3		4	5

SP7.1 Quão esperançoso você se sente?

Nada	Muito pouco	Mais menos	ou	Bastante	Extremamente
1	2	3		4	5

SP7.2 Até que ponto você está esperançoso com sua vida?

Nada	Muito pouco	Mais menos	ou	Bastante	Extremamente
1	2	3		4	5

SP3.1 Até que ponto você consegue ter admiração pelas coisas a seu redor? (p. ex., natureza, arte, música)

Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente
1	2	3	4	5

SP4.1 Até que ponto você sente alguma ligação entre sua mente, seu corpo e sua alma?

Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente
------	-------------	-------	-------	---------------

1 2 3 4 5

SP4.3 Até que ponto você sente que a maneira como vive está de acordo com o que você sente e pensa?

Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente
1	2	3	4	5

SP4.4 O quanto as suas crenças ajudam-no a criar uma coerência (harmonia) entre o que você faz, pensa e sente?

Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente
1	2	3	4	5

SP5.3 O quanto a força espiritual o ajuda a viver melhor?

Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente
1	2	3	4	5

SP5.4 Até que ponto a sua força espiritual o ajuda a se sentir feliz na vida?

Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente
1	2	3	4	5

SP6.1 Até que ponto você se sente em paz dentro de você mesmo?

Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente
1	2	3	4	5

SP6.2 Até que ponto você sente paz interior?

Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente
1	2	3	4	5

SP6.3 O quanto você consegue se sentir em paz, quando necessário?

Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente
1	2	3	4	5

SP6.4 Até que ponto você sente um senso de harmonia na sua vida?

Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente
1	2	3	4	5

SP7.3 Até que ponto ser otimista melhora a sua qualidade de vida?

Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente
1	2	3	4	5

SP7.4 O quanto você é capaz de permanecer otimista em épocas de incerteza?

Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente
1	2	3	4	5

SP8.4 Até que ponto a fé o ajuda a gozar (aproveitar) a vida?

Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente
1	2	3	4	5

SP4.2 Quão satisfeito você está por ter um equilíbrio entre a mente, o corpo e a alma?

Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
1	2	3	4	5

Roteiro de entrevista semiestruturado para grupo focal

I- Processo de Itinerário de Catequese

- 1- Por que você quis fazer a catequese com adultos?
- 2- O que a catequese com adultos te ajuda em sua vida pessoal?
- 3- A participação nas celebrações que acontecem durante o itinerário da catequese te ajudam em quê?
- 4- Este itinerário da catequese com adultos tem lhe ajudado em sua vida? Em que?
- 5- O que grupo de catequese te ajuda?

II- Experiência de Fé

- 6- Para você o que é ter fé?
- 7- O que se pode obter com a fé?
- 8- O que a fé representa em sua vida?
- 9- Ter fé te ajuda em quê?
- 10- Que diferença você considera que exista na vida de uma pessoa que busca uma experiência de fé e uma outra que não busca?
- 11- Como você percebe que a fé pode lhe ajudar a lidar ou superar as dificuldades em sua vida? (fatores de proteção)

III- Elementos estressores

- 12- Que situações difíceis você tem vivenciado em sua vida, pessoal, social e familiar nos últimos doze meses?
- 13- O que estas situações de dificuldades causaram em sua vida? (consequência das adversidades e riscos vivenciados)

IV- Estratégia de enfrentamento

14- Como você convive ou lida com as dificuldades da vida cotidiana?

Anexo 5



 **DIOCESSE DE GOIÁS**

Eu, Dom Eugenio Rixen, bispo da diocese de Goiás, declaro junto ao Comitê de Ética de Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e junto ao Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Psicologia, que reconheço e aprovo o projeto de pesquisa do mestrando Padre Eduardo Antonio Calandro, intitulado **CATEQUESE COM ADULTOS: FÉ E RESILIÊNCIA**, que será realizado na Paróquia Nossa Senhora da Guia em Santa Fé de Goiás.

Dado e passado na Cúria Diocesana de Goiás aos 26 de fevereiro de 2013.

Bispo da Diocese de Goiás

Anexo 6

**Resposta do Comitê de Ética de Pesquisa da
Pontifícia Universidade Católica de Goiás**

Título da Pesquisa: Catequese com Adultos: Fé e Resiliência.

Pesquisador: EDUARDO ANTONIO CALANDRO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 13816413.4.0000.0037

Submetido em: 09/04/2013

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Goiás

Situação: Aprovado

Localização atual do Projeto: Pesquisador Responsável

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio